



SÓ POR UMA NOITE

MONIQUE E MÔNICA SPERANDIO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



SÓ POR UMA
NOITE

MONIQUE E MÔNICA SPERANDIO



SUMÁRIO

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Epígrafe](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[NOTAS](#)

SÓ POR UMA NOITE

Monique e Mônica Sperandio



© 2016 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, seja este eletrônico, mecânico de fotocópia, sem permissão por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Produção editorial:

Equipe Novo Conceito

Sperandio, Monique e Mônica

Só por uma noite / Monique e Mônica Sperandio. – Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2016.

ISBN 978-85-8163-465-4

1. Ficção brasileira I. Título.

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885

Parque Industrial Lagoinha

14095-260 – Ribeirão Preto – SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

“Noite. Noite encantada. Noite dolorosa. Noite doida, mágica e louca. E ainda sim, noite. Noite que parece não terminar nunca. Noite que às vezes passa rápido demais.”

— em *Desculpa se te chamo de amor*, de Federico Moccia —

PRÓLOGO

Tudo começou com uma garrafa barata de tequila. Eu não pude evitar. A culpa não foi minha, as palavras apenas saíram da minha boca como se eu as vomitasse. Ok, não foi tão fácil quanto vomitar, mas foi tão desagradável quanto. Aliás, deve ser assim com todos os segredos que nos deixam despertas a noite toda. Quando eles escapam pela nossa boca, a sensação de enjoo se torna uma constante e nada faz com que ela vá embora. E, é claro, sem esquecer a sensação de ter o estômago comprimido, como se estivesse revestido de cimento ou ácido, qual for o pior. Mas, de qualquer modo, foi tudo culpa da tequila. E da Vicky, mas sobre ela eu falo depois. Essas são as razões de eu estar aqui, do lado de fora do Mustang Sally, um bar dos anos 1960, no meio da noite, frente a frente com o meu-melhor-amigo-e-garoto-por-quem-nutro-uma-paixão-secreta-há-três-anos, esperando que ele faça alguma coisa. Tipo, qualquer coisa mesmo. Algo como respirar ou piscar, por exemplo.

Dou um passo vacilante para trás, quase caio devido à altura do meu salto e às tais doses de tequila que tomei. Isso parece despertar Gustavo do transe em que ele se encontra. Seu rosto está indecifrável, coberto pelas sombras da noite, e a única coisa que prova que ele ainda está vivo é o leve e ritmado movimento que seu peito faz. Ele pisca, atônito, desvia o olhar para os carros que passam na rua e volta os olhos para mim. Dessa vez, quem desvia o olhar sou eu. Porque eu sei que se eu olhar dentro daqueles olhos — dentro daqueles olhos verdes que me hipnotizam, que me fazem ceder —, sei, do fundo da alma, que irei desmoronar. E eu não posso desmoronar. Não agora. Não quando tudo está em jogo.

— Sam... você... você não pode estar falando sério. Quer dizer, você está *bêbada* — diz ele, engolindo em seco. — Isso só deve ser

uma aposta boba das suas amigas. Acho melhor eu chamar um táxi pra você poder ir pra casa e...

Dou um passo à frente, mas não sem antes tropeçar. Maldita tequila! O mundo gira e o vento chicoteia meu rosto, tenho plena consciência de que irei de encontro ao chão em questão de milissegundos. No entanto, essa certeza se dissipa no instante em que sinto dois braços firmes me segurarem. Começo a rir histericamente e sinto Gustavo me abraçar de um jeito protetor. De um jeito que só um melhor amigo faria. E, para ser honesta... não quero um melhor amigo. A não ser que seja um melhor amigo com benefícios.

Consigo me desvencilhar dele e o empurro.

— Sério, vou chamar um táxi pra você, Sam — avisa ele com um tom autoritário na voz. — Você não sabe o que está fazendo.

— Cala a boca — digo. — Por acaso você não ouviu o que eu disse? — O coração se contrai à medida que as palavras escapolem. — Eu acabei de dizer que estou apaixonada por você, e tudo que você faz é comentar que eu estou bêbada? — Neste exato momento, não me importo em fixar os meus olhos nos dele. Caramba, não estou nem aí. Quero apenas ouvir alguma palavra. Qualquer coisa. De preferência algo do tipo: "Eu também nutro uma paixão secreta por você, Samanta. Vamos caminhar pela noite de mãos dadas enquanto falamos bobagens".

Entretanto, não é isso o que ele fala. Meu Deus, passou longe! Gustavo lança um olhar de cólera e tenta pegar a minha mão enquanto solta as palavras que acabam por fazer ruir tudo.

— E... eu... eu tenho namorada, Sam.

Chacoalho a cabeça, mal acreditando no que Gustavo diz. Então engulo em seco, em uma luta particular para conter as lágrimas. Estou bêbada. Acabei de levar um fora do meu melhor amigo. E estou prestes a dar um show na porta de um bar. A noite não poderia ter ficado pior.

Como ele tem coragem de falar isso? Como ele tem coragem de... de... de não me querer? Como ele pode?... como...

— Sam, por favor, não chore — suplica ele, tentando me alcançar. Mas eu já estou longe. Apenas alguns centímetros de distância dele, porém jamais estive tão longe dele como agora. Gustavo não pode me alcançar mais. Não pode.

— Não me peça para não chorar. Não quando *você* é o motivo do choro — digo rispidamente, me embaralhando com as palavras. Tudo está girando e cada carro que passa na rua joga a luz de seus faróis em meu rosto, piorando ainda mais a tonteira.

— Se não fosse por isso, eu... Quer dizer, nós teríamos...

— A Andreya é uma descarada, uma oferecida. Você sabe disso, não sabe? Ela te traiu duas vezes e você ainda continua com esse "relacionamento".

— Sam, por favor, pare com isso. É complicado para mim... — Gustavo começa a falar, mas, neste momento, eu não me importo. Meu celular vibra em meu bolso e eu o pego para checá-lo. Notificação de nova mensagem no visor. Clico na tela e leio o que está escrito, com certa dificuldade.

Faça. Faça agora antes que seja tarde demais. É a última chance. Lembre-se das razões pelas quais estamos aqui, para começo de conversa. Vicky acreditava em você, assim como nós!!!

Então, sem parar para pensar — porque se pensar agora, se tiver o mais leve pensamento, sei que o medo acabará tomando conta de tudo e arrastará a coragem para longe (e, neste momento, eu preciso da coragem aqui comigo) —, faço a única coisa que posso fazer. Avanço até Gustavo e beijo-o.

Ele fica sem reação. Está assustado demais para fazer algo a respeito, como me impedir ou mesmo corresponder, então aprofundo o beijo ainda mais, passando os meus braços ao redor de seu pescoço, incentivando-o. Quer saber? Que se dane. É verão. E

eu estou bêbada. É isso aí. A minha língua em sua garganta. Para o inferno as regras. Estou beijando o meu melhor amigo, e isso nunca me havia parecido tão certo, mesmo que pudesse ser tão absurdamente errado.

Subitamente, depois de alguns segundos beijando-o, sinto sua mão em minha nuca, e o toque me congela. Ele está correspondendo! Meu Deus, sim, está! Eu, animada e cheia de esperança, me descongelo rapidamente e aprofundo o beijo. Seu toque é delicado e carinhoso, como se receasse me quebrar. E talvez receie. Receie quebrar o que existe entre nós. Mas eu me pergunto se depois de beijar o meu melhor amigo/garoto por quem estou apaixonada, será que ainda resta algo a se quebrar? A amizade foi para algum lugar bem distante, onde parece ser impossível de ser alcançada. Depois desta noite, não sei o que será daqui em diante. Mas será algo. Pela maneira como Gustavo me beija, sei, com cem por cento de certeza, que será *algo*.

Bem, pelo menos é isso que eu penso até sentir um braço me puxando com toda a força e me derrubando no chão. Olho para cima sem saber como há dois segundos estava nos braços do meu melhor amigo e agora estou caída de joelhos em um chão imundo. Com os joelhos ralados, é claro. Porque, de algum jeito, sempre acabo no chão com os joelhos esfolados, sangrando.

Pisco atordoadamente, até que compreendo. Sim, compreendo tudo.

Ela está aqui.

CAPÍTULO 1

Cinco horas atrás

O reflexo no espelho mostra quem nós realmente somos ou quem nós aparentamos ser? Honestamente, eu não sei. Mas, durante meus dezessete anos de vida, o reflexo no espelho nunca me pareceu tão... *certo*. Sabe quando se tem aquela sensação de olhar para a sua imagem e encontrar força e determinação naqueles olhos que encaram você de volta como se estivessem enxergando a coisa em si, pela primeira vez? Bem, é exatamente assim que estou me sentindo. Eu. Euzinha. Não um arquétipo do que a sociedade espera que eu me pareça. Pela primeira vez em dezessete anos, sinto que reconheço a pessoa do outro lado do espelho.

Então, sem esperar um segundo a mais sequer, digito o número tão conhecido no teclado do meu celular. Depois de chamar três vezes, ela finalmente atende.

— E aí? — pergunta Daphne.

— Eu fiz — digo a ela, e volto a me olhar no espelho do salão de beleza. Ouço outra voz, que só pode ser da Nat, e então, efusiva, ela emenda:

— *Aimeudeusdocéu*. Levante essa sua bunda da cadeira e a traga aqui agora mesmo! Nós estamos na loja do lado!

Dou risada e faço exatamente o que ela pede, não sem antes agradecer e pagar a minha cabeleireira preferida, Ana, e ela me abraçar, sussurrando um “boa-sorte” cheio de convicção e altruísmo.

— Agora é a vez da sua amiga. Até depois — diz ela.

Marina respira fundo e se senta na cadeira. Seu olhar está petrificado. Sei que ela está tremendo de medo.

— Nós estaremos te esperando aqui do lado — digo sorrindo. — Você está em boas mãos, Mari.

Ela dá um meio sorriso e acena.

Saio do salão com uma confiança que nunca tive em toda a minha vida. Eu tinha conseguido! Tinha sido a primeira a cumprir um dos itens da *lista*.

Respiro fundo e olho para o céu de Curitiba. A cidade, que é costumeiramente chuvosa e cinza, em dezembro parece outro planeta. O céu nunca me pareceu tão sereno e colorido, com um laranja vibrante se espalhando pelas nuvens, deixando-as numa mistura de tons róseos e amarelados.

Estremeço ao sentir a brisa leve de verão bater em meus ombros, devido à estranha sensação de ter abandonado os cabelos compridos. O longo cabelo que tive por anos é coisa do passado. Jaz agora no chão do salão, para ser varrido e jogado no lixo. Assim como o meu medo e as minhas incertezas. Agora, o meu cabelo é curto e leve.

Passo as mãos entre os fios e sinto a maciez deles. O loiro apagado e sem vida que compunha a cor deles foi substituído por um tom chocolate vivo e intenso, que chega a brilhar.

Vivi quase a minha vida inteira sem grandes mudanças de visual. Sem me aventurar ao novo, sem me aventurar em coisas que faziam o meu coração saltar no peito. Sem tentar qualquer coisa fora do trivial, ou que me causasse medo. Sem mergulhar no desconhecido. Admito que é muito mais fácil ficar na impenetrável e frágil bolha. Sem permitir que ninguém ultrapasse a zona de conforto. É um lugar bom. Mas não um lugar ótimo. E, então, percebo que nunca gostei do bom, que o bom nunca me foi suficiente. Eu quero o ótimo. O extraordinário. Quero o que me faz escapar o fôlego, o que me deixa desperta nas noites quentes e abafadas de verão. Quero o impossível, o irreal, o absurdo.

Se eu quero doce? Que nada. Eu quero mesmo o extrapicante, quero pegando fogo.

— Vai ficar aí olhando para o céu esperando por um milagre? — grita Nat, a alguns metros de mim. — Não essa noite, Sam! Hoje iremos fazer acontecer! — afirma ela, toda confiante.

Vou em direção à Natália (se ela me escutasse a chamando desse jeito, não iria nem responder. Ela odeia o seu nome, então obriga todos a chamarem de Nat) e escuto um guincho de animação.

— Seu cabelo! Minha nossa! Você está tão linda! — exclama ela, me abraçando.

— Você gostou? Ficou bom mesmo? — pergunto, deixando-a me olhar.

— Sam, você era uma garota linda com o cabelo antigo. Mas... Agora? — ela indaga. — Caramba, coitada da garota que disputar um garoto com você! Vai perder feio! — Nat passa as mãos em meu cabelo enquanto eu sorrio. — Seus olhos azuis ficaram muito mais intensos com essa cor. Você está perfeita. A mudança só está começando. Vem, vamos entrar na loja. — Nat está radiante. Posso ver em seus olhos (castanhos, diga-se de passagem) que ela está cheia de esperança. E eu, também.

:):(:):0:|:P

Apesar de eu ser cliente do salão há anos, poucas vezes havia percebido a incrível loja que tem ao lado dele. As araras são repletas de vestidos coloridos, todos combinando com o meu humor hoje.

Por sorte, a loja está vazia e a vendedora é simpática e prestativa. Seu nome é Jacqueline e ela nos mostra um look melhor do que o outro. Acabo pegando alguns vestidos, shorts e blusas e levo-os ao provador.

Uma música animada e contagiante ecoa das caixas de som localizadas no teto da loja.

— Você está sexy — elogia Daph, saindo do provador. — Este cabelo curto te dá um ar de mistério e perigo. Gostei.

Rolo os meus olhos e devolvo um sorriso a ela. Daphne se dirige ao espelho gigante que fica no centro da loja. Ela sobe num degrau e dá uma volta.

Seu cabelo loiro está solto e cai como uma cascata sobre a blusa tomara que caia branca que usa. Uma saia azul florida superjusta e divertida dá uma cara de verão ao look dela. Daph está linda. Pronta para arrasar.

— Linda! O melhor de tudo é que combina com todos os lugares que iremos essa noite. Aprovada! — afirma Nat, escolhendo algumas roupas nas araras.

— Você precisa comprar, te deixou superiluminada — digo, entrando no provador.

— É, essa roupa me deixou mais viva. E, olha só, até que me deixa com peito maior, o que é uma proeza considerando o meu pacote, né? Vou levar! — ouço Daphne dizer para a vendedora e solto um riso.

Daph sempre foi a mais corajosa e forte de todas nós. Ela não tem medo de dizer o que pensa, nem o que sente. Essa é uma das coisas que eu mais admiro nela. Não é à toa que ela namora um dos caras mais gatos da escola. Quer dizer, *namorava*. Seu namorado terminou com ela ontem. E quer saber o pior? Ela não está nem um pouco triste! Nem ligou para uma de nós para chorar. O Lucas parecia ser o garoto perfeito, mas, definitivamente, não foi perfeito para Daph. Ninguém sabe ainda o motivo do término. Tirando isso, não sei nem por que a Vicky fez alguns desafios na lista para ela. Não que eu não quisesse que ela estivesse aqui, de forma alguma. Não seria a nossa noite se Daph não participasse. Só estou dizendo que Daphne nunca precisou de uma lista de desafios para ter coragem, era destemida por natureza. Herdou dos pais, talvez?

Por mencionar pais, os dela são as pessoas mais legais que eu já conheci na vida! Superliberais e sempre dispostos a ajudar no que der e vier. Seu pai é do tipo engraçado, enquanto sua mãe tem um espírito otimista, independentemente da ocasião. Sempre me sinto bem quando eu vou à casa dela. Confortável, como se eu pertencesse àquele lugar. Bem, isso quando suas irmãs gêmeas pequenas não estão brigando com o irmão mais novo. Aí o lugar vira um campo de batalha. Certa vez nós quatro estávamos na casa dela e os irmãos não paravam de brigar. Estávamos sozinhas com a pirralhada. Daphne não aguentou a briga e borrifou neles todo o conteúdo do extintor de incêndio. A sala ficou repleta daquele pó branco do extintor. O bom desse episódio é que as crianças pararam de brigar e foram obrigadas a limpar tudo. Aquilo foi muito cômico.

Experimento alguns vestidos, mas nenhum deles chama a minha atenção. Provo o último e este me parece consideravelmente chamativo, eu aparento estar pronta para me juntar àquelas “senhoritas” na esquina. Não, definitivamente não.

— Ei, Sam, estou aqui no provador do lado. Achou alguma coisa?
— pergunta Nat.

As blusas ficam fofas, mas não posso ir para o nosso “tour” da noite assim. Começo a perder as esperanças, até eu colocar uma blusa do Rolling Stones com um shorts jeans meio rasgado. Saio do provador e mostro para as meninas.

— É diferente do que você costuma usar. Estou gostando de ver, Samanta. Nossa garotinha está mudando! — diz Daph, arqueando a sobancelha.

— Ótimo! Vou ficar com essa! — digo, indo até o caixa para pagar.

— Você precisa de sacola? — pergunta a vendedora, enquanto passa o cartão de crédito.

— Não, já vou ficar vestida com a roupa — respondo, pegando o cupom fiscal.

Nat vem até o caixa com um vestido florido tomara que caia e uma jaqueta de couro superjusta por cima. Seu cabelo castanho está ondulado hoje e, assim como Daphne que só deixou seu cabelo loiro liso, em vez de cacheado, não exagerou muito na transformação de visual.

Daphne havia nos maquiado enquanto estávamos no salão. Ela tinha deixado minha maquiagem mais escura e sombria do que eu geralmente usava, mas eu tinha gostado do resultado. Estava diferente, e o preto realçava meus olhos azuis, que tantas vezes pareciam sem vida. No entanto, hoje eles estavam mais vivos do que nunca. Provavelmente porque estou prestes a enfrentar os meus maiores medos.

— Também não vou precisar da sacola — diz Nat, estendendo o dinheiro.

— Ei, vocês estão saindo sem mim? — pergunta uma garota de mechas rosas, entrando na loja. Só que ela não é uma garota qualquer. É Marina. Com. Mechas. Rosas.

— Jesus! — exclamo, indo até ela. Daphne e Nat me acompanham e, juntas, nós tocamos no cabelo novo de Marina.

— Seus pais vão te matar! — diz Nat, rindo.

— Quer saber? Eu não me importo. Essa noite eu não vou me preocupar com o que eles pensam. Eu. Não. Ligo. A. Mínima. Hoje eu vou fazer o que eu sempre quis. Hoje eu sou livre!

Ela está incrível! As novas mechas contrastam com seus olhos castanhos escuros e com o seu cabelo castanho. Ficou ótimo.

Daph e eu trocamos um high five e levamos Marina para escolher sua roupa, enquanto Nat termina de pagar as compras.

Estou feliz. Estou confiante. Estou com elas. E sei que qualquer coisa que aconteça essa noite, nos unirá ainda mais. Sei que, se elas estiverem comigo, terei coragem para fazer o que tenho de cumprir. Doa a quem doer. Custe o que custar.

— Eu ainda não acredito que você teve a coragem de fazer mechas rosas! Ficaram tão estilosas! E olha que combinou com a maquiagem rosa com preto que eu fiz em você — diz Daphne, estendendo um vestido azul-marinho para Marina. Este é, provavelmente, o décimo oitavo vestido que Mari experimenta. Ela é um tanto complicada para escolher roupas.

— Eu só fechei os olhos e apontei para o mostruário de cores. Não foi tão difícil. Além do mais, eu sempre quis ter o cabelo colorido. Combina com o meu novo eu.

Na verdade, era um pouco difícil ser ela. Os pais de Marina são os mais rígidos do planeta. Eles a pressionam de uma maneira bem intensa. E acho que é por isso que Marina é um pouco complexada. Ela tem essa urgência em ser perfeita em tudo que ela faz. Notas perfeitas, palavras perfeitas, aparência perfeita e comportada. Sem rebeldia nem coisas fora do padrão da sua família. Nada além de ser um robô que sorri e faz tudo com destreza-e-perfeição-sem-sentir-e-sem-se-rebelar. Acho que é por isso que ela fez essas mechas rosas. Mari estava sufocada. Ela precisa dessa noite tanto quanto eu. Tanto quanto qualquer uma de nós.

— Não precisamos mais procurar. Achei. — Marina abre a porta do provador. Ela gosta do vestido azul-marinho justo. Seu olhar está decidido.

— Aleluia! — digo ao me levantar do sofá em que estava sentada. Até a expressão da vendedora fica mais leve. Finalmente poderemos sair daqui e começar a diversão!

Marina vai até o caixa e paga pela sua roupa.

Estamos todas bem vestidas, maquiadas e prontas. Mas não ainda sem tirar uma foto de nós quatro. Do quarteto fantástico.

Sim, a noite começa a partir de agora.

— Não, ainda não, gente! Saímos juntas, todas com o pé direito, ok? Para dar sorte! — diz Nat, nos parando da porta da loja.

— Você não pode estar falando sério — diz Marina com um olhar descrente.

— Não quero saber. Vamos juntas, no três — avisa ela, dando as mãos para mim e para Daph, que está do outro lado dela. — Um...

— Dois... — diz Daphne.

— Três! — eu grito.

Nós quatro saímos com o pé direito. O nosso primeiro passo. O meu primeiro passo. Meu primeiro passo nessa noite, que ainda nem começou. Nessa noite cheia de promessas, cheia de sonhos a cumprir e medos a derrubar. Nessa noite onde tudo é possível. Onde seremos corajosas a ponto de dizer as coisas indizíveis, coisas que não contamos nem a nós mesmas. E, no meio de todas as possibilidades infinitas, eu me pergunto: quem eu sou agora e quem eu serei depois dessa noite?

CAPÍTULO 2

O local escolhido por Vicky é seu restaurante favorito, o Mexicano. Assim que descemos do táxi, Nat, que não parava de ler a lista feita por Vicky, olha para o céu, e, suspirando, guarda na bolsa a — simples mas não menos importante e vital — lista e dá o primeiro passo rumo à escadaria do restaurante. Todas nós fazemos o mesmo. É a primeira vez que voltamos aqui desde... Bem, desde que tudo mudou. A sensação não é de alívio, como pensei que seria. Só é... *estranho*. E doloroso. Doloroso de um jeito humanamente impossível. Como se estivessem esfregando o meu coração em cimento, como se tirassem todo o oxigênio de meus pulmões e me deixassem tentando respirar. Mas como se respira sem ar?

Percebo que todas as meninas, assim como eu, hesitaram e estão no meio da escadaria, sem saber o que fazer. Este lugar, que costumava ser tão nosso, que costumava ser um sinônimo de diversão, acabou de mudar e se transformou em outra coisa. Ou será que nós que mudamos tanto a ponto de não conseguirmos mais se encaixar neste lugar sem a Vicky?

De qualquer forma, é Daphne quem quebra o silêncio e nos obriga a entrar de uma vez por todas no restaurante.

— É só que... — começo a dizer, mas um olhar gelado de Daphne faz com que eu não termine a frase.

— Não, Samanta, hoje não. — E então, olhando para todas as meninas, ela continua: — Sem lamentações. Sem frases imbecis e patéticas de como todas nós sentimos falta dela. Vocês prometeram. Então vamos parar de ficar nos sentindo mal por estarmos aqui. Porque esta noite não é sobre isso. Esta noite é para nós sermos felizes, ousadas e corajosas. Sem lágrimas. Sem decepções. Todas. Entenderam? — Nós assentimos. Daphne suspira e sussurra para si

mesma, apesar de eu ter certeza de que as outras meninas também escutaram: — É o que Vicky gostaria. É, sim.

Assim que entramos no Mexicano, um garçom simpático nos atende e nos arranja uma mesa. Nós nos sentamos e esperamos ele nos entregar o cardápio.

— Eu estou no clima para uma margarita. Vem, gente! — grita Nat, toda animada.

— No dia em que você não estiver no clima para qualquer coisa relacionada à tequila, juro que vou ter de te internar ou algo do tipo — digo, e Nat me mostra a língua.

— Você só diz isso porque nunca bebeu nada mais forte do que Coca-cola.

Arqueio a sobrancelha e levanto o dedo.

— Com licença, senhorita Cuervo, mas eu já bebi coisa mais forte do que refrigerante, tá? — rebato.

— Champanhe vagabundo na virada do ano não conta — retruca Nat antes que eu diga qualquer coisa. — Pelo amor de Deus, pessoal! É a nossa noite. Vai, margaritas por minha conta! Garçom! — ela chama e o garçom vem correndo até nós. — Vou querer uma rodada de margaritas para as minhas *chicas*.

O garçom anota o pedido e nos deixa sozinhas novamente, enquanto outro garçom começa a nos servir a entrada do jantar. Nachos, calabresa com molho picante e macarronada com queijo num molho divino. As meninas começam a citar os prós e os contras de comer comida mexicana e depois beber, mas eu decido nem entrar na conversa. Estou mais interessada em comer os nachos, que por sinal estão absurdamente deliciosos.

As margaritas chegam, todas num intenso rosa-choque e com sal na borda do copo. O garçom as coloca na mesa e cada uma pega a sua taça.

— Eu acho que essa ocasião merece um brinde — afirma Nat, levantando o copo.

— Moça — pigarreia o garçom, e Nat olha para ele com aquela expressão medonha que ela consegue fazer quando atrapalham seus discursos inspiradores.

— Sim? — pergunta ela, o tom de voz um pouco mais ríspido do que o normal.

— Preciso ver a sua identidade. A de suas amigas também.

Desvio o olhar e batuco os dedos na mesa. O que só pode significar uma coisa: ferrou. Somos menores de idade. Ninguém vai nos deixar beber. Olho para as meninas e vejo que todas estão estáticas. E é aí que Daphne decide agir.

— Olha só... — começa ela, aproximando-se do garçom para ler o nome dele —, Marcos, você é um cara muito legal, sabe? Nos atendendo superbem e trazendo o nosso pedido bem rápido. E poderia ser bem *mais* legal se quebrasse esse galho para gente, não é? — diz ela, dando uma piscadela enquanto mexe no cabelo, daquele jeito que garotas fazem quando querem seduzir.

Todo grupo tem uma, não há como negar. Todo grupo orgulha-se de ter uma. Porque, vamos ser honestos, é nessa hora que vem a calhar... Que vem a calhar ter uma amiga *oferecida*, é claro. Não que Daphne seja *totalmente* oferecida. Mas ela consegue ser uma quando quer. E consegue ser uma muito, muito boa.

Marcos começa a abrir um sorriso, um sorriso que... Espera. Espera aí! Ah. Meu. Deus.

— Desculpa, mas isso não vai funcionar comigo...

O que só pode significar duas coisas: ou ele tem namorada ou é 100% gay. E Daphne estava dando em cima dele. Oh, Deus. Não posso evitar. Aliás, ninguém da mesa parece conseguir evitar, e caímos na gargalhada.

— Ah, desculpa! — pede Daphne, completamente envergonhada.

O que, é claro, só nos faz rir ainda mais.

— Tudo bem. Mas, ainda sim, vou precisar ver as identidades de vocês — diz ele.

— Posso ser honesta? — digo, recompondo-me após a crise histérica. Todas na mesa olham para mim com aquele olhar que-diabos-você-está-fazendo?, já que, quando eu abro a boca, normalmente arruíno tudo. Mas... não. Não nesta noite.

— Sim? — diz ele.

— Olha, nós tivemos um contratempo e esquecemos a bolsa com todas as identidades em casa. Sei que isso não tem nada a ver, mas ano que vem é faculdade, ninguém aqui sabe se passou no vestibular e, honestamente, ninguém quer saber disso esta noite.

— Eu quero — diz Marina.

— Cala a boca — eu mando e continuo: — Olha, Marcos, você já esteve no ensino médio, certo?

— Certo.

— Bem, então deve saber como ele é totalmente ferrado. Quer dizer, você passa anos tentando ser alguém e, quando finalmente consegue, o ensino médio acaba e nós somos largadas, soltas nesse mundo assustador e nos vemos sem ter para onde ir. Eu? Eu nunca bebi nada mais forte do que sidra barata. Nunca fiquei bêbada. Nunca fiz nada de errado. Sempre estou tentando fazer a coisa certa, estou sempre pensando e tentando ajudar os outros. Durante a minha vida toda fui uma boa garota. Não quebrei regras. E aonde isso me levou? A lugar nenhum. — A essa altura do discurso, a mesa toda está congelada, prestando atenção a cada palavra que eu digo. — Não me arrisquei. Durante o ensino médio inteiro, não me arrisquei. Não fui corajosa o bastante, Marcos. Nunca fui corajosa. O medo sempre me impediu. E eu acabei machucada por não me arriscar. Mas... quer saber? Cansei de deitar a cabeça no travesseiro me sentindo vazia e covarde. Cansei de sentir medo toda hora, a cada segundo do dia. E esta noite... — respiro fundo — Esta noite

tudo vai ser diferente. Essa noite eu vou ser corajosa e vou me arriscar — confesso. — Então, se você puder, por favor, quebrar esse galho e nos deixar beber as margaritas, serei eternamente agradecida a você, porque eu nunca bebi antes e porque eu quero, uma vez na vida, fazer algo louco e impulsivo.

Quando termino de falar, sinto todos os olhares em mim. E as meninas nunca me olharam assim. Como se elas me vissem pela primeira vez. Como um pontinho de luz no meio da escuridão.

— Sua história é mesmo comovente. Mas eu ainda vou precisar das identidades — avisa ele com o tom de voz mais desprezível da vida.

— Qual é!... — começo a dizer, mas Marina me interrompe.

— Tudo bem, cancele o pedido então. Nos traga energéticos. Só assim para aguentar o tranco dessa noite...

:):(:):0:|:P

— Vocês se lembram — começa Marina — de quando nós nos conhecemos? Meu Deus, eu daria tudo pra voltar àquele dia. Acho que nunca ri tanto na vida!

Todas nós arqueamos a cabeça para trás e damos risada. Enfio um punhado de nachos na boca e, enquanto eu os mastigo, Marina comenta mais alguma coisa, mas estou perdida em meus pensamentos para escutar o que ela diz. Tudo é engraçado, vivo e mágico, e talvez seja graças ao energético. Só fecho os olhos e dou risada. Não quero que esse estado de torpor passe. Essa alegria de estar vivendo pela primeira vez. Quero que dure para sempre. É como quando nós estamos no topo de uma montanha-russa, faltando alguns segundos para o carrinho despencar, e tudo que nós desejamos é parar o tempo para que o frio na barriga dure um pouco mais.

— Sam! Sam! Sam! — Marina me chama, e eu sou obrigada a abrir os olhos.

— O quê? — pergunto.

— Você se lembra? — pergunta ela, querendo saber. — De quando nós nos conhecemos?

— Humm — digo, encostando a cabeça no estofado. Se eu me lembro do dia em que nós nos conhecemos? É claro que sim.

CAPÍTULO 3

Foi no primeiro dia de aula do primeiro ano do ensino médio, o dia em que todo mundo parece ter a mesma expectativa — deixar a reputação do ensino fundamental para trás e começar uma nova era, cheia de festas, bebidas ilícitas e paixões que duram no máximo uma semana. E, é claro, de uma popularidade nunca antes alcançada.

Bem, todo mundo entrou com essa empolgação, menos uma pessoa.

Eu.

Nos três anos seguintes, eu não queria nada além de boas notas e passar despercebida por todos na escola. Na verdade, eu passei as férias inteiras daquele ano treinando e, de tanto treinar, acabei me acostumando a ser invisível. Bem, pelo menos consegui ser invisível para os meus pais, então decidi que não seria tão difícil fazer o mesmo na escola. Minha única amiga, Giovana, havia ido à Austrália fazer intercâmbio, então eu sabia que estaria sozinha nos próximos três anos do ensino médio. Pelo menos era isso que eu pensava até chegar à sala de aula e me deparar com uma menina sorridente me olhando com olhos cheios de expectativa.

— Oi — disse ela, os olhos verdes parecendo duas esmeraldas banhadas na luz do sol. O cabelo loiro estava perfeitamente enrolado e ela usava um pouco de gloss na boca. Nunca tinha a visto na escola. Aliás, ao olhar para a minha mais nova sala de aula, percebi que não conhecia quase ninguém. O que tinha acontecido?

— Er... oi — disse eu para ser simpática, apesar de olhá-la com uma expressão peculiar.

— Meu nome é Victória. Meu aniversário de quinze anos é neste sábado e eu vou dar uma festa boa pra caramba no Castelo do

Batel. E aí, quer ir? — perguntou ela.

Franzi o cenho. Como assim, meu Deus? Uma festa de quinze anos no Castelo do Batel? E a garota estava me convidando? Quer dizer, o que aconteceu com o plano ser-invisível-pegar-meu-diploma-e-sumir-da-cidade?

— Humm. — Parei por um segundo e vi que todas as pessoas que estavam na sala tinham convites cor-de-rosa na mão. Então ela estava convidando todo mundo para a sua festa de quinze anos? Sem nem ao menos conhecer ninguém? Qual maluca faz isso?

— Como é o seu nome? — perguntou Victória.

— Samanta. Samanta Calliari — respondi, e ela imediatamente começou a escrever o meu nome no convite.

— Toma.

— Mas eu nem disse se iria — retruquei, pegando o convite relutantemente.

Victória se limitou a sorrir e disse:

— Você não seria nem louca de recusar um convite destes. E, pelo que posso ver, Samanta, nós seremos boas amigas. A propósito, acho que você ficaria melhor com cabelo escuro. Desculpa, mas estou sendo sincera, tá?

Dito isso, ela foi abordar outros alunos que entravam na sala. Revirei os olhos e caminhei até o fundo da sala, onde eu me sentaria até o fim dos tempos. Última carteira, ao lado da parede. O lugar perfeito para se passar despercebida. Coloquei a minha bolsa no chão, tirei os fones do bolso, me sentei e comecei a escutar Automatic Loveletter, minha banda favorita do momento. Assim que "Can't Move On" começou a ecoar pelos fones, senti uma mão tocar meu ombro. Olhei para o lado e vi um garoto de olhos verdes me encarando. Tirei os fones e perguntei:

— Que foi?

— Posso me sentar aqui? — perguntou ele.

— Onde? — inquiri.

— Do seu lado.

Dei de ombros e, antes de colocar meus fones novamente, falei:

— Tanto faz, eu não sou dona da carteira.

Depois disso, o garoto não falou mais comigo. Nem ele nem ninguém, já que eu cortava qualquer tipo de interação vindo de fora. Era melhor manter assim mesmo. Se eu mantivesse todo mundo fora da minha vida, ninguém seria capaz de me machucar e me deixar, porque está aí uma verdade sobre as pessoas: elas fazem com que você se sinta especial e única, e depois te decepcionam e partem. Havia aprendido isso do pior jeito, e decidi construir um muro ao meu redor. Estaria intacta até o fim do ensino médio e nada mudaria isso.

Entretanto, mais uma vez, eu estava errada. E só fui entender isso no sábado, no dia da festa de quinze anos da Victória, a menina simpática-porém-doidinha que convidou praticamente todo o primeiro ano para sua festa sem nem ao menos conhecê-los. Quer dizer, ela estava, sim, conhecendo o pessoal. Aliás, todos na sala já estavam se enturmado, menos eu, a garota-autista-do-canto-que-só-escuta-música, como já havia escutado Daphne, uma das garotas mais bonitas da sala, me chamar.

Então, se eu não queria mesmo nenhuma interação com o mundo, por que passei horas me encarando em frente ao espelho, esperando que algo mágico acontecesse e eu de repente aparatasse — mania de Harry Potter, confesso — na festa?

— Samanta — mamãe interrompeu meus pensamentos, adentrando no banheiro. — O que está fazendo?

Esperando por um milagre.

— Nada — respondi.

— Bem — ela começou a falar —, eu e sua avó estamos indo tomar uns drinques no Sheraton, então leve a chave de casa se for

sair para algum lugar. Não chegue tarde, e não vá se acostumando a sair sempre. — Tão logo disse isso, ela fechou a porta do banheiro e eu me sentei na borda na banheira.

Que diabos! Eu nem disse se iria sair e ela já vinha com pedras na mão.

Até a minha própria mãe, trinta anos mais velha do que eu, tinha uma vida social. Quer dizer, era minha escolha, certo? Passar o primeiro sábado de fevereiro dentro de um banheiro em vez de ir a uma megafesta no Castelo do Batel, que era o lugar mais caro e chique para se fazer uma festa em Curitiba. O Castelo do Batel era, de fato, um minicastelo, digno de contos de fada. Mas e se eu fosse... Então, o que aconteceria? Faria amigos, não iria mais ficar sozinha nos fins de semana, nem na sala de aula... Ou ficaria sozinha a festa inteira e não falaria com ninguém, saindo de lá humilhada e pior do que nunca.

Caminhei até o parapeito da janela e contemplei a vista. A Lua se estendia, grandiosa, desafiando todos a brilharem mais do que ela. Tarefa impossível, mas seria bom ver alguém tentar. Lá embaixo, os carros corriam a toda velocidade; uma infinita possibilidade de caminhos e destinos em uma só noite.

Tamborilando os dedos na janela, entendi que, se eu ficasse em casa, nada de mágico e diferente aconteceria. Eu continuaria sendo a mesma Samanta de sempre, a Samanta cheia de dor e cicatrizes. No entanto, se eu fosse à festa, haveria mil possibilidades diferentes. A verdadeira pergunta era: será que eu estava pronta para aceitar essas possibilidades de coração aberto? Será que eu estava pronta para fazer parte de um novo mundo e derrubar o muro que havia em minha volta?

Bem, se eu estava pronta ou não, era o que menos importava. Porque, de qualquer modo, acabei indo à festa. E você sabe. Na vida há aqueles momentos que servem para mudar o seu destino para sempre. E ter escolhido por ir à festa foi um desses momentos: mudou a minha vida para sempre.

Mas comecemos pelo começo, onde eu fui recebida na festa pela própria Victória, que estava parada na recepção tentando resolver algum tipo de problema com a apresentação de slide show.

— Isso é inaceitável! Inaceitável! — ela repetia para a cerimonial e para uma mulher de cabelos do mesmo tom do dela, então imaginei que essa era a sua mãe. — Qual é o problema com essas pessoas... Ah, Samanta! — cumprimentou ela rapidamente, e finalmente percebendo minha presença. — Eu sabia que você viria! — Ela correu em minha direção e me deu um abraço apertado.

Ela estava estonteante com seu vestido branco de debutante, com seu cabelo enrolado e com uma tiara. Sem falar na maquiagem cheia de brilho. Victória estava parecendo uma fada de gelo.

— Feliz aniversário — eu disse, entregando meu presente a ela. — Espero que você goste.

No momento em que decidi ir à festa, chamei um táxi e fui direto ao shopping. Lá, comprei uma echarpe para dar de presente e aproveitei e também fui ao salão para fazer cabelo e maquiagem. Então lá estava eu, completamente deslocada e despreparada para os seguintes acontecimentos da noite.

— Oh, obrigada — agradeceu ela, entregando a sacola à cerimonial da festa. — Desculpe a gritaria toda, mas é que você não faz ideia do que aconteceu.

Cruzei os braços e os apertei contra o meu vestido de seda. Qual era o drama da vez?

— Está tudo bem? — perguntei, porque é o que geralmente se pergunta quando alguém diz que algo ruim aconteceu.

Victória franziu o cenho e respirou fundo. Sua mãe e a cerimonial discutiam arduamente atrás de nós, tentando reparar algum dano. Percebi que a coisa era séria quando o garoto que perguntou se podia sentar ao meu lado no primeiro dia de aula chegou a nós com uma expressão dura.

— Ah, Gustavo, pelo amor de Deus! — gritou Victória. — Por que você foi fazer uma coisa dessas?

A expressão de Gustavo mudou na hora. Seus olhos verdes ficaram mais escuros e ele estava a ponto de explodir.

— Por que todo mundo nessa festa está pensando que eu tenho algo a ver com isso? — disse ele.

— Ah, não sei, talvez seja porque a foto da sua namorada *pelada* apareceu no telão do *meu* aniversário! — gritou Victória em resposta.

— Ela não é minha namorada! Jesus! — afirmou ele. — Nós só estamos ficando, então pare de agir como se isso fosse da minha conta. E, quer saber? Aquela garota é pirada. Assim que eu a encontrar de novo, vou tirar o meu da reta.

Victória rolou os olhos e respirou fundo.

— Garotos são tão insensíveis! — reclamou ela. — Olha, só desapareça daqui, ok? Leve a Samanta para a sua mesa e tente se acalmar.

Gustavo finalmente pareceu ter me notado ali. Ele me olhou de baixo para cima e sorriu.

— Então a autista não é tão autista assim, hein?

Rolei os olhos e me arrependi amargamente de ter ido. Mal coloquei meu pé na festa e olhe a carga de drama que já estava rolando! E até parece que eu precisava que ele me levasse em algum lugar. Eu mesma poderia arranjar a minha mesa muito bem, obrigada.

— Isso vindo do namorado da garota que está pelada no telão. É, com certeza você tem mesmo muita moral — respondi em troco.

— *Touché*. — Então ele começou a andar e Victória me empurrou para segui-lo. — E, a propósito, ela não é a minha namorada — reafirmou ele, olhando para trás.

— Se isso te ajuda a dormir à noite... — eu disse, dando de ombros.

Até quem tenta não se envolver acaba ouvindo os boatos que correm à solta pela escola. Essa garota com quem Gustavo estava ficando aparentemente tirou uma foto pelada na sua escola antiga, e um aluno dessa escola passou para um aluno da nossa escola, então é claro que no dia seguinte a foto já havia sido completamente compartilhada, dentro dos celulares e computadores de todo mundo. Mas, pelo visto, a humilhação não foi suficiente, já que, pelo que eu entendi até agora, a foto foi parar na apresentação de slide show da Victória. É isso que dá convidar praticamente a escola *inteira* para o seu aniversário.

De qualquer modo, no momento em que eu entrei no salão do Castelo do Batel ao lado de Gustavo, os olhares imediatamente foram parar em mim, já que ele era o assunto da festa. Senti minhas bochechas queimarem, mas ignorei os olhares e continuei a caminhar confiante com os meus saltos até a mesa, onde as garotas com quem Victória mais falava estavam sentadas.

O que não poderia ser melhor.

— Se divertindo, Gustavo? — Daphne perguntou assim que ele se sentou à mesa. Sem saber direito o que fazer, continuei ali em pé, admirando a beleza do salão. E, meu Deus. Que decoração mais linda! As cores predominantes da festa eram pink e vermelho, então milhares de rosas estavam espalhadas em cada mesa, cada arranjo mais lindo do que o outro. A iluminação estava bem fraca, conferindo ao salão um ar mais romântico. Uma vela toda decorada estava sobre cada uma das mesas do salão, e um DJ muito *cool* tocava "Helicopter", da Oh Land. O ambiente por si só poderia ser bem calmo, não fosse pelo estrondo de vozes ecoando pelo salão, comentando sobre o escândalo que acabara de acontecer.

— Cala a boca — respondeu ele, e bebeu um gole da bebida que havia em sua taça.

E eu lá, parada em pé ao lado dele, sem saber o que fazer. Poderia muito bem ir embora, já que eu não estava fazendo a mínima diferença para ninguém. Um garçom passou por mim e eu peguei uma taça de água com gás, o que me pareceu fantástico, porque pelo menos eu tinha algo para fazer com as mãos.

— E por que você está parada aí, garota-autista-do-canto-que-só-ouve-música? — perguntou Daphne, e, droga, lá se foi a minha teoria de não ser notada.

— Eu só...

— Senta logo. — Daphne empurrou uma cadeira para mim. O que foi totalmente estranho, se você quer saber. Sentei-me no meio dos dois e olhei as outras pessoas na mesa, cujo nome eu realmente não fiz questão de saber. — Amei seu vestido.

— Obrigada. — Sorri sem graça e olhei para o vestido dela. Era vermelho, tomara que caia, bem justo e bem curto. Ficou absolutamente lindo nela. E em seu pulso usava uma pulseira de corda com um pingente da paz. Naquele momento, decidi que gostava dela.

— Essa é a Marina, aquela ali do canto que não sai do celular é a Natália, mas ela odeia que a chamem assim, então se você quer continuar viva, chame-a de Nat. Nós nos mudamos para a escola esse ano — explicou ela. — Nós somos amigas desde sempre, mas tudo bem, não precisa se sentir ameaçada ou algo do tipo. Sempre estamos abertas a mais amigas, desde que você não seja uma oferecida que rouba namorados e tira fotos peladas, igual a namorada desse aí. — Daphne apontou para Gustavo, que estava com fúria nos olhos, e eu tomei um gole da minha água com gás. De repente, a atmosfera ficou bem mais quente.

Dei um "oi" quase inaudível e desejei, mais do que nunca, estar com os meus fones de ouvido. Epa. Estava com eles na bolsa, mas seria rude da minha parte não responder à pergunta e começar a escutar música, então apertei a bolsa contra meu colo e fingi que

estava escutando Oh Land pelos meus fones, e não pelas caixas de som que estavam espalhadas pelo salão.

— Então... Qual é o lance entre vocês dois? — perguntei, curiosa, e nem imagino de onde essa coragem e vontade de falar com todo mundo surgiu, só sabia que eu queria saber mais. Queria conhecer mais. E, no momento em que esse pensamento me atingiu, me assustei. O que aconteceu com a garota invisível, cujo único objetivo era passar despercebida durante os três anos de ensino médio para obter logo o diploma?

— Entre quem? — perguntou Daphne. Apontei para ela e para o Gustavo. — Nada, eca! Por que pensaria isso?

Bem, o que aconteceu eu realmente não sei. Mas aconteceu. Alguma coisa implodiu o meu muro e me fez querer ir além daquela fronteira imaginária. Além do silêncio. Além das palavras não ditas e olhares ignorados.

— Porque tem toda uma tensão sexual no ar — eu disse, e todos na mesa começaram a rir.

— É falta de homem — ironizou Gustavo.

— Claro, o que posso fazer se por aqui não tem nenhum? — Daphne perguntou, e caímos na gargalhada de volta.

— Uau, muito obrigado pela parte que me toca — reclamou Gustavo.

— O fato é que a sua namorada... — Daphne começou a dizer, mas logo foi interrompida.

— Ela não é minha namorada, caramba! — Gustavo gritou mais uma vez.

— Bem, ela andou falando para a escola inteira que vocês dois estavam namorando — comentou Marina, que parecia ser a mais focada do grupo. Ela sempre se sentava na primeira carteira e respondia a todas as perguntas dos professores.

Irritante, eu sei.

— Ela é biruta, juro — rebateu Gustavo.

— Continuando... — Daphne sorriu amarelo e voltou o olhar para mim. — Essa garota, que se chama Yasmin, estudava com a gente na outra escola e ela era uma total promíscua, sabe.

É, eu sabia. Principalmente quando o casamento dos meus pais tinha acabado por causa de uma.

— Claro que sei.

— Então ela foi lá e roubou o namorado da Nat aqui. — Ela apontou para Nat, e ela se limitou a continuar no celular, sem nem olhar para nós. — Depois de tudo que nós fizemos por ela, sabe? Yasmin era tratada como uma leprosa social, ninguém chegava perto dela porque todos tinham medo de pegar uma doença venérea, menos os garotos, é claro, porque eles tinham muito a ganhar se relacionando com ela. Estou falando de serviços peculiares em cinemas escuros e precários, sabe?

Confirmei com a cabeça e tomei mais um gole de água. De todas as maneiras que imaginei essa festa, nunca pensei que poderia estar sendo assim.

Daphne passou a mão em seu cabelo loiro, que estava brilhoso e ao mesmo tempo bagunçado, como se ela tivesse saído da cama, quando na verdade passou as últimas três horas no salão com um babyliiss no cabelo para obter o efeito desejado. Eu sabia disso porque eu já tinha feito o mesmo.

— Então, depois de a acolhermos e a ajudarmos a se enturmar com as outras garotas, Yasmin foi lá e fingiu ficar grávida do namorado da Nat! Grávida! — comentou Daphne, explodindo de raiva, o que me fez sentir um pouco de raiva também. Mas por quê? Por que eu estava tomando as dores de um grupo que havia acabado de conhecer? Talvez tenha a ver com o brilho de nossas almas quando encontramos as pessoas certas nos lugares errados. Ou quando sabemos que poderemos confiar em uma pessoa pelo resto de nossas vidas, mesmo sem nem a conhecer direito.

— Meu Deus! — exclamei. Que tipo de garota essa Yasmin era? Eu te digo. Do tipo oferecida de classe A. — E aí?

— E aí depois ela inventou que fez um aborto, a escola inteira ficou sabendo e meu namorado tentou voltar comigo — respondeu Nat, finalmente tirando os olhos do celular e colocando-o na mesa. — Ex-namorado tentando voltar depois de engravidar uma promíscua: armadilha de satanás! — Nat fez todos da mesa rirem. — Então a *Yassssssmin* — ela fez o nome dela soar como um sibilar de cobra, propositalmente, é claro — se mudou para essa escola pensando que iria finalmente deixar o passado para trás. Mas você sabe o que dizem.

— Sobre o quê? — perguntei.

— Sobre garotas más. Elas nunca conseguem deixar o passado para trás, porque o diabo tem seguidores.

Dei risada e pensei na mesma hora que ela parecia a Gossip Girl. Um garçom passou nos entregando vários pratos. Presumi que o jantar iria começar em instantes, já que a entrada estava sendo servida.

— Que coincidência, então — comentei. — Vocês terem vindo parar no mesmo colégio do que ela.

— E não é? — Daphne, com a voz mais falsa e ultrajada no mundo, falou, e em seguida deu risada.

— Cuidado com o veneno, Daphne. Você pode acabar se engasgando com ele — disse Gustavo enquanto enfiava uma colherada de molho de camarão com geleia de pimenta. Experimentei também, estava uma delícia.

— Pelo amor de Deus, Gustavo, cale a boca — mandou Daphne.

Ninguém disse mais nada por um bom tempo. Nossa mesa, de repente, ficou fria. Gustavo sustentava uma expressão ilegível, enquanto Daphne sorria e flertava com o garoto da mesa ao lado.

— Por que vocês se odeiam tanto? Afinal, só se conhecem há uma semana — sussurrei no ouvido de Gustavo.

— Ela implica com todo mundo.

— Isso não me parece ser implicância. Ela só está protegendo as amigas dela — comentei.

Gustavo deu de ombros e, parecendo ignorar meu comentário, disse:

— Então... Carolina Liar, hein?

Arregalei os olhos e abri a boca em espanto.

— Como você pode, possivelmente, conhecer essa banda? — perguntei.

— Vi no visor do seu iPod e fiquei curioso. Baixei algumas músicas e gostei.

— Ah — soltei. — Para alguém que achou que eu era autista, até que você se saiu bem, levando em conta o meu gosto musical.

Ele riu e tomou um gole de sua Coca.

— Você tem um gosto musical diferente — respondeu ele. — Se você não tivesse sido tão grossa e tão "emo" na primeira semana de aula, eu nem teria reparado. Mas acho que seremos bons amigos, até porque eu me dou bem com gente emo.

— Eu não sou emo! — O tom da minha voz se elevou. E, pelo amor de Deus, quem ainda usa o termo emo? Aparentemente, ele.

— Não tira os fones de ouvido, vive com o capuz abaixado e não fala com ninguém.

— Estou falando com você agora — comentei. — E não estou com capuz e nem com fones, então isso já é um começo.

— Hummm — soltou. — É verdade. Talvez, no final das contas, você só seja revoltada.

Ri e semicerrei os olhos.

— É. Revoltada me parece bom.

:) :(;) :0 | :P

Depois de passar o jantar inteiro conversando — é, eu sei, conversando! — com o pessoal da sala, decidi ir ao banheiro para retocar a maquiagem e ver se tudo estava nos conformes. Mas, no momento em que eu pisei no chão do banheiro, senti o mundo desmoronar em cima de mim e não pude acreditar no que meus olhos viam. Porque bem na minha frente estava a menina da foto. E ela parecia extremamente ameaçadora com uma taça de vinho na mão. Vicky estava contra a parede, e ao que parecia, a menina estava pronta para atirar o conteúdo da taça no vestido branquíssimo de Victória.

— Você não vai querer fazer isso, Yasmin. Meu vestido custou dez mil reais e eu ainda nem dancei a valsa com o meu pai! — Vicky estava em choque e com medo.

Dez mil num vestido? Minha nossa!

— Melhor ainda! Você acha que foi fácil para mim ver todos rindo da minha cara? Não parou para pensar na minha humilhação?

— Mas eu nem estava sabendo disso! Alguém colocou no telão!

— Não quero saber! A festa é sua, e alguém tem de pagar por isso! — Vi que Yasmin estava prestes a jogar vinho no vestido de Victória a qualquer momento.

Então eu tinha de fazer algo. Não deixaria essa menininha arruinar o aniversário da única pessoa que tinha se interessado em ser minha amiga.

Yasmin não tinha percebido que eu estava no banheiro. Sem pensar no que estava fazendo, porque se eu pensasse acabaria desistindo, corri e me coloquei à frente de Victória. O líquido gelado atingiu meu vestido inteiro e parte do meu cabelo.

Me diga, como é que alguém vem parar numa situação dessas? Por que as coisas ruins pareciam sempre fadadas a caírem em cima de mim? Quer dizer, parecia que eu atraía essas porcarias para a minha vida. Era como se eu fosse destinada a ter drama assim que colocava o pé para fora de casa. E, às vezes, nem precisava. Às vezes o drama chegava via Sedex sem nem mesmo bater à porta. Qualquer garota poderia ter entrado aqui. Qualquer uma. E, meu Deus, por que justo eu? Por quê?

Vicky foi para cima da garota antes que eu pudesse tomar qualquer atitude.

Depois, várias pessoas entraram no banheiro e nos próximos três anos eu não seria conhecida como a garota invisível, a garota com muros ao redor do coração, ou como a garota-autista-do-canto-que-só-ouve-música. Não, de jeito nenhum. Nos anos seguintes eu passei a ser conhecida como a garota que tinha salvado o aniversário de Vicky. Fui conhecida como a garota que tinha os amigos mais sinceros de todo mundo. E isso bastou para me mudar completamente.

:) :(:) :0 :| :P

— Eu ainda não consigo acreditar que aquela galinha da Yasmin ficou tão maluca a ponto de atacar a Vicky na própria festa — comenta Daphne, secando seu energético.

Dou de ombros e falo:

— Eu também não. Só sei que aquela foi a noite em que eu conheci o Gustavo, também.

— E isso é relevante por...? — pergunta Daphne, enquanto Marina chama o garçom para pedir a conta.

— Porque eu estou... — Ah, Deus. Quase. Quase solto as palavras que não podem ser ditas. — Porque ele também é meu amigo, ué — digo por cima, tentando consertar o erro. Ninguém percebe, exceto

Nat, que me lança um olhar cheio de poder. Sei que ela sabe. Ela possui "a lista". Deve saber de tudo, absolutamente tudo.

— O Gustavo é um bostinha de doze anos preso no corpo de um garoto de dezessete.

— Ah, nem vem, Daph! Ele é bem maduro para a idade dele. Sem falar que é *superpegável* — falo, e todas riem. Por que ninguém me leva a sério?

— Eu nunca ficaria com ele — confessa Daphne. — Não sou dessas garotas que gostam de meninos com cara de fofos e atitudes de lixo.

Mas eu sou, Daph. Eu sou bem este tipo de garota. Eu sou daquelas que têm um ímã para garotos que têm namoradas oferecidas e safadas. Das que aguentam o garoto falar sem parar em outra garota, mesmo que esteja gritando por dentro "eu te amo", porque nada dói mais do que você ter de matar o amor, do que ter de sufocá-lo por não encontrar a voz dentro de si mesma para dizer a verdade. Quero dizer tudo isso a ela, quero dizer que sou bem deste tipinho que se apaixona e sempre se ferra, por não ter coragem e por ser masoquista. Quero dizer para a Daphne me socar até eu perder a consciência, quero que ela faça esse vazão ir embora que só o garoto certo (mas que é o errado) pode preencher. Quero que Daph grite comigo e me conserte, porque estou quebrada, porque sou uma covarde e porque me sufoco todos os dias. Quero dizer muitas coisas, mas não sei como. Então, simplesmente digo:

— Ele é mesmo um idiota.

— Gustavo vai precisar apanhar muito para aprender a ser decente — complementa ela enquanto se levanta.

O jantar passou num átimo, e a sensação de animação devido ao energético parece ter diminuído. Entretanto, de repente, eu estou toda sentimental e revoltada. Quero o Gustavo. Quero agora. Quero dizer tudo. Quero contar que estou apaixonada por ele há três anos.

Quero contar como o meu coração despenca para o estômago e bate entre as costelas quando ele toca no nome da namorada. Quero contar que eu fico acordada conversando com ele durante as férias até às seis da manhã só porque eu não consigo lidar com o fato de deixá-lo sozinho. Quero dizer que eu sou a garota que ele procura e que eu nunca faria nada para machucá-lo. Quero dizer tudo isso e mais um monte de coisas. Mas Gustavo não está aqui. Meu Deus, ele simplesmente não está aqui.

CAPÍTULO 4

Não sei o que me assusta mais. A escuridão ou o portão enferrujado à minha frente. Ou talvez o fato de que quatro garotas adolescentes estão prestes a entrar em um cemitério. E, a propósito, eu sou uma das quatro garotas.

Nem a brisa que nos refresca nessa noite deliciosa de verão me acalma.

Nós estamos prestes a pular o muro ao lado do portão, e tenho certeza de que isso não é legal e, se alguém — como o coveiro, por exemplo — nos vir fazendo isso, nos meteremos em sérios problemas. Afinal, o que quatro garotas podem estar fazendo em um cemitério a essa hora que não pode ser feito durante o dia?

— Sam, você pode fazer o favor de subir rápido? Seu pé está amassando o meu rosto! — reclama Nat.

— Melhor meu pé do que um salto de treze centímetros de altura. Juro para você, se alguém roubar o meu sapato... — digo.

Infelizmente não dá para subir num muro de salto alto. Então tivemos de deixar nossos sapatos no chão, atrás de uma árvore. Espero que ninguém os roube.

Como o muro é muito alto para qualquer pessoa, nós precisamos dar o nosso jeito. E dar o nosso jeito significa fazer pezinho.

— Calma aí, quem é que está reclamando? A ideia de fazer essa visitinha especial foi sua, *Natália*! Então não venha reclamar! — exclama Daphne. Ela sabe que Nat odeia quando a chamam pelo nome completo. Logo depois me dá a sua mão para que eu consiga escalar o muro.

Agora nós duas estamos sentadas em cima dele.

— Ufa. Tecnicamente, foi ideia da Vicky. Um item da lista era fazer algo assustador e diferente. Então tudo que eu fiz foi escolher o lugar — diz Nat, finalmente conseguindo subir no muro.

— Bem, a escolha foi sua, já que essa visitinha amigável poderia ter sido a primeira obrigação da nossa lista — digo, estendendo a corda para que Marina possa subir. Nat já sabia que viríamos ao cemitério, então trouxe uma corda para facilitar a nossa vida. Além disso, trouxe sacolas plásticas para colocarmos nos pés.

— OK, todo mundo pronto? — Nat nos olha e assentimos. — Tentem não fazer barulho. Pulamos juntas no três. Um, dois, três!

Nossos pés tocam o chão no mesmo instante.

— O chão está tão frio! — reclama Daphne.

— Pelo menos estamos com sacolas nos pés. Imagine quão nojento seria pisar neste barro e nessas folhas. — Tento amenizar a situação, mas recebo um olhar cheio de desdém de Daphne.

Como se a culpa fosse minha.

Todas ligamos as lanternas dos nossos celulares e entramos de uma vez no cemitério.

Quando pulamos do muro, caímos direto ao lado de uma lápide. O chão está cheio de folhas vindas das árvores e gravetos. Não demora muito até a primeira sacola furar.

— De quem foi a ideia ridícula de colocarmos sacolas nos pés? — pergunta Marina, logo após a sacola em seu pé direito arrebentar.

— Minha. Era isso ou pisar na terra — digo, rindo da situação.

As meninas me olham como se eu fosse louca por um momento, mas, depois de alguns segundos, começam a rir também. Nem em nossos sonhos mais estranhos imaginaríamos que estaríamos fazendo isso numa sexta-feira à noite.

— Vamos logo sair dessa terra e andar na calçada que divide o cemitério, antes que mais alguma sacola arrebente — sugere Nat,

indo em direção à estradinha de cimento.

— Pessoal, o passeio está ótimo e agradável, mas alguém sabe onde fica o túmulo da Vicky? — No momento em que pergunto isso, todas param. — Ah, vocês só podem estar brincando comigo! Vamos ter de olhar um por um até achar o dela!

— Ou podemos simplesmente ir embora... — sugere Daphne, cruzando os braços.

— Faz tempo que eu não venho aqui, mas sei que é lá embaixo. Não se preocupem, nós vamos achar. Agora chega de conversa fiada e façam silêncio. O coveiro pode estar em qualquer lugar e eu realmente não quero explicar o porquê de estarmos aqui. Vicky deixou a lista comigo por algum motivo. Eu determino os percursos da noite, ok? Então, acho melhor vocês pararem de reclamar e andarem logo! — exclama Nat, obviamente aborrecida.

Ela começa a andar e nós a seguimos.

As folhas das árvores fazem sombras estranhas e assustadoras no chão. Até parece que são almas penadas tentando fazer contato. Conforme ando, vou lendo alguns nomes e datas nas lápides. Garotas, garotos. Crianças, adultos, idosos.

É estranho pensar que, bem debaixo de nossos pés, há pessoas de verdade. Tantas palavras não ditas. Tantas lembranças. Tantos erros, acertos e conquistas. Alguém se lembra deles? Essas pessoas conseguiram deixar sua marca no mundo? Salvaram a vida de alguém? Destruíram alguém? Tiveram o coração partido? E, o mais triste de tudo: partiram o coração de alguém? Quantas histórias de vida se encontram aqui no cemitério? Quais dessas pessoas foram boas e quais foram ruins? Dói até de pensar nas oportunidades que perderam. Dói pensar nas pessoas que elas machucaram, nas que confiaram e acabaram quebrando a cara. Quantas vezes essas pessoas se apaixonaram? O amor deu certo? Elas foram felizes? Elas fizeram a coisa fácil ou a certa? O que fizeram antes de morrerem? Foram corajosas ou deixaram o medo as impedir? Viveram de verdade ou apenas existiram?

O que me leva a Vicky. Será que ela foi feliz? Será que se sentia injustiçada por ter de partir tão cedo? Quais segredos das outras meninas ela sabia? O que pretendia com essa lista? E o por quê da portadora dela ser a Nat? Será que vamos conseguir cumprir tudo?

Tantas perguntas. Espero que até o fim da noite algumas possam ser respondidas.

— Virem aqui! — Nat indica com a sua mão.

Caminhamos até a terra novamente. Marina fica na rua até nós acharmos o túmulo de Vicky, já que sua sacola rasgou.

— Vicky está em algum lugar por aqui. Vamos procurar — sugere Nat.

— Jesus, isso é tão bizarro. Há cinco meses se alguém me dissesse que eu iria estar em um cemitério procurando a minha amiga, eu simplesmente riria da cara da pessoa. Às vezes parece que nem é real. A ficha cai algum dia? Porque para mim, ainda não caiu — confessa Daph.

Essa foi a coisa mais sentimentalista que ela já disse. Daphne não é do tipo que chora ou fala sobre seus sentimentos. Ela é durona.

— Não sei se cai algum dia — digo com um olhar triste.

— Gente? — pergunta Nat e, pelo seu tom de voz, nós sabemos.

Ela achou.

:):(:):0:|:P

— Então, por que nós viemos aqui mesmo? Estamos encarando essa lápide há meia hora e ninguém fala nada — afirmo.

— Eu acho que ninguém planejou essa parte. É a primeira vez que viemos juntas. E é estranho dizer qualquer coisa em voz alta e não ouvi-la responder — diz Marina.

Seu nome está na minha frente. A data da sua morte também. É o lugar dela. Mas não deveria ser. A pessoa que passou tanto tempo

organizando e planejando essa noite cheia de surpresas não deveria estar morta. A lista. Vicky deveria estar ao nosso lado, aproveitando as loucuras da noite também. Não é justo e nunca vai ser. Ninguém deveria morrer tão cedo. Morrer sem ir para a faculdade. Morrer sem realizar todos os sonhos. Morrer sem enfrentar todas as dificuldades da vida. Morrer sem se apaixonar várias vezes. Morrer...

Nat se senta no chão e abaixa a cabeça. Não escutamos nada, mas conforme vai passando o tempo, chegam os soluços. Ela está chorando.

— Você está bem? — pergunta Mari, e toca no ombro dela.

Nat levanta a cabeça na mesma hora.

— Não! — diz ela, afastando a mão de Marina.

Marina se assusta e fica magoada. Olho para Daph e posso ver que ela também está confusa. O que está acontecendo?

Nat percebe que o gesto dela magoou Marina. Nat fecha os olhos.

— Me desculpem. Quando Vicky me deu isso, não disse que seria tão difícil. Eu entendo o motivo de ela ter me escolhido. Só não entendo o que Vicky esperava de mim. Como ela pôde me pedir isso? Vicky me entregou o segredo de todo mundo e eu não sei como agir. Eu não posso ficar brava ou magoada com nenhuma de vocês, mas é tão difícil. Como eu posso evitar, sabendo de tudo que eu sei? — desabafa Nat.

No entanto, nenhuma de nós fica aliviada ou menos tensa.

Ela. Sabe. De. Tudo.

Principalmente meus segredos. Jesus, eu estou ferrada. Porque se ela sabe, então quer dizer que em algum ponto da noite o resto das meninas vai ter de saber.

Então Gustavo vai ter de saber.

Droga!

— Eu não quero ser a pessoa que vai falar tudo. Todas nós temos segredos. Nós precisamos deles. Precisamos de algo somente nosso. Mas como? Vicky me pediu para seguir a lista. Eu sinto muito, gente. Essa noite deveria ser divertida e eu, principalmente, não deveria chorar. Eu sei de tudo que vai acontecer, nada deveria ser uma surpresa. Acho que vir até aqui trouxe velhos fantasmas. Muitas lembranças com a Vicky. Algumas boas, outras nem tanto. Mas eu sinto tanta falta dela. Era para eu estar no lugar dela — continua Nat.

Respiro fundo e estendo meu braço para Nat se levantar. Ela aceita.

— Vocês querem saber de uma coisa? Eu confiava na Vicky, e sei que vocês também confiavam. Ela sabia o que estava fazendo. Nós podemos não entender agora, mas a nossa amiga passou os últimos meses da vida dela planejando essa noite. Ela te escolheu por algum motivo, Nat. Um motivo muito bom. Você é forte o bastante para lidar com tudo. Vicky sabia disso. É difícil? Claro que é, mas ninguém disse que seria fácil. Se for fácil, não vale a pena. Então vamos continuar com a nossa noite surpreendente. Amanhã, quem sabe, nós entenderemos tudo.

As meninas terminam de escutar o que tenho a dizer e parecem mais tranquilas. Admito que também estou.

— Ótimo. Eu posso dizer umas palavras para a Vicky, já que ninguém vai — afirma Daphne. — Eu nunca vou te esquecer, Vicky. Você foi a pessoa que nos apresentou e toda vez que nós estamos juntas, eu me lembro de você. É como se virássemos apenas uma. Todas as suas loucuras e as suas ideias geniais fizeram de você a pessoa mais gentil, meiga e forte que eu já conheci. Espero ser como você algum dia. Nos desculpe por duvidar da sua lista por alguns momentos. Mas quem não tem recaídas enquanto luta por seus objetivos? Eu espero, do fundo do meu coração, alcançar o que você queria que nós alcançássemos se seguirmos todos os itens. Nós te amamos com toda a nossa alma. Sei que você está nos

acompanhando nessa noite mágica e louca. Nos vemos em nossos sonhos.

Daphne termina com um sorriso e faz menção para seguirmos para o próximo lugar.

— Pessoal, antes de cumprir o próximo item, eu preciso dizer uma coisa — respiro fundo e continuo: — Como vocês vão ficar sabendo disso de qualquer maneira, não vejo por que ficar adiando. Eu estou sufocando e não aguento mais. — Elas me olham com curiosidade e então, tomando uma dose de coragem com sal e limão, eu finalmente digo: — Há três anos eu estou apaixonada pelo meu melhor amigo e nunca disse nada. Há três anos eu estou apaixonada pelo Gustavo. Pronto, falei! — Fecho os olhos para não ter de encarar as meninas.

Ninguém diz nada por vários segundos. Abro um dos olhos para espiar e vejo que todas estão de boca aberta. Todas, menos Nat, é claro.

— Eu sabia! — Daphne é a primeira a dizer algo. — Eu sabia! Eu sabia! Eu sempre soube!

— Graças a Deus, menos um segredo que *eu* teria de acabar revelando na noite. Obrigada, Sam — diz Nat, agradecida.

— Meu Deus! Isso é tão coisa de filme! É tão fofo! Os melhores amigos apaixonados! — exclama Marina.

— Fofo? Isso é terrível! Eu sou obrigada a escutá-lo falar de como sonha com uma garota do tipo das que aparecem nos cliques da Taylor Swift, e minha vontade é gritar: mas, ei, eu estou aqui! Sou sua garota do clipe, não precisa mais sonhar. É realidade! Bem na sua frente! — respiro fundo e continuo: — Mas eu nunca disse isso. Nunca. E hoje isso vai mudar. Porque esta é a noite em que eu não precisarei ser invisível. Esta é a noite em que ele se apaixonará por mim.

— Caramba! Você realmente gosta dele! E não é só uma quedinha! Pobre Sam — diz Marina.

Muito animador.

Elas têm pena de mim. Às vezes até eu tenho. Quer dizer, eu nem tinha coragem para contar para as minhas amigas, que só iriam ajudar nessa história tensa. Mas é como dizem: É tudo sobre a *occasio*. Tudo em seu momento oportuno, como Horácio ditou. Se elas só foram descobrir essa noite, é porque tinha de ser desse jeito. Então que seja.

— Grande lealdade, hein? Amigas há três anos e você nunca pôde nos contar essa *pequena* novidade? — questiona Daphne. Ela está brava.

Bem, acho que eu ficaria também, se uma das meninas escondesse alguma coisa de mim. É engraçado, não é? Nós achamos que temos todo o direito de não contar certas coisas para as pessoas, mas quando a situação se inverte, nós achamos isso ruim. Confiança é uma coisa estranha, no mínimo.

— Eu sinto muito mesmo. Eu pensei que se eu não falasse para ninguém, o sentimento iria desaparecer. Que eu iria conseguir parar de pensar nele. Mas não foi assim. Foi exatamente o contrário. Por não poder falar com ninguém sobre isso, eu era a única que podia conversar comigo. Então eu não parava de pensar nisso. Nele. Até agora — confesso. — De qualquer modo, agora vocês sabem, e de algum jeito cósmico eu não me sinto mais sozinha.

— Ótimo, Sam — parabeniza Nat com um grande sorriso no rosto. — Então vocês já sabem qual vai ser a próxima parada. Sam vai se declarar para o Gustavo. Vamos chamar um táxi. — Nat começa a andar e eu corro atrás dela.

— Calma aí! Você diz... agora? Eu preciso confessar *agora*? Não podemos deixar isso mais para o final da noite? — pergunto, começando a ficar nervosa. Extremamente nervosa. Minha mão começa a suar.

— Desculpe, Sam. Eu cuido da lista, lembra? São apenas negócios. É agora ou nunca.

Desvio o olhar para o tumulto de Vicky. Ela nem hesitaria. Ela falaria na mesma hora, no momento em que começasse a sentir algo. Vicky, com certeza, não esperaria o ensino médio acabar para tomar alguma atitude, nem ficaria sofrendo por três longos anos. Então, juntando uma força que vem sabe-se lá Deus de onde, me decido.

— Ok — digo finalmente. — Então... então acho que é agora.

:) :(:) :0 :| :P

— Espera aí, gente. Antes de pularmos este muro e voltar para o mundo dos vivos, eu quero saber algo. — Marina nos impede de continuar. — Sam, você não está escondendo mais nada? O Gustavo era seu único segredo, certo? — pergunta, arqueando a sobrancelha.

O táxi já está lá fora à nossa espera. A noite vai ser muito longa. Estou prestes a fazer a coisa mais difícil que já fiz na minha vida. Estou prestes a dizer para Gustavo que gosto dele. Não, não que gosto. Mas que estou apaixonada por ele. Meu Deus, Gustavo vai saber. O que vai acontecer?

Bom, não importa o que aconteça. Sei que elas estarão ao meu lado. A todo custo. O ensino médio acabou. Se algo der errado, pelo menos eu não terei de encará-lo na segunda e em todas as minhas manhãs. De agora em diante, é só faculdade.

Nat está ao meu lado, enquanto Daph está a ponto de subir nas mãos de Marina para escalar o muro. Desvio o olhar para Nat e ela me encara com uma expressão vazia.

— Sim, Marina, ele é o meu único segredo. Eu não estou escondendo mais nada.

Marina sorri satisfeita, vira de costas para mim e ajuda Daphne a subir o muro. As duas estão ocupadas demais para ver o que acontece nos próximos segundos. Antes de Nat ir ajudá-las, ela se aproxima de mim, sem que Marina veja, e sussurra:

— Mentirosa.

CAPÍTULO 5

Onde tudo começa é onde tudo termina. Por isso, a nossa próxima parada da noite é o Mustang Sally, um bar meio retrô dos anos 1960, já que foi aqui, em uma noite quente de janeiro, que eu percebi que estava apaixonada pelo Gustavo. Foi mais ou menos assim: toda a galera havia combinado de vir aqui primeiro e depois irmos à casa do Lucas, o ex-namorado da Daph, já que lá tem piscina, sinuca e tudo mais. A comida, como sempre, estava ótima, assim como o debate profundo sobre a existência de garotas decentes. É claro que eu argumentava a favor, mas Gustavo era totalmente contra. Na mesma hora, eu tive vontade de gritar: “Ei, seu babaca, eu estou bem aqui! Garotas decentes existem, e eu estou aqui!”. E foi mais ou menos isso que eu fiz.

— E eu sou o quê? — perguntei. — Uma prostituta?

— Claro que não, Sam — respondeu ele, mergulhando a batatinha frita no ketchup. — Mas você é minha amiga.

Ou seja: jogada para a *friendzone*.

Queria saber por que as palavras dele me cortavam como navalhas afiadas. Meu Deus, o que havia de errado comigo? (Essa sempre foi a história da minha vida. Descobrir o que há de errado comigo). Quer dizer, nós só éramos amigos. Então, parafraseando Death Cab for Cutie, por que eu estava criando ilhas onde, supostamente, não deveria haver ilha nenhuma^[1]? Diabos, por que eu estava me apaixonando por alguém que *sabia* que não poderia ter?

— Sim, eu sei que sou sua amiga, mas isso não significa que eu seja um homem ou um ET, certo? — perguntei, implorando por migalhas. Abaixei a cabeça e me limitei a brincar com o canudinho que estava no copo de meu suco de morango.

— Certo. Mas você é como uma irmã para mim, e seria, no mínimo, estranho se eu considerasse você desse jeito — disse ele, e eu não pude deixar de encará-lo. — A não ser que seja um caso de incesto. — Ele riu, mas eu não achei graça, não quando meu coração lutava arduamente para bombear o meu sangue que fervia a cada segundo.

— E o que diabos isso significa? — inquiri, mas eu já sabia. Significava que não iria acontecer. Significava que nós jamais ficaríamos juntos. Só amigos. Só isso. Mas então por que nunca é só *isso?*, minha mente gritava, esperneando por justiça.

— Significa que você não conta.

E quando ele disse isso, eu decidi. Decidi que iria parar. Parar antes mesmo de começar. Porque... aquilo que eu estava sentindo não era real. Não *podia* ser. O amor não é para mim. Eu, sempre tão complicada e bagunçada, não saberia amar direito. Morreria trucidada em pedaços e não seria capaz de me recuperar. Por isso e por mil outras razões, naquela hora, naquela noite, decidi que não iria entrar nessa. Não mesmo. De jeito nenhum. Bem, pelo menos foi isso que eu disse a mim mesma antes de dormir. Porque é isso que a gente faz. Nós contamos as piores mentiras a nós mesmos durante a noite, porque esse é o único jeito de conseguirmos dormir em paz.

Mas, de qualquer modo, é claro que não parou. Foi ao contrário. Praticamente de ponta-cabeça. Foi um furacão, desde o começo. No entanto, eu era a única que girava nesse tornado, e eu era a única que acabava destruída antes de a gravidade fazer seu serviço e me puxar de volta ao chão.

No final das contas, eu não pude evitar, não pude controlar, não pude fazer nada a não ser sufocar esse sentimento e ir vivendo com ele lentamente, dia após dia, fingindo que meu coração não murchava quando, tarde da noite, Gustavo me ligava e ficávamos conversando por horas, e ele dizia boa-noite com aquela voz que deveria ser ilegal. Do tipo meio roca, mas completamente audível e

sexy. Como se ele se importasse. Como se ele sentisse algo, mas fosse covarde demais para arriscar nossa amizade por algo incerto. (Lá vou eu de novo, me enganando e me iludindo, mas não estamos todas nós iludidas, no final das contas?)

Então, assim que chegamos à frente do Mustang Sally, respiro fundo e paro. As meninas param também.

— Então... Você está pronta? — pergunta Daphne dando um sorriso encorajador. Queria ter a ousadia e a coragem dela. Seria tudo bem mais fácil.

— Não. — Minha resposta é um sussurro quase inaudível, mas, de algum jeito, todas as meninas escutam e trocam olhares indignados.

— Ele é tão idiota. Como diabos você pôde acabar se apaixonando por um traste desse? — pergunta Marina.

— Você é a última pessoa que pode fazer essa pergunta, Marina — diz Nat, com uma voz ameaçadora seguida por um olhar frívolo que poderia congelar a todas nós.

Vejo as bochechas de Marina ficarem vermelhas e ela se cala completamente, colocando seu cabelo na frente do rosto, como se fosse uma espécie de cortina abrir e fechar. Mari sempre faz isso quando quer se esconder ou não falar sobre o assunto, então imagino que isso tenha a ver com um dos desafios que ela tem nessa noite que parece não ter fim. E isso me assusta um pouco e me faz pensar. Quais outros segredos elas guardam? O que há para saber que eu ainda não saiba?

— Eu acho — começo a dizer, cruzando as pernas e respirando fundo — que essas coisas a gente não escolhe e nem controla. Sei lá, acontecem porque *tem* de acontecer. Às vezes a gente não escreve o começo da nossa história, só o meio e o final.

— E eu acho — diz Daphne — que se apaixonar é igual a enfiar o coração dentro de um triturador. Ele sempre acaba saindo meio moído, não acham?

Reviro os olhos e não posso evitar uma risada.

— Você sempre estraga as minhas filosofias — reclamo, rindo.

— O que posso fazer? Sou uma destruidora de lares, afinal — argumenta Daphne, jogando o cabelo loiro para trás.

— Eu ainda não consigo entender como você consegue agir assim — diz Marina, finalmente levantando a voz.

— Assim como? — Daphne quer saber.

— Assim, como se não doesse, como se você não se importasse com o fato de ter levado um fora do seu namorado.

— Mas não dói — diz Daphne. — Nem um pouco.

Nat lança um olhar para ela. Daphne sustenta o olhar. Juro que poderia haver uma explosão agora mesmo. As duas parecem ter faíscas nos olhos.

— Mentirosa — acusa Nat. — Mentirosa do caramba.

— Eu não sou uma mentirosa — rebate Daphne. — Só lido muito bem com a arte do desapego. Ah, e uma tequila sempre ajuda. É por isso que trouxe uma garrafa para nós, que tal? Das bem vagabundas, porque desce mais rápido.

Nat franze o cenho e, cruzando as mãos e apoiando o queixo nelas, pergunta:

— Você ainda está falando sobre a tequila?

Daph sorri e dá uma piscadela.

— Você nunca vai saber.

— Espera, o que você disse? Nós vamos beber? — pergunta Marina.

— É claro! — responde Daph, como se fosse óbvio. Ela tira a garrafa da bolsa e não perde tempo algum em abri-la.

— Há quanto tempo você está guardando essa tequila aí? — indaga Nat.

— Nós não podemos fazer isso, você perdeu o juízo? — digo. — Já fomos barradas lá no restaurante, e se a polícia passar aqui e nos ver com...

— Eu não quero mais ouvir nada disso! Vocês nunca colocaram uma gota de álcool no corpo, nunca quebraram as regras e fizeram algo sem pensar. E todo aquele discurso no restaurante sobre fazer algo impulsivo, Sam? Chega. Vamos beber e começar essa noite de uma vez por todas!

Nos entreolhamos.

Sem dizer mais nada, pego a garrafa da mão dela e tomo um longo e profundo gole do líquido cor de âmbar.

:): (: :0 :| :P

Depois de bebermos uma quantidade considerável de tequila, jogamos o resto da garrafa no lixo e entramos. Somos recebidas pela atendente, que nos leva até a mesa do canto, com o assento estofado, bem ao lado do bar. A garçonete nos entrega o cardápio, mas ninguém da mesa chega a olhá-lo.

Enquanto isso, mesmo depois de toda a tequila, percebo um leve atrito no ar. Há algo de errado com Marina e Nat, posso sentir. Nat, por possuir a lista, sabe dos desafios de todo mundo, portanto, sabe dos segredos. Deve ter descoberto algo sujo vindo da Marina. A pergunta é: o quê? Marina é o tipo de garota perfeita que nunca comete erros. O que poderia ser tão ruim assim para que Nat, uma das pessoas mais pacíficas do mundo, trate Marina desse jeito?

Quando estou prestes a dizer algo, qualquer coisa, para quebrar o silêncio, noto a cor se esvaír do rosto de Nat. Olho para trás e vejo que o meu destino será traçado daqui a alguns minutos, porque, caminhando até a nossa mesa, está Gustavo. E ele não está sozinho. Seu melhor amigo e também maior babaca da geração, Jorge, está com ele.

Ótimo. Agora vai ser *mesmo* bem fácil falar tudo para ele com uma megaplateia para assistir ao showzinho de horrores.

— E aí? — diz ele enquanto anda, inclinando levemente a cabeça, com um ar de arrogante superior, e depois dá uma piscadela. Gustavo caminha como se fosse o dono do bar, como se fosse invencível e não tivesse medo de nada. E eu o odiaria por isso, se não estivesse apaixonada por ele.

No mesmo instante, me levanto da cadeira com um pulo e percebo a expressão de Marina.

— Pelo amor de Deus — bufa ela. — Parece uma desesperada.

Ignoro o comentário dela e sinto o meu coração em chamas no momento em que Gustavo me dá um leve beijo no rosto e me abraça logo em seguida. Sinto o olhar de todos em nós, e isso só faz piorar ainda mais as coisas. Assim que nos soltamos, cumprimento Jorge e eles se sentam à mesa.

Minha mente já entrou em transe, resultado dos goles de tequila, mas essa sensação é divina, minha pele formiga, e tudo ao meu redor se move em câmera lenta.

Jorge está em uma conversa perigosa com Daph. Ele sempre teve essa coisa por ela e, agora que o caminho está livre, está tentando conquistá-la ou algo do tipo. Uma simples sugestão: não vai funcionar. Daphne adora desafios; ela gosta dos que não gostam dela. É uma garota forte, não se contenta com migalhas. Ela é do tipo que gosta de jogar. Que *sabe* jogar. Que faz o cara se apaixonar por ela, e que quer mudá-lo, ou consertá-lo, se ele estiver quebrado. Certa vez perguntei a ela: “Por que você não fica com os garotos que não precisam de mudança, ou de conserto? Por que você sempre fica com os misteriosos, que são jogadores também?”. Daphne simplesmente sorriu e respondeu: “Porque não tem graça. Ninguém quer ser a garota inútil. Nós queremos ser a garota que *mudou* o garoto. Ficar com os que já estão consertados não é tão empolgante. É fácil demais. E ninguém gosta de coisa que vem fácil.

É descartável. Exija mais, Sam. Não se limite. Seja a garota que muda o cara, não a garota que é mudada *pelo* cara.”

Ela disse tudo isso enquanto estava no banheiro da escola, retocando o gloss. Para ela, tenho certeza, foi uma coisa trivial, mas eu nunca me esqueci das suas palavras.

— Você está bem? — pergunta Gustavo, me despertando do transe.

Dou risada e deixo a minha cabeça cair no ombro dele. Tudo culpa da tequila, é claro, mas eu até que gosto.

— Ótima — respondo. Tudo gira e é engraçado.

Vejo Gustavo trocar palavras com Nat e Marina, mas não me forço a participar da conversa. Somente escuto uns trechos: “bebeu muita tequila”, “cala a boca” e “ela precisa tomar um ar”. Quando dou por mim, estou de pé, “*caminhando*” — se bem que estou sendo praticamente carregada, mas tudo bem — para fora do bar. Olho para cima e vejo que Gustavo está me segurando. Assim que chegamos lá fora, ele me encosta na parede e me entrega uma garrafa de água.

— Respire fundo e tome um pouco de água. Vai fazer você ficar melhor.

Mas eu já estou melhor! Qual é o problema em ficar um pouco tonta e alegre, pelo amor de Deus? Começo a dar risada, porque Gustavo não é o tipo de amigo salvador. Ele é o tipo de amigo que te embebeda, e não do tipo que te salva. Mas então, se Gustavo não pode me salvar, por que estou apaixonada por ele mesmo? Dou mais risada, porque cada pensamento é tão trágico que chega a ser engraçado.

Agacho-me e sento no chão, ainda rindo. Sinto alguém se abaixar e, com os olhos fechados, sinto que essa é a hora. Ali mesmo, sentada em um chão do lado de fora de um bar. Este é o lugar. Aqui que a verdade tem de ser revelada. Abro os olhos. Gustavo me olha com intensidade. Eu sorrio.

— Você fica engraçada quando bebe — comenta ele.

Passo os meus braços em volta dele e o abraço. Gustavo cheira a sabonete e a perfume caro, uma mistura que parece absurda, mas que, juro por Deus, é a melhor coisa. Fecho os olhos e sinto Gustavo me abraçar com força também.

— Eu preciso... — começo a dizer, mas perco a força.

— O quê? — pergunta ele, sem se desvencilhar do abraço.

Passo a mão em seu cabelo. É macio, como eu sempre suspeitava.

— Eu preciso fazer uma coisa.

Gustavo me solta do abraço e olha em meus olhos. E, sorrindo, diz:

— Faça o que você tem de fazer.

O que só pode significar uma coisa: ele sabe. Ele quer. Gustavo quer que eu o beije. Só pode. Dou uma risada nervosa e sinto que os seus olhos me fitam.

— Eu... — Não encontro a voz. Ela se perdeu, foi ocultada pelo medo. O medo, que é o mais terrível ladrão, roubando todas as nossas forças e sugando nossa coragem. O medo, que nos impede de alcançarmos as coisas inalcançáveis.

— Faça o que você tem de fazer — repete ele.

Me levanto e me preparo para contar tudo. Entretanto, não consigo. Meu Deus, não consigo. Ele vai me odiar pela eternidade. Eu não posso jogar essa bomba nele. Porque isso será o meu fim. O *nosso* fim. Essa bomba nos explodirá e nos fará perder tudo. Mas, afinal, o que é esse tudo? Nossa amizade?

Então eu me dou conta. Já estou perdendo tudo. Estou perdendo tudo a cada momento desperdiçado, a cada palavra não dita, a cada beijo não dado e a cada lágrima derramada.

Não, não tenho coragem de beijá-lo. No entanto, talvez, possa tocar a alma dele com as minhas palavras, e isso seria quase como

um beijo, certo?

Certo.

Então é isso.

Lá vai.

Lá vai...

— Estou apaixonada por você, Gustavo. Sempre estive — confesso, as palavras, em profusão, se embaralham à medida que saem da minha boca. Ele fixa os olhos em mim com um terror escancarado. Seus olhos me fitam de um jeito medonho, como se nunca tivessem me visto antes. Gustavo franze o cenho e... e... e sei que arruinei tudo. Droga. Começo a me desculpar na mesma hora: — Eu sei, sou uma idiota e uma burra. Me desculpe, não sei porque falei isso, me desculpe. Jesus, eu nem gosto mesmo de você, só disse isso porque... Ah, não, quer saber? É isso mesmo. Há três anos estou apaixonada por você. Não pude evitar. É só que... Sei lá. Meu Deus.

CAPÍTULO 6

Agora

Dou um passo vacilante para trás, quase caindo devido à altura do meu salto e às tais doses de tequila que tomei. Isso parece despertar Gustavo do transe em que ele se encontra. Seu rosto está indecifrável, coberto pelas sombras da noite, e a única coisa que prova que ele ainda está vivo é o leve e ritmado movimento que seu peito faz. Ele pisca, atônito, desvia o olhar para os carros que passam na rua e volta os olhos para mim. Dessa vez, quem desvia o olhar sou eu. Porque eu sei que se eu olhar dentro daqueles olhos — dentro daqueles olhos verdes que me hipnotizam, que me fazem ceder —, sei, do fundo da alma, que irei desmoronar. E eu não posso desmoronar. Não agora. Não quando tudo está em jogo.

— Sam... você... você não pode estar falando sério. Quer dizer, você está *bêbada* — diz ele, engolindo em seco. — Isso só deve ser uma aposta boba das suas amigas. Acho melhor eu chamar um táxi pra você poder ir pra casa e...

Dou um passo à frente, mas não sem antes tropeçar. Maldita tequila! O mundo gira e o vento chicoteia o meu rosto, tenho plena consciência de que irei de encontro ao chão em questão de milissegundos. No entanto, essa certeza se dissipa no instante em que sinto dois braços firmes me segurarem. Começo a rir histericamente e sinto Gustavo me abraçar de um jeito protetor. De um jeito que só um melhor amigo faria. E, para ser honesta... não quero um melhor amigo. A não ser que seja um melhor amigo com benefícios.

Consigo me desvencilhar dele e o empurro.

— Sério, vou chamar um táxi pra você, Sam — avisa ele com um tom autoritário na voz. — Você não sabe o que está fazendo.

— Cala a boca — digo. — Por acaso você não ouviu o que eu disse? — O coração se contrai à medida que as palavras escapolem. — Eu acabei de dizer que estou apaixonada por você, e tudo o que você faz é comentar que eu estou bêbada? — Neste exato momento, não me importo em fixar os meus olhos nos dele. Caramba, não estou nem aí. Quero apenas ouvir alguma palavra. Qualquer coisa. De preferência algo do tipo: “Eu também nutro uma paixão secreta por você, Samanta. Vamos caminhar pela noite de mãos dadas enquanto falamos bobagens”.

Entretanto, não é nada disso que ele fala. Meu Deus, passou longe! Gustavo lança um olhar de cólera e tenta pegar a minha mão enquanto solta as palavras que acabam por fazer ruir tudo.

— E... eu... eu tenho namorada, Sam.

Chacoalho a cabeça, mal acreditando no que Gustavo diz. Então engulo em seco, em uma luta particular para conter as lágrimas. Estou bêbada. Acabei de levar um fora do meu melhor amigo. E estou prestes a dar um show na porta de um bar. A noite não poderia ter ficado pior.

Como ele tem coragem de falar isso? Como ele tem coragem de... de... de não me querer? Como ele pode... como...

— Sam, por favor, não chore — suplica ele, tentando me alcançar. Mas eu já estou longe. Apenas alguns centímetros de distância dele, porém jamais estive tão longe dele como agora. Gustavo não pode me alcançar mais. Não pode.

— Não me peça para não chorar. Não quando *você* é o motivo do choro — digo ríspidamente, me embaralhando com as palavras. Tudo está girando e cada carro que passa na rua joga a luz de seus faróis em meu rosto, piorando ainda mais a tonteira.

— Se não fosse por isso, eu... Quer dizer, nós teríamos...

— A Andreyra é uma descarada, uma oferecida. Você sabe disso, não sabe? Ela te traiu duas vezes e você ainda continua com esse “relacionamento”.

— Sam, por favor, pare com isso. É complicado para mim... — Gustavo começa a falar, mas, neste momento, eu não me importo. Meu celular vibra em meu bolso e eu o pego para checá-lo. Notificação de nova mensagem no visor. Clico na tela e leio o que está escrito, com certa dificuldade.

Faça. Faça agora antes que seja tarde demais. É a última chance. Lembre-se das razões pelas quais estamos aqui, para começo de conversa. Vicky acreditava em você, assim como nós!!!

Então, sem parar para pensar — porque se pensar agora, se tiver o mais leve pensamento, sei que o medo acabará tomando conta de tudo e arrastará a coragem para longe (e, neste momento, eu preciso da coragem aqui comigo) —, faço a única coisa que posso fazer. Avanço até Gustavo e beijo-o.

Ele fica sem reação. Está assustado demais para fazer algo a respeito, como me impedir ou mesmo corresponder, então aprofundo o beijo ainda mais, passando meus braços ao redor de seu pescoço, incentivando-o. Quer saber? Que se dane. É verão. E eu estou bêbada. É isso aí. A minha língua em sua garganta. Para o inferno as regras. Estou beijando o meu melhor amigo, e isso nunca me havia parecido tão certo, mesmo que pudesse ser tão absurdamente errado.

Subitamente, depois de alguns segundos beijando-o, sinto sua mão em minha nuca, e o toque me congela. Ele está correspondendo! Meu Deus, sim, está! Eu, animada e cheia de esperança, me descongelo rapidamente e aprofundo o beijo. Seu toque é delicado e carinhoso, como se receasse me quebrar. E talvez receie. Receie quebrar o que existe entre nós. Mas eu me pergunto se depois de beijar o meu melhor amigo/garoto por quem estou apaixonada, será que ainda resta algo a se quebrar? A amizade foi para algum lugar bem distante, onde parece ser impossível de ser alcançada. Depois desta noite, não sei o que será daqui em diante. Mas será algo. Pela maneira como Gustavo me beija, sei, com cem por cento de certeza, que será *algo*.

Bem, pelo menos é isso que eu penso até sentir um braço me puxando com toda a força e me derrubando no chão. Olho para cima sem saber como há dois segundos estava nos braços do meu melhor amigo e agora estou caída de joelhos em um chão imundo. Com os joelhos ralados, é claro. Porque, de algum jeito, sempre acabo no chão com os joelhos esfolados, sangrando.

Pisco atordoadamente, até que compreendo. Sim, compreendo tudo.

Ela está aqui.

— Que palhaçada é essa? — grita Andreyra, a namorada de Gustavo, atraindo olhares de todos que estão na rua. E de muitos que estão dentro do bar. — Que. Palhaçada. É. Essa — repete ela com os dentes semicerrados, desviando o olhar para mim e olhando para ele.

— Minha anja, eu só estava... Olha só... — Gustavo tenta, debilmente, explicar.

— Eu já olhei, Gustavo! Já vi tudo! — grita ela.

É agora, penso, sorrindo. Me levanto do chão e sacudo a poeira. Rápido assim. Pelo canto do olho posso ver que as minhas amigas — e metade do bar — estão paradas, assistindo a tudo que se desenrola neste exato momento. Ninguém quer perder nada.

— Mas, anja, eu... — É agora! Sei que é agora. Já preparo meus ouvidos para escutar as palavras mágicas que ele dirá. Palavras que farão tudo valer a pena. Principalmente, essa noite. “Mas, *minha anja*, eu... Eu não estou apaixonado por você. Nunca estive. Estou só com você por comodismo, porque sou um covarde e porque tenho medo de ficar sozinho. Mas, quer saber? Não estou sozinho agora. Descobri que nunca estive.” E então Gustavo pegará na minha mão e caminharemos juntos pela noite. Por essa e muitas outras noites. Me preparo para pegar em sua mão, quando ele finalmente toma coragem para dizer:

— ... ela está bêbada e me agarrou. Não foi minha culpa. Eu jamais trairia você.

O. QUÊ?

Estou paralisada, sem reação. Meu momento de magia explodiu e se transformou em cinzas. E, agora, as cinzas estão entaladas em minha garganta e eu não sei o que fazer. Perdi a voz. Perdi a magia. Como ele pôde dizer isso? Como? Estou em choque. Não consigo respirar.

— Como assim ela te agarrou? — perguntou Andreyra, olhando em minha direção. Então ela semicerra os olhos. — Espera aí! Você não é aquela amiga dele? Sabrina?

— S-Samanta — gaguejo, mal sabendo como a minha voz saiu. Andreyra se aproxima de mim, tentando se igualar ao meu tamanho. Desculpa, querida. Você tem quinze anos, é uma promíscua e está usando um salto vagabundo. Nunca vai estar à minha altura.

— Eu sabia! — Ela aponta para mim, seus olhos fumegantes e sua boca salivando. É o veneno que escorre. E é o mesmo veneno que me mata. — Eu sempre soube que você sentia algo por ele! E o que você dizia, Gustavo? Que eu era paranoica! Estou vendo a minha paranoia!

— Andreyra, amor, vamos conversar em outro lugar, tudo bem? Aqui é...

— Descarada! — grita Andreyra, ainda apontando para mim. — Você pensa que vai tirá-lo de mim, não é isso?

Descarada? Ela não pode estar falando sério. Não pode mesmo.

— Descarada? *Eu?* — indago. — Desculpa, pirralha, mas não fui eu quem perdeu a virgindade numa sala de cinema! — grito. Nessa hora, ouço risos vindo da multidão que nos assiste. Minhas amigas, especialmente Daphne, não param de rir. Quão louca essa vida pode ser, que, enquanto suas melhores amigas riem, você luta para não desmoronar na frente delas?

Andreya arregala os olhos e se vira para Gustavo.

— Você contou para ela?

— Amor, eu... — Ele dá alguns passos e tenta abraçá-la. E, enquanto ela se debate nos braços dele, eu morro por dentro. Porque, durante aqueles segundos, toda a minha verdade, tudo que eu pensava saber, afundou num mar de negação e me arrastou junto.

Começo a chorar. Porque Gustavo decidiu salvá-la. E, salvando-a, salvando a relação com ela, ele me destruiu.

Sinto uma mão no meu ombro; não preciso virar para trás para saber de quem é. Daphne.

E, enquanto as lágrimas rolam cristalinas pela minha face, ele me olha. E o olhar de Gustavo só me faz chorar ainda mais. O olhar dele faz com que eu questione tudo. Porque o meu porto seguro se incendiou e eu fiquei presa nos escombros. Tudo que eu acreditava virou mentira, virou ilusão.

Garota estúpida, realmente achou que ele a trocaria por você?, grito para mim mesma, enquanto o meu coração murcha lentamente, como uma flor que morre não por falta de água, mas pelo excesso dela. No caso, lágrimas.

Tudo que acontece em seguida parece um borrão. Sinto alguém me arrastar para dentro do bar. Me entregam um copo. Não sei o que é, mas é doce. Muito doce. Talvez maracujá, quem sabe. Só sei que estou em choque. Em estado de negação. É assim que alguém supostamente deveria ficar após ter o coração partido? Porque, se não for, isso que eu estou sentindo é bem parecido. Porque dói. Dói como o inferno. Dói como a ferida aberta que não para de sangrar.

— ... um idiota. Um idiota. Um covarde. Um covarde de marca maior — ouço uma das meninas dizer, mas não me movo. Não pisco.

— Nunca esperava isso dele — outra comenta.

— Quer saber? Eu preciso ficar um pouco sozinha. — Ao dizer isso, caminho em direção às escadas.

:) :(;) :0 :| :P

— *AimeuDeus!* Você está bem? Ok, pergunta idiota — diz Nat, depois de entrar no banheiro como um furacão. Ela fecha a porta, não percebendo que tudo que eu mais quero agora é ficar sozinha. Ótimo. Meu recém-achado esconderijo está completamente arruinado.

A vida é feita de escolhas. Essa noite eu fiz uma. Uma escolha não muita boa, se vocês querem saber. E como eu me sinto depois disso? Com medo. Medo do desconhecido. Medo do que isso significará para a nossa amizade. Medo do que será daqui para frente. Medo. A porcaria do medo.

Chacoalho a minha cabeça e a enterro em meus joelhos. O chão do banheiro está frio e provavelmente cheio de bactérias, mas eu não me importo com isso. Não depois da noite que eu estou tendo.

As estúpidas lágrimas continuam a cair e a única coisa que eu sinto é vergonha. Humilhação. Como eu pude ser tão imbecil a ponto de ter aceitado esse desafio? No que eu estava pensando?

Sinto uma mão afagar o meu ombro e olho para cima.

— Sam, eu sinto muito. Muito mesmo. Ele é um idiota — afirma ela, secando as minhas lágrimas. Nat se levanta, pega um papel toalha e me entrega. Isso é tão típico. A melhor amiga ajudando a outra a tentar limpar a bagunça.

— Não. Eu é que sou a idiota da história, Nat. Eu poderia ter parado esse sentimento logo no começo! Essa situação toda poderia ter sido evitada se eu tivesse um pouco de cérebro! Mas... não. A burra tinha de pensar que as coisas poderiam ser diferentes, pelo menos uma vez na vida! — confesso, pegando o papel e secando o meu rosto.

Ela me lança um olhar cheio de pena. Pobre Nat. Só queria ter uma noite divertida com as amigas e olha só no que deu. A noite acabou assim. Eu, sendo a ferrada do grupo e minhas amigas com pena de mim. Chega a ser patético.

— Isso não é culpa sua. Você sabe disso — diz ela. — Sam, levanta deste chão. Nós temos de continuar a fazer as coisas da lista e... — Nat continua a falar, mas eu não dou a mínima.

Lista? Qual é? Se não fosse por essa porcaria de *lista* eu nem estaria aqui, chorando neste banheiro gelado e desconfortável! Não é nem meia-noite e olha o tanto de coisa que eu perdi! Para começar, perdi mais de vinte centímetros de cabelo, sem falar na cor natural dele. Depois meu melhor amigo e futuro-namorado! O que há de errado comigo? Ou melhor, o que passou na cabeça de Vicky para nos dar essa lista ridícula? O que ela esperava que estes itens fizessem? Mágica? Amor? Coragem? Sinto te desapontar, amiga, mas tudo que eu estou conseguindo nessa noite é uma possível prisão, um castigo para o resto da minha vida e um drama que eu nunca havia imaginado ser possível ter por uma noite.

Obrigada, muito obrigada!

Honestamente? Eu estou cansada. Estou cansada de me deitar todas as noites na cama me sentindo um lixo. Estou cansada de viver à mercê de um milagre. Estou cansada das pessoas me ferrarem, quando eu não faria nem metade das maldades que elas fizeram comigo. Só quero uma razão para levantar da cama de manhã. Só quero... Só quero o que não posso ter. Esta é a verdade. Por isso que me ferro tanto. Porque insisto em algo que nem está mais lá para ser tocado pelas minhas frágeis mãos.

Eu nunca pedi nada de mais ao Gustavo. Só amor. *Amor, amor, amor...* Mas é sempre assim, não é? Não importa o que digam sobre o sentimento, temos de pagar para ver. Porque é pagando para ver que a gente se confronta com nós mesmos. Com os nossos medos. É quando nos colocamos à prova que nos conhecemos. É quando tentamos alcançar o inalcançável que aprendemos. Por isso que o

processo de aprendizado é acompanhado da dor — ninguém quer se expor, ninguém quer se esforçar até o limite para perceber que o esforço terá sido em vão.

— Finalmente! Natália, qual é o seu problema? Você poderia ter nos avisado que a Samanta estava aqui. Fui até o outro lado da rua procurar por ela! — Marina entra, digitando algo em seu celular.

Perfeito. Mais piedade e olhares de pena.

— Vocês querem saber o pior de tudo? Ele sabia. O Gustavo olhou no fundo dos meus olhos como se ele soubesse o que eu estava prestes a fazer. Aqueles olhos que sempre me fazem ficar hipnotizada e que me fazem perder a razão. Ele disse: “Faça o que você tem de fazer”. De algum jeito, Gustavo sempre soube. Sempre soube e nunca fez nada sobre isso. Nada.

— Isso só prova que ele não te merece. Eu sei que ter o coração quebrado é terrível. E é mais terrível ainda quando todos do bar param para escutar e a namorada do garoto aparece do nada e ainda tira a pouca dignidade que lhe resta — diz Marina, guardando o celular na bolsa.

— Obrigada, Marina. Me sinto muito melhor agora — ironizo.

Sério, esta noite pode ficar pior? O que falta? Uma ligação do meu querido pai me dizendo que eu tenho uma irmã? Realmente, não duvido de mais nada nesse ponto da noite.

Nat revira os olhos e dá um tapa no braço de Marina.

— O quê?

— A tentativa aqui é de ajudar, não de humilhar mais a Sam.

— Não se preocupe, Marina. As coisas não podem piorar. Eu não sei o que passou pela minha cabeça quando eu decidi fazer as coisas desta lista. A verdade é que eu sou covarde. Tenho dezessete anos e sou covarde. Tenho medo. Demorei três anos para confessar e olha só no que deu. Eu bem que mereci — digo, já cansada de tudo e de todos. Tudo que eu quero agora é ir para casa e me afundar em

minha cama. — Quem eu quero enganar cumprindo os itens? Todo mundo sabe que é só uma porcaria de lista! Ninguém está realmente levando a sério isso! Como se cumprir essas coisas fosse nos dar coragem para o resto de nossas vidas!

As meninas se entreolham e voltam os seus olhares para mim. Posso ver que o que eu disse há pouco também as afetou. E como não poderia? Elas estavam nessa furada, também. Começamos a noite animadas com o que poderia acontecer. Começamos este desafio achando que esta noite mudaria a nossa vida para melhor. Mas não. A verdade é que vai ficar tudo na mesma. Ah, não. Engano meu. Não vai ficar tudo na mesma. Pelo simples fato de que a minha vida virou de ponta-cabeça nas últimas horas!

Quer dizer, a gente pensa que as coisas ficarão mais fáceis à medida que o tempo passa, mas isso é uma mentira. Conforme a gente cresce, percebemos a grande verdade neste mundo. As pessoas são más e egoístas. Para elas pouco importará o quanto você se esforçou ou o quanto você fez. No final das contas, quando você mais precisar, elas te abandonarão. Porque não querem lidar com o drama, com a bagunça.

Eu já havia perdido a coisa que mais importava na lista. Qual é a finalidade em terminá-la, então?

— Nat, e se a Sam estiver certa? Não estamos nem na metade da lista ainda e olha o tanto de coisa que já aconteceu. Acho que nós devemos ir para casa. É a coisa mais sensata a se fazer no momento — reflete Marina.

— Mas... e os outros? — Nat não termina a pergunta. Alguém acaba de abrir a porta como se fosse passar por cima dela.

Nós três viramos o rosto e encaramos a garota parada com os braços cruzados. A posição dela é autoritária. Seu rosto está vermelho e posso afirmar que ela está brava. Tenho certeza de que a Daphne começará a gritar comigo e jogará na minha cara que eu sou covarde nos próximos segundos, mas tudo o que ela fala é:

— Samanta, levanta deste chão agora.

:): (:): :0 :| :P

À medida que os segundos passam, vou voltando ao normal. E por normal a gente entende: vazia e destruída. Mas, ao menos, entendo o que está se passando ao meu redor. As garotas chamaram um táxi. Vamos para a próxima parada da noite. Para o próximo lugar que quebrará o coração de alguém.

O táxi finalmente chega. Todas entram. E chega a minha vez de entrar. Me odiando por isso, olho para os lados. Só para ter certeza. Mas Gustavo não está mais aqui. Me viro, me preparando para entrar no carro. Todas as meninas já entraram e estão me esperando.

E então, acontece. Sinto alguém pegar na minha mão. Viro para trás.

É ele. Que surgiu do nada. Porque ele sempre surge do nada.

— Sam, por favor. Me desculpe por aquilo, eu não tive a intenção de te magoar.

— Onde está ela? — É tudo que falo enquanto encaro os olhos dele. Mas serei forte desta vez. Desta vez, não permitirei que eles me hipnotizem. Desta vez, não permitirei que eles me façam ceder. Nem que tenha de fechar os olhos e nunca mais olhe para ele.

— Ela foi pra casa — responde Gustavo.

— Você terminou com ela? — pergunto, mesmo sabendo a resposta.

— Não, mas... por favor, Sam, não entra neste táxi. Fica. Vamos conversar. Beber algo. Já sei. Chocolate quente e petit gâteau, seus preferidos, que tal? Só não vá. Fica. Por mim. Fica — pede ele, os olhos suplicantes.

E eu quero ficar. Juro por Deus que quero ficar. Mas se eu ficar, o que isso pode significar? Quer dizer, ele não me trocou por ela

quando teve a chance. Gustavo nem ao menos tentou me defender. Ele só... ficou parado, observando tudo. Covarde. Me apaixonei por um covarde. E é por isso que eu sei que não posso ficar. Porque se eu ficar, vai ser isso. Eu me apaixonando por Gustavo de novo. De novo, de novo, e de novo... E isso não vai ter fim. Porque ele não vai terminar com ela para ficar comigo. Entendi isso. Entendi isso no momento em que Gustavo a abraçou com aqueles braços fortes que poderiam me abraçar e ser fortes por mim. Mas isso não aconteceu. Ele não me quer. Só não quer me perder. E isso ferra com tudo. Absolutamente tudo.

— Me dê uma boa razão, Gustavo. Me dê uma boa razão para não entrar neste táxi — digo.

Ele engole em seco. Me olha nos olhos e, depois de alguns segundos que me parecem eternos, diz:

— Porque você é a minha melhor amiga e eu não quero te perder.

Olho para o lado e dou um riso falso. Entro no táxi e bato a porta.

— Isso não é suficiente, não foi e nunca vai ser, Gustavo. — E, dito isso, mando o taxista seguir e não olho para trás uma vez sequer.

CAPÍTULO 7

— Isso é ridículo. Por que estamos aqui, afinal? Nem está na lista. Eu voto para que a gente termine logo estes itens e vá embora — digo, bufando de raiva. Por mim, eu estaria em casa. Dormindo, chorando, comendo. Fazendo qualquer coisa. Qualquer coisa menos enfrentar o resto da noite.

— Tá bom, já chega. Ninguém mais aguenta essa atitude pessimista, Samanta! Você veio reclamando o caminho todo! Chega! Ok, entendemos que você acabou de levar um fora do amor da sua vida ou coisa do tipo. Mas não é como se você tivesse perdido uma perna ou algo que nunca mais pode recuperar! Você já teve seu momento adolescente dramática com aquela ceninha no banheiro! Por Deus, garota! — grita Daphne, enfurecida.

Estamos na parte dos congelados. E é assim que eu me sinto agora. Marina olha chocada para Daphne. E eu estou assim também. Será que ela não entende? Como ela espera que eu fique bem em alguns minutos?

Não respondo nada, apenas reviro os olhos. Daphne, não satisfeita o bastante, continua:

— Não adianta me olhar assim, ok? Alguém precisa te dar um sacode, e, se nenhuma das meninas tem coragem, eu tenho de sobra. Qual é, Samanta!? Você é melhor do que isso. Concordo que foi tenso e tudo mais. Mas chega! Você está agindo exatamente do jeito que ele espera! Sabe o que você precisa fazer? V-I-V-E-R. Você ficou presa nesta história por três anos! Olha quanto tempo você já perdeu! Você tem de ser mais corajosa!

— É fácil para você falar! Você nasceu sendo corajosa! Nunca teve medo de falar o que pensava! Nunca se arrependeu por ter sido corajosa! Mas e quanto a mim? Quando fiz isso, eu destruí a minha

vida. E a dos meus pais também. Então como você espera que eu consiga fazer isso logo depois de ter o coração partido pelo meu melhor amigo? — argumento, meu sangue fervendo.

Droga, só quero ir para casa.

Só quero que a noite termine.

— Eu não estou te pedindo para nunca mais chorar ou ficar triste. Sam, você vai ter de terminar os itens da lista queira ou não queira. Foi o nosso pacto, lembra? Você tem duas escolhas: pode passar o resto da noite chorando e agindo como uma verdadeira cretina ou pode escolher se divertir com as suas amigas. Se divertir como nunca. Nós sempre estivemos aqui. Nada disso é nossa culpa, então não desconte na gente, ok? Nós somos amigas há três anos. O quarteto fantástico, lembra?

Onde estava a Nat, que não voltava nunca?

O mercado estava vazio, a não ser por um grupo de garotos que seguiam na direção da seção de bebidas. É claro.

A ideia genial de vir para cá havia sido da Marina. Ela disse que todas estávamos precisando esfriar a cabeça e sair da área de drama. Notícias quentes: o drama me segue. O tempo todo.

— Gente, acho que vocês precisam se acalmar. Vamos respirar um pouco, tá legal? — diz Marina, tentando apaziguar o clima.

— Estou terminando — rebate Daph, erguendo a mão para Marina. Agora ela se dirige a mim novamente. — Você já está aqui mesmo. Então por que não tentar fazer com que esta noite fique um pouco melhor? Você não tem mais nada a perder. Esta é a nossa noite. Se ainda vamos ter drama fazendo os outros itens? Isso é óbvio. Só que não vamos deixar o drama se interpor entre nós. Entre a nossa felicidade. Vicky tinha uma razão para fazer tudo isso. Vamos confiar nela. Então pare de sentir pena de si mesma. Caramba, a Vicky está morta. Morta! Você tem noção do que ela daria para trocar de lugar com você?

Essa doeu. Daphne tinha tocado na ferida.

Respiro fundo e, por um momento, finjo que não estou mais aqui.

E, se eu não estou mais aqui, onde estou? Vou para onde? E com quem?

Tenho medo? Tenho coragem?

Se eu estou com elas, eu sei onde estou. Não preciso de direção. Se estou com elas, sei que não estou sozinha. Sei que não preciso fingir nada. Sei que não preciso ser ninguém além de mim mesma.

As palavras de Daph tocam fundo. É um tapa na cara. É um soco no estômago. Mas é necessário. Eu não posso mais fazer isso. Não com elas, as pessoas que sempre estiveram aqui por mim. Não posso agir como a minha mãe. Não posso cair na escuridão por causa de um garoto. Não posso perder mais uma parte de mim. Não de novo. Droga, novamente eu fui corajosa. Perdi outra batalha. Se eu estava bem? É claro que não. Mas, por elas, eu fingiria. Fingiria até não precisar mais. Fingiria até não perceber mais que estou fingindo.

— Gente, fechem os olhos! Rápido, fechem os olhos! — Escuto a voz de Nat ordenar.

Faço o que ela pede.

— Ok, agora abram a boca. — Sou a primeira a ser atingida por algo. Escuto o barulho de um spray e sinto algo doce e macio. Assim como a pontinha de esperança que nasce do fundo da minha alma.

Engulo e sinto o gosto doce percorrer o trajeto até o estômago.

Abro os olhos e vejo que as outras meninas estão todas sujas de chantili.

— Ainda não se mexam! Este momento merece uma selfie. Se juntem — pede Nat, me abraçando para caber na foto.

Clique.

Foto tirada.

Daqui a alguns anos vou olhar para esta foto e vou ser invadida por um sentimento de arrependimento ou felicidade?

Vejo que a resposta desta pergunta depende do que farei em seguida. De como agirei.

— Daph, você está certa. Eu não posso mais fazer isso. Desculpa, gente. Sinto muito por agir de maneira tão egoísta. Eu quero terminar a lista. E quero terminar isso do jeito certo — afirmo, um pequeno sorriso brota em meus lábios.

As meninas trocam olhares e sorriem também. As coisas ficarão bem. Nat coloca mais chantili em nossas bocas, e o gosto é tão doce que chega a me despertar.

— Ótimo, *chicas!* Quem aí quer dar uma voltinha? — digo, pegando um carrinho ao lado das lasanhas congeladas. Ninguém entende nada, a princípio. — Ok, então. Acho que serei a primeira. Quem empurra?

Elas finalmente entendem o que quero fazer e adoram a ideia. Nat e Marina empurram o carrinho com toda a velocidade, enquanto eu e Daph nos deliciamos com o perigo em nossas veias.

O carrinho vai ganhando mais velocidade a cada minuto e faz uma barulheira por onde passa.

Deus, este mercado não tem câmeras nem funcionários? Bem, sorte nossa.

— Isso é incrível! — exclama Marina, rindo como nunca. — Também quero ir!

— Ok, próxima parada: corredor de bebidas! — anuncia Nat, indo em direção das bebidas. Saímos do carrinho e as meninas começam a escolher as garrafas.

Tequila, vodca, martíni...

Meu estômago se embrulha só de pensar em tomar alguma coisa. Isso não está certo. Ok, posso ter confessado tudo para o Gustavo.

Mas ali eu não era cem por cento eu. O álcool também ajudou a ter coragem. E muita.

— Espera aí, gente. Foi muito legal beber pela primeira vez, ficar borbulhante e tudo mais, só que a sensação de euforia acabou. A sensação de que posso fazer qualquer coisa sem nenhuma consequência foi embora. E eu não quero mais fazer isso. Tenho certeza de que Vicky desaprovava — confesso, não muito feliz por ter usado a bebida a meu favor.

— Como assim? — questiona Daphne.

— Quero dizer, ela fez este desafio para que fôssemos corajosas por nós mesmas. Uma apoiando a outra. Vocês realmente querem se lembrar desta noite daqui vinte anos e se arrependem por estarem bêbadas? Ou querem ter orgulho porque fizeram tudo por si mesmas? Só não me parece certo que a gente use a bebida para conseguir isso. Qual é, a gente sempre se divertiu sem bebidas. Não precisamos de álcool para ser corajosas. Vamos tentar fazer os itens sem álcool, pode ser? — proponho e espero a reação das meninas.

Daphne respira fundo e coloca a garrafa de vodca na prateleira. Marina parece ficar feliz com a ideia e assente na mesma hora. Olho para Nat, esperando a resposta dela.

— Você tem razão, Sam. Então vamos pegar algumas... — Nat não termina a frase, porque seu celular começa a tocar. Ela atende. — Oi, Gabe. Não estamos fazendo nada, só... saindo por aí, sabe? O quê? É claro que não, pare de ser ridículo. Não, não tem nenhum garoto aqui do meu lado. Meu Deus, você é idiota ou o quê? Espera aí.

Nat afasta o celular do ouvido e deixa o seu irmão falando sozinho. Ela sussurra:

— Gente, ele quer nos dar uma carona para o próximo lugar.

Marina olha para mim e para Daphne. Ela nem espera Nat terminar a frase e já responde:

— Sim, aceitamos! — Nat dá um sorrisinho irônico para Mari e volta a falar com o irmão. Daphne e eu encaramos Marina. Há algo estranho no ar. Algo que não sabemos. Marina percebe que fez algo errado e fica corada. — Que foi? Só falei rápido porque é melhor para todo mundo. Não vamos ter de gastar com táxi. Pelo menos a gente economiza, né?

— ã-hã, claro — diz Daph, com os braços cruzados.

Depois de alguns segundos, Nat volta e nos avisa que o irmão está vindo nos pegar.

— Meu irmão é ridículo! Quer me monitorar o tempo todo! Qual é, eu tenho dezessete anos. Como se ele não fizesse coisa pior — reclama ela. — Ah, por falar nisso, o Gabriel não pode saber o que estamos fazendo hoje e nem para onde vamos. Pelo amor de Deus, hein, não abram a boca! — Todas assentimos e saímos de fininho do mercado.

:):(:):0:|:P

Os acordes de “Alors on danse” do Stromae invadem os meus ouvidos no momento em que entro no carro. Nat vai à frente. Assim que entramos, ele parte na maior velocidade possível (e permitida).

O som está nas alturas, como sempre. As janelas estão abertas e o vento bagunça o meu cabelo e varre qualquer sentimento desconfortável. Fecho os olhos e me perco na música. Liberdade. Tudo o que consigo sentir é liberdade. Um grupo de amigos fazendo o que der na telha, sem se importar com as consequências.

— Então, para onde nós estamos indo? — pergunta Gabe, num tom sarcástico.

— Não, *você* não vai a lugar nenhum. *Nós* é que vamos. Pode nos deixar no Shopping Batel. Ainda não decidimos aonde vamos — mente Nat no melhor e mais convincente tom de voz que eu já ouvi. A garota é boa.

Gabe a encara e o carro para num semáforo. Ele aproveita e olha para trás. Tento dar o olhar mais convincente e inocente, mas não sei se consigo. Espero que Daphne e Marina se saiam melhores do que eu.

O irmão de Nat começa a rir e depois fala:

— Vocês acham que me enganam? — O olhar de Gabe para em Marina. — Por favor, eu sou o rei das mentiras. Sei reconhecer quando vejo uma. Então falem logo — diz, e então semicerra os olhos: — Espera aí, você pintou o seu cabelo?

Marina levanta os ombros e dá um sorriso tímido.

Agora Gabe olha para mim.

— E você? Meu Deus, você também pintou e cortou o cabelo. Nat, só falta você me falar que fez um piercing ou uma tatuagem. Sério mesmo, o que aconteceu com vocês?

— Não fiz nada disso. Ainda. E, mesmo que eu fizesse, você não saberia — responde Nat, lançando um olhar provocativo.

O silêncio seria sepulcral se a música não estivesse tocando. Gabe me olha pelo retrovisor e lança um olhar desconfiado, provavelmente tentando entender da onde vieram tantas mudanças. Aposto que ele está impressionado. Afinal, as *amiguinhas* da irmãzinha dele nunca chamaram muita atenção. Nunca pareceram ser do tipo que aceita qualquer desafio. Que diabos poderia ter acontecido para isso mudar?

Eu acho que ele nunca pensou que poderíamos ser esse tipo de garotas.

Devo admitir que o Gabriel é bem gato. Tipo totalmente sexy e perigoso. Ele já tem dezenove e está na faculdade. Faz o típico surfista. Loiro de olhos azuis.

O sinal fica verde e o carro ganha velocidade.

— E aí, Gabriel? Só você fica fazendo perguntas. Por que você não conta para gente o que vai fazer hoje? — pergunta Daph cheia de

confiança.

Gabe dá um sorriso besta e devolve:

— Sei lá, preciso ver com o pessoal. Só sei que vou encontrar todo mundo no posto, eles querem fazer um esquentão.

— É claro que querem — afirma Nat. — Fala sério, seus amigos fazem outra coisa a não ser beber toda a noite? Você também está indo no caminho deles. Cuidado, hein? Não vai querer acabar com a aposentadoria do pai em um centro de reabilitação.

— Natália, cala a boca. Você tem dezessete anos e se acha. Vê se cresce, gurria. Você é um bebê ainda — diz ele, obviamente se achando o fodão. Ridículo.

— É claro. E você que só tem dois anos a mais é o maduro da história. Com certeza — discute Nat e revira os olhos.

É melhor alguém intervir aqui antes que Gabe perca a direção do carro.

— Meninas, todas prontas para a próxima parada? — Precisei falar. Eles não parariam de discutir tão cedo. E, conhecendo estes dois, sei que a discussão ia longe. Mesmo.

— Vocês não vão mesmo me contar o que estão fazendo? Qual é, Natália! Quantas vezes eu já não salvei a sua pele? — Gabriel para de discutir e volta ao assunto dos desafios. Ignoro o olhar mortal que Nat me lança por trazer o assunto novamente à tona.

— Tá bem, que saco! Estamos cumprindo alguns desafios, ok? Satisfeito? — diz Marina.

Até Gabe se assusta. O que esta nova Marina fez com a velha? Ela nunca abria a boca para discutir com ninguém.

— Que tipo de desafios? — pergunta ele, com um olhar cabreiro.

— Sei lá, depende. — Nat dá de ombros.

Ah, se ele soubesse...

— Isso envolve meninos? — Sua voz encorpa, se tornando mais firme e tensa. Será que todos os irmãos são superprotetores desse jeito?

— E se envolver? — pergunto.

Francamente. Quantos anos ele pensa que ela tem? Doze?

— Acho melhor você me contar isso direitinho, Natália. — Gabriel a chama assim de propósito.

— Por quê? O que você vai fazer? Vai colocar uma bomba caseira no vaso sanitário e explodi-la quando o garoto entrar na cabine? Ah, espera. Você já fez isso! — explode Nat.

Caramba, eu me lembro dessa história.

Foi trágica. Mas foi hilária.

Nat estava no primeiro ano e estava ficando com o Thiago, um aluno novo na escola. Segundo Nat, o menino era fofo e gostava muito dela. Tudo ia muito bem, até que um amigo do Gabriel os viu num amasso nervoso. Todo o esforço que Nat fez para esconder a relação foi por água abaixo. Nem adiantou implorar para o amigo de Gabe. O diabo tem seus seguidores e eles são sempre fiéis. Naquela época, o irmão dela estava no terceiro ano. Nem precisa dizer que Gabe era o fodão da escola. Gabriel nem se deu ao trabalho de ir tirar satisfação com Thiago e sua irmã. Dois dias depois, o plano estava arquitetado. Tudo explodiu no menino e, segundo as fofocas, não foi uma coisa bonita de se ver. Thiago chegou a chorar tamanho foi o susto. Pior que explodiu quando ele estava com as calças abaixadas. Imagine o susto. Pobrezinho.

— Fala sério, aquele seu namoradinho era um piá de bosta.

— Ele tem nome, ok?

— Ah, e você acha que eu me lembro? — pergunta Gabe, cheio de desdém.

— Típico. — Marina finge um espirro.

Só eu e Daphne escutamos. O que está acontecendo por aqui? O que ela quis dizer com isso? Esta noite está ficando cada vez mais estranha.

— Gabe, qual é! A Nat tem dezessete anos. Quer que ela vire uma freira? — indago.

— ã-hã. Seria ótimo.

— Você é ridículo, Gabriel. Espero que você fique bem bêbado esta noite e vomite na menina que você estiver ficando — pragueja Nat, com a voz carregada de rancor.

— Eu adoraria, irmãzinha. Só que hoje não posso beber. Hoje é a minha vez de levar o pessoal para casa.

— Ah, pelo menos um pouco de juízo — exclama Daphne.

— Vocês estão afiadas hoje, caramba. O que andaram bebendo? — indaga ele.

— Pode virar nesta rua, Gabriel. Ficamos por aqui, maninho. Obrigada pela carona. Divirta-se esta noite. Nós, com certeza, vamos.

Dito isso, todas abrimos as portas do carro e saímos noite afora.

CAPÍTULO 8

— Mas que diabos...? — É o que Marina diz no momento em que viramos a esquina e chegamos a uma balada alternativa muito popular em Curitiba.

Acho que ela se refere à população gay da fila, que está cantando loucamente “Wannabe”, das Spice Girls.

— Sejam bem-vindas ao meu mundo, garotas! — diz Daphne sorrindo, e depois sai correndo para cumprimentar algumas pessoas na fila. Fila essa que está, por sinal, gigantesca, quilométrica. Vamos passar a noite inteira aqui, tenho certeza disso. Daphne dá uma gargalhada e se junta ao coro de vozes cantando a música.

— Desde quando Daphne vem aqui? — pergunta Marina.

Dou de ombros e noto dois garotos se aproximando. Um mais lindo do que o outro, juro por Deus. Nat me dá uma cotovelada e, no momento em que eles passam por nós, Marina, Nat e eu sorrimos iguais a umas meninhas tolas. Eles nem ao menos nos olham. Um segundo depois eles começam a se beijar.

— Que mico! Socorro! — comenta Nat boquiaberta.

— Ok, isso não estava exatamente nos planos. Levar fora do melhor amigo? Confere. Levar fora de garotos absurdamente gatos, porém gays? Confere — digo e, instantaneamente, começamos a gargalhar.

— Vergonhoso, para se dizer o mínimo! — diz Marina.

— Ei! — grita Daphne chamando a nossa atenção, acenando. — Venham aqui! — Caminhamos até a rodinha onde ela está e Daph nos apresenta a um grupo de pessoas. Pessoas bem familiares, por sinal. — Estas são as amigas que eu te falei, Amanda.

— Uh, carne nova no pedaço. Adoro! — diz um garoto com mechas loiras, olhos castanhos e com carinha de bebê. Ele usa sombra neon rosa e brilho labial com glitter. Decido, no mesmo instante, que gosto dele.

— Oi, gente. Meu nome é Samanta — apresento-me.

— Gostei do seu cabelo — diz Amanda, uma garota que aparenta ter seus vinte anos. Ela é ruiva, tem olhos verdes e também é muito alta. Percebo que ela está perfeitamente maquiada, e seus cabelos estão enrolados em cachos que caem pelas suas costas como cascatas.

— Obrigada — digo educadamente.

— Amanda é modelo, e a diva aqui — acrescenta Daphne, indicando o garoto com sombra no olho — chama-se Gaby Lovato, mas só à noite.

Todos rimos e se cumprimentam. Além de Amanda e Gaby Lovato — Jesus, ele deve mesmo gostar da Demi! — há mais três pessoas na rodinha em que nós estamos, como Daphne apresenta para nós. Dois garotos que se namoram e uma garota chamada Fernanda, que tem cabelo rosa e usa um vestido colorido maravilhoso, que descubro — no momento em que digo a ela que amei o vestido — que ela mesma fez.

— Eu não sabia que você já tinha vindo à boate — sussurro para Daphne enquanto o casal de namorados conta para Marina como se conheceram.

— E eu não vim. É a minha primeira vez — comenta ela.

— Ué, então como você conhece estas pessoas? — pergunto.

— Eles eram da escola, dã.

Congelo no ato e olho para eles. Da escola? Mas como...? Então percebo. Minha nossa, sim, percebo. Eles eram veteranos quando nós éramos calouras. Por isso eles eram familiares.

— Nunca imaginei que o povo da escola frequentasse este lugar.

— Rá! Pode acreditar, esse é o lugar favorito deles — argumenta Daphne.

Dou de ombros e volto a ouvir a história do casal ternura. A fila inteira está agitada, todos muito animados e ansiosos com o que a noite pode trazer. A maioria do pessoal faz esquentinha com vodca comprada no postinho da esquina, e vejo que muitas das pessoas vão dar PT antes mesmo de entrar na balada. Como o garoto marombado que está oferecendo gelo na fila. Ele estava atrás de mim e, pelo que pude ouvir, a ex dele também está aqui, então o menino está tentando bancar o fodão enquanto bebe vodca no copinho de plástico.

Boa tentativa.

— Qual é a desse menino, afinal? — pergunta Amanda.

— Ridículo, né? — comento.

Ele continua gritando, meio torto e grogue, e perguntando para o pessoal se alguém quer comprar o saco de gelo.

— Pelo amor de Deus! — grita uma garota de mais ou menos dezoito anos, atrás de mim. Ela usa um minivestido preto e me parece um vulcão prestes a entrar em erupção.

Por que tenho a leve impressão de que esta é a ex dele?

Ela caminha até ele e arranca o gelo de sua mão e o joga em uma lata de lixo.

— Vê se cresce, Gustavo!

Estremeço. O nome é o mesmo.

— Ui, o nome do traste te persegue até aqui! — comenta Nat, rindo. Fecho a cara e suspiro.

A garota volta para o seu lugar na fila e reclama sobre a infantilidade do ex para suas amigas. Olho para trás e sorrio em condolência para a garota, que está engolindo seco e olhando para o céu. Esperando por um milagre, colega?

Pois é. Eu também.

— Olha, gente, o papo está muito bom e tudo mais — começa Marina —, mas será que ninguém se lembrou do fator X?

— Que fator X? — pergunta Daph.

— Somos menores de idade. Como vamos entrar? — sussurra ela.

Amanda dá um riso, acompanhada por Gaby Lovato, Fernanda e o casal ternura.

— Crianças... somos amigos do segurança. Já falei com ele. Ele vai deixar vocês entrarem — explica Amanda.

— *Isso não vai prestar, isso não vai prestar, isso não vai prestar...*

— Marina começa a dizer, mas Daphne a corta.

— Cale a boca, Marina. Você é uma mulher ou um rato?

— Eu te respondo isso quando a minha mãe vier me tirar de delegacia! — grita Marina, e eu começo a ficar com medo.

— Gente, estas suas amigas são um sarro! — comenta Gaby Lovato. — Não se preocupem, meninas, aqui é bem tranquilo de entrar.

— Será mesmo? — pergunto.

— É claro! — assegura ele. — Eu venho aqui desde os meus quinze anos e nunca me barraram. Fiquem tranquilas.

O comentário dele parece acalmar a todas. Bem, pelo menos um pouco. A fila começa a andar e eu faço uma nota mental de agradecer a Daphne por conhecer tanta gente, ou então seríamos obrigadas a ficar a noite inteira na fila.

Olho para trás mais uma vez, curiosa demais para saber o que aconteceu com o garoto-vendedor-de-gelo e a garota-mini-dress-maybe-less, e vejo que ela está soltando uma risada completa e totalmente irônica para algo que o ex disse, mas é claro que ele não percebe a ironia. Aliás, será que algum menino percebe?

Enfim.

Paro de olhar e começo a rezar em silêncio para que todas nós consigamos entrar na balada. Porque imagine o mico de sermos barradas! Seríamos o motivo de chacota da fila e roubaríamos o “troféu joinha” do vendedor-de-gelo-barra-bombadão-prestes-a-dar-PT.

Daphne é a primeira a passar pelo segurança. Ela comenta algo com ele, fazendo-o rir, e entra na balada. Simples assim. O casal ternura entra, seguidos por Nat.

Começo a suar. E se ele me perguntar alguma coisa, do tipo onde está sua identidade? Droga, droga, droga...

— Pode entrar — diz ele, não pedindo identidade nenhuma.

Solto a respiração e entro na balada. Uma moça me entrega o papel de consumação e, assim que passo pela porta de madeira, vejo-me em um corredor com pedrinhas.

Eu. Estou. Dentro.

— Meu Deus! — diz Nat, me dando um abraço. — Conseguimos! Conseguimos!

— Sim! — digo, comemorando.

Amanda, Fernanda e o casal ternura dão risada. Esperamos mais um pouco e Marina entra com uma expressão assustada.

Gaby Lovato entra e nós seguimos pelo corredor até chegarmos à outra porta, esta de ferro. Abro a porta e todos entram. E, no momento em que piso no interior da balada, sinto o meu coração explodir em alegria. Parece que eu estou em um episódio de 90210, onde os bares das baladas são superestilosos. Há dois bares em cada lado da boate, e uma escada fica bem no meio, levando ao segundo andar, onde, segundo Amanda havia me falado, há outro bar e mesas para sentarmos.

— Isso é... uau! — suspira Marina.

— Parece uma boate underground do Soho! — comenta Nat, animada. — Vamos dançar! — grita ela.

— Que tal pegarmos alguns drinks antes? — sugere Amanda. Daphne diz algo em seu ouvido e o grupo deles se afasta.

— O que você disse para eles? — pergunto, assim que eles saem. Daphne nos arrasta até o outro bar, e lá nos sentamos nos banquinhos.

— Falei que íamos pular as bebidas, pelo menos por hoje.

— Ótimo — diz Marina, abrindo a lista.

— Não me diga que temos desafios a cumprir aqui dentro — reclama Marina.

— Pode ter certeza de que temos! — diz Nat, praticamente gritando, enquanto guarda a lista novamente na bolsa. — Mas que tal dançarmos um pouco? Eu amo essa música!

Presto atenção na música que acaba de começar. É da banda Two Door Cinema Club, "What you know".

— Vamos! — Daphne nos arrasta e nós passamos pela multidão até chegarmos à pista de dança, que está abarrotada de gente. As luzes psicodélicas giram e confundem meus olhos, mas é por apenas alguns segundos. Logo me acostumo e começo a dançar. Ou tento, pelo menos. Mal consigo me mexer em meio a esse maremoto de pessoas, mas baladas são assim mesmo, certo?

As meninas dançam e gritam ao som da música, e eu faço o mesmo. Dançamos até o chão, giramos nossos corpos até que eles se unam com as batidas da música e se tornem um só. Por alguns minutos, não sou mais nada, ninguém, sou só a letra da música que alivia a dor nos corações desesperados. Por alguns minutos, sou só o eco de alguém que eu deveria ser.

Então, através das luzes psicodélicas, através da fumaça e do calor, eu o procuro. Procuro aqui nesse lugar abarrotado de gente, abarrotado de corações quebrados e almas vazias. Procuro o olhar

dele, procuro-o em todos os rostos, em todas as canções... Cravo as unhas na palma da mão e reprimo uma lágrima. *Não vou procurá-lo mais*, prometo a mim mesma, mesmo sabendo que estou prestes a quebrar a promessa no momento que a faço. Ei, olha eu aqui novamente, procurando ele, mergulhando nesse oceano, esperando encontrá-lo dentro desse mar denso. Olho para todos os lados, estico o pescoço e tento senti-lo perto de mim. Estou, sim, rezando para que Gustavo me veja aqui, dançando sozinha, como uma espécie de convite aberto: “Venha me dar a minha dança, a dança que eu espero há anos”. Seria tão mágico, eu penso. Nosso olhar se encontraria em meio a todos esses rostos distorcidos, rostos que não são o dele. Ele sorriria para mim, e eu sorriria de volta, e a música certa ecoaria pelos ares da pista de dança. Então Gustavo teria um momento de clareza e me veria pela primeira vez, com as luzes brilhando sobre mim. E, mesmo com centenas de corpos dançando, ele encontraria um jeito de chegar até mim. E aí, ó Deus, aí Gustavo me seguraria nos braços e nós seríamos magia pura. Tudo valeria a pena. As noites em claro, as conversas até o amanhecer...

Mas, meu Deus, ele não está aqui, não é mesmo? Não importa o quanto eu o procure, ele não está aqui. E ele não virá. Porque Gustavo está com outra. E, mesmo que não estivesse com ela, será que isso mudaria alguma coisa?

Fecho os olhos e respiro fundo. A música me guia e eu sinto os meus órgãos se remexerem dentro de mim. Quando abro os olhos novamente, percebo algo que me deixa aterrorizada. Estou sozinha. Estou mais sozinha do que jamais estive em toda a minha vida.

— O que houve? — pergunta Marina, gritando, em meu ouvido.

— Não estava conseguindo respirar — respondo, gritando também por causa da música alta.

— E agora consegue?

— Sim — digo, e respiro fundo só para provar. Certamente não para ela, mas para mim mesma. Se consigo respirar, então por que não consigo esquecer?

Então, como um sinal de Deus ou algo do tipo, um garoto por volta de seus vinte e poucos anos entra em nossa roda e começa a dançar conosco. Usa uma camisa xadrez vermelha e tem cabelo loiro. Daphne se aproxima dele e os dois começam a dançar juntos de um jeito quase ilícito. Ela dá risada e arqueia a cabeça para trás como se estivesse em um videoclipe ou algo do tipo. Sorrio em ver a alegria que ela emana e me junto a eles. Daphne parece surpresa; até eu estou, mas esta parece ser a noite para as surpresas, certo? Daphne recua e me deixa dançando com o carinho da camisa xadrez, que acaba de passar os braços ao redor da minha cintura. Estremeço pelo contato brusco e congelo o meu sorriso na mesma hora. E, quando ele se inclina para me beijar e eu sou capaz de enxergar os olhos esverdeados dele pela primeira vez, me vejo recuando, recuando e recuando, até que me encontro longe da pista de dança.

Não posso beijá-lo. Não posso... Quer dizer, o que está acontecendo? Estou numa boate cheia de gente e cheia de garotos lindos e não consigo... Quer dizer...

— Sam, você está bem? — pergunta Marina, surgindo de repente de algum lugar.

Pisco atonitamente antes de responder.

— Sim. Desculpe. Não sei o que deu em mim, eu só...

— Por que não ficou com ele? O menino era supergato — diz ela.

A música pode ser ouvida normalmente onde nós estamos. Aqui, no bar — como cheguei aqui tão rápido? — tudo é mais calmo e eu sinto que posso respirar.

— Porque ela viu o Gustavo quando olhou nos olhos dele — responde Daph, ficando ao meu lado no bar. Ela se inclina e pede algo ao bartender, que entrega uma garrafa a ela quinze segundos depois. O bartender começa a puxar assunto com Daph, e ela dá risada. Do nada, ele oferece morangos com chocolate para ela. Daphne divide os morangos com a gente: são divinos! Também nos

diz que o bartender é muito querido e fofo. Com certeza seria o começo de uma grande amizade. — Meu Deus do céu! Você está aqui... aqui com mil garotos diferente, Sam!

— Mas nenhum desses garotos é ele. Esse é o problema.

— Jesus, Sam! Você tem de parar com isso. Ele não vai aparecer aqui. E sabe por quê? Porque a vida não é como a porcária de um filme, onde ele terminaria com a namorada para ficar com a melhor amiga, enfrentando a multidão só para te encontrar e te beijar! Esta é a vida real, Sam. E na vida real as pessoas se ferram.

Tudo que ela diz faz o maior sentido da vida. Eu preciso parar de procurá-lo na multidão. Gustavo nunca virá, não é mesmo? Meu Deus.

— Não — nego. — Eu só... Sei lá o que deu em mim.

Daph arqueia a sobrancelha e toma um gole de sua água.

— Sério. Estou superbem. Já até superei ele e tudo mais. — No momento em que as palavras saem da minha boca, Daph se engasga com a água e a música "Lying is the most fun a girl can have without taking her clothes off", do Panic! At The Disco, começa a tocar. Se isso não é carma, então eu não sei o que é.

So testosterone boys and harlequin girls will you dance to this beat, and hold a lover close?^[2]

— Você me mata de rir, Sam! — diz Daph, após se recuperar do engasgo. — Fala sério, isso foi totalmente patético. Você não conseguiu ficar com o garoto porque os olhos dele são verdes, assim como os olhos do traste. E agora me vem com essa? Olha, se eu fosse você saía pegando geral mesmo.

— Nossa — digo. — E o amor próprio, Daphne?

Ela dá de ombros.

— Para o inferno o amor próprio. Você levou um superfora, pode se dar ao luxo de ter uns casinhos fortuitos — argumenta ela.

Penso por alguns segundos. Daph está certa. Se hoje não posso ser alguém diferente por uma noite, então quando? Quando?

— Ok. Então quando o próximo gato da noite vier cair matando, eu não vou recuar.

— Não, não vai — completa Daph.

— Nossa, mas o que está acontecendo com você hoje, Daphne?
— pergunta Marina. — Nunca te vi tão desesperada para congelar o coração da Sam.

Let's get these teen hearts beating faster, faster... [3]

Pego a garrafinha da mão da Daph e tomo um gole. Observação interessante, Marina.

— É que ela nunca esteve tão pronta — defende-se Daphne. — E é melhor ter o coração congelado por uma amiga do que por um garoto.

— Ou os dois — diz Marina.

Termino de dar uns goles na água e entrego a garrafa para Marina.

And hold a lover close... [4]

— Ótimo, tenham esta conversa fingindo que eu não estou aqui — comento. — E por falar em estar aqui, onde é que a Nat se meteu?
— pergunto.

— Sei lá. Ela disse que tinha de resolver um... Droga! — diz Marina, e deixa a garrafinha de água cair no chão.

— O que foi, mulher? — pergunta Daph, seguindo o olhar dela. Faço o mesmo, mas não vejo nada.

— O que foi? — pergunto.

— Nada — diz ela, sua expressão facial se recupera em um átimo.
— Preciso fazer uma coisa. Já volto. — Então Marina some na multidão e já não consigo mais enxergá-la.

— Eu, hein! — diz Daph.

Dou de ombros e pego a garrafinha que caiu ao chão, entregando-a ao bartender. Ele sorri, agradecido, e eu volto a conversar com a Daph. Após alguns minutos, Marina volta com Nat ao seu lado.

— Precisamos ir — diz Nat, apressada, puxando o braço de Daph.

— O quê? — pergunta ela. — Por quê?

— Porque sim — responde Nat. — Depressa.

Daphne se solta de Nat e dá um passo para trás, ficando ao meu lado.

— O que está acontecendo? Eu ainda nem fiquei com alguém. E, por Deus, essa balada está boa demais. Nem ferrando eu saio daqui agora.

— Olha — intervém Marina, elevando o tom de voz. Algo sério está acontecendo aqui. Algo muito, muito sério. — Só uma vez nessa vida, Daphne, obedeça sem reclamar, certo? Vamos.

— Mas nós nem cumprimos o desafio da lista — choraminga ela, fazendo biquinho.

Nat olha para os lados e depois para trás. Pego o olhar dela e ela nega a cabeça. De repente, começo a entender o que está se passando. Alguém indesejável está aqui. Alguém que Daphne ou eu não podemos ver. Será que Gustavo veio até aqui? Meu Deus do céu. Era só o que faltava.

— Não há nada para ser cumprido aqui. Apenas vamos embora, tá? Podemos ir a outro lugar e... ok, vamos *agora!*

Daphne semicerra os olhos e cruza os braços.

— Eu não saio daqui até que vocês me digam que diabos está acontecendo!

— Concordo — emendo.

— O que vocês estão escondendo de nós? — questiona Daphne, ríspida.

Nat respira fundo e olha para onde Marina estava olhando agora pouco. Há algo lá, e Daphne percebe isso, pois começa a caminhar até o canto do bar, onde dois garotos estão se pegando.

— O que vocês querem que a gente não veja? — pergunto, com Daphne bem à frente.

— Aquilo — responde Nat, apontando para o local em que dois garotos estão ficando.

— E o que tem de mais nisso? — pergunto. — São só dois garotos ficando, ué.

— É — Nat começa a dizer —, mas acontece que não são só dois garotos ficando.

— Então é o quê?

— São dois garotos ficando. E um deles é o ex da Daphne.

CAPÍTULO 9

— Eu preciso vomitar — anuncia Daphne, assim que os vê. Ela sai correndo e vai em direção ao banheiro.

Minha. Nossa. Senhora.

Isso não pode estar acontecendo.

Eu olho para Marina e Nat. Elas estão tão surpresas quanto eu.

Lucas, o garoto mais bonito e popular da escola, é gay? É gay e está aqui? Depois de todo esse tempo namorando Daphne? E eu, reclamando do Gustavo...

Bem, pelo menos Lucas não vai ter de se incomodar com as fofocas no dia seguinte na escola. O ensino médio acabou. Para sempre. E Daphne não vai ter de se preocupar com os cochichos e olhares também. Quer dizer, pelo menos do pessoal da escola.

Tipo, uma coisa é o seu namorado te trocar por uma garota. Mas... por outro menino? Preocupante, para se dizer o mínimo.

— Acho melhor a gente ir ver a Daphne. Ela deve estar surtando — diz Marina.

— Ah, não sei, não. Daphne é a pessoa mais fria e controlada que eu conheço — afirma Nat.

— Tudo bem, não importa. Apenas vamos logo ver como ela está! — digo, arrastando as meninas em direção ao banheiro.

Está vazio, a não ser pela tia do banheiro e pela garota loira na frente de um espelho. Ela está se encarando. Daphne. Nunca pensei que fosse dizer isso, mas aí está: Daphne chorando por um menino.

Ninguém sabe o que dizer. O silêncio se estabelece no ar como uma folha caindo lentamente de uma árvore.

Somos interrompidas por um toque de celular. Nat atende e fala com a pessoa. Depois de algum momento, ela desliga o celular.

— Droga! — Nat respira fundo. — Sam, você consegue resolver isso sozinha? Eu tenho um problema sério para cuidar. E Marina faz parte do problema.

Marina dá um leve sorriso, seus olhos brilham como estrelas. Algo que as duas estão prestes a fazer parece deixá-la extremamente feliz. Nunca a vi ficar desse jeito. Mas é uma noite de surpresas, afinal de contas. Qual é, a garota tinha pintado de rosa algumas partes do cabelo. Marina podia muito bem fazer tudo que sempre quis. E, ao me lembrar de que ela mudou o cabelo, levo instantaneamente minhas mãos ao meu cabelo recém-cortado, curto e leve. Assim como o verão.

O que Nat disse com certeza tem a ver com algum tipo de desafio que envolve as duas. O que será que está acontecendo?

— Er... Tudo bem, acho que consigo. Vão lá — tranquilizo-as, com a voz firme. Alguém tem de acreditar que posso salvar a Daph, certo?

As meninas saem do banheiro e o silêncio volta a nos ensurdecer.

Sou surpreendida por uma risada. É a de Daphne.

— Filho. Da. Mãe. Filho. Da. Mã... — Daph começa a tremer enquanto lágrimas cristalinas rolam por seu rosto. Ela está descontrolada. Descontrolada como nunca esteve antes.

Por anos, pensei nela como uma rocha. Impenetrável, dura, forte, resistente a qualquer tipo de dano ou avaria. Parecia que ela não sentia nada. Quando caía, levantava a poeira e, mesmo com os joelhos esfolados, continuava a caminhar como se brilhasse ainda mais, como se fosse algum tipo de estrela ou meteoro. Essa é a Daphne que todos conhecem. Mas a Daphne que eu estou vendo agora, nesse exato instante, é uma jamais vista antes. Porque, lentamente, eu ia me dando conta. Depois de anos, finalmente entendi: até mesmo as rochas têm as suas rachaduras.

— Não consigo... Não consigo... — pronuncia ela, debilmente, porém sua voz, mais uma vez, falha. Caminho até ela e a abraço. Está fria e treme muito.

— Calma, Daph. Calma — digo, tentando fazer a dor ir embora, tentando fazer qualquer coisa que a impeça de sentir o que eu senti há algumas horas. A dor de um coração partido é devastadora. A dor de ser trocada por alguém somada a isso é igual a... Sei lá. Há dores na vida que nem podem ser comparadas a nada. E é este o caso. — Também fui trocada, lembra? — Ela me solta na hora e, com o rosto borrado de maquiagem, grita:

— Isso é completamente diferente! Eu não fui trocada por uma garota! FUI. T-R-O-C-A-D-A. POR. UM. MENINO.

— Eu sinto muito, eu... — Tento colocar minha mão em seu ombro, mas ela se afasta.

— Pare, Sam. Não há nada que você possa dizer para consertar isso.

Fico quieta, porque não sei o que dizer. Como posso consolá-la?

— Então era por isso que ele terminou o namoro ontem. E eu pensando que o problema era comigo! — grita Daph, obviamente enfurecida. — Como ele pôde? Como ele ousou fazer isso comigo? Pelo amor de Deus! Ele me usou! O Lucas só me usou para eu acobertá-lo. Era por isso que ele fazia tanta questão que eu conhecesse os seus pais! Quer saber? Eu vou até lá falar com ele! Eu não vou me passar por idiota! — Agora o tom da voz dela se eleva.

— Sinto em te dizer isso, mas acho que ele já te fez de idiota, Daphne. — É a única coisa que me vem à cabeça.

Pobre Daph.

Será que todas nós vamos ter um momento fundo-do-poço-no-banheiro?

Ao que parece...

— Está ajudando muito, Samanta. — Ela finge um sorriso e limpa rapidamente as lágrimas que caem.

— Olha só, eu estava nesta situação há poucas horas. Não importa o sexo, sempre é humilhante ser trocada. Você se sente invisível e quer fazer tudo que pode para que ele te veja e perceba o que está perdendo. Você precisa sair dessa, Daphne. Qual é, você é a rainha de gelo, lembra?

— É, mas não se esqueça de que o gelo derrete uma hora ou outra. É inevitável — sussurra ela a última palavra.

— Na escola, todos os garotos queriam ficar com você. Todas as meninas copiavam o seu cabelo e o seu estilo. Porém elas nunca conseguiam. Sabe por quê? Porque os meninos se apaixonavam por sua confiança e por suas atitudes. Não se pode copiar isso. — Começo o discurso Plano A. Tem de dar certo. Daphne fez isso por mim não sei quantas vezes essa noite. Eu tenho de animá-la pelo menos uma vez. — Eu sei que dói achar que você não foi suficiente para ele, mas a grande verdade é que Lucas que não foi suficiente para você — digo soltando um suspiro alto e chamando a atenção dela. — Foi muito melhor ele terminar com você do que continuar a enganá-la e enganar a ele mesmo.

Daphne não solta um som, apenas me fita, pensativa. Para incentivá-la, eu continuo:

— Você sabe que eu estou do seu lado, mas tente se colocar no lugar do Lucas. Imagine como deve ter sido difícil lutar com todo esse sentimento dentro dele. Ele lutou contra o sistema, ignorou o que a sociedade impôs e foi ser feliz. Lucas não deve ter feito isso por mal. Ele fez isso por medo da reação de todos. E, no final das contas, quem perde é ele.

— É. — Ela dá de ombros. — Mas se é ele quem perde, por que sou eu quem está chorando dentro de um banheiro? — pergunta. — Sabe, durante a minha vida toda eu criei esse estereótipo de “Rainha do Gelo”, que não pode ser machucada.

— Sim — concordo. — Ninguém te machucava. Ninguém te atingia. Você sempre foi um robô. Um robô muito sexy, só para constar.

Daph se aproxima de mim e enxuga uma lágrima com as costas da mão.

— Eu menti, Samanta. Durante a minha vida toda, eu menti.

— Como assim? — pergunto.

— Fingir que a gente não se machuca e não se machucar são coisas completamente diferentes. E foi isso que eu fiz. Fingi. Fingi e fingi. Usei essa máscara intocável para não acabar machucada. Soquei tudo lá no fundo do peito, surrei e surrei o meu coração para que ele se calasse no meio da noite e engoli todas as lágrimas que insistiam em cair. Me machuquei por fingir o tempo todo — confessa ela. — Se você lida com a dor de uma vez só, ela pode demorar, mas ela sara um dia. Porém, se você a ignora e a esconde... É como estar machucada para sempre, entende? Como a casquinha de um machucado que nunca cicatriza realmente.

— Mas por quê? Por que fingir? — pergunto.

— Porque eu tenho de ser grata a tudo isso — diz ela, olhando em volta. — Não posso ser mal-agra-decida e viver chorando pelos cantos.

— Ser grata não significa que você não possa chorar e sofrer de vez em quando.

Por que diabos Daphne está falando essas coisas? Quer dizer, por que ela *precisa ser grata por tudo isso*? Este novo lado dela é completamente vulnerável e sombrio. Sinto que há algo lá no fundo pronto para ser revelado.

— Eu sei — concorda ela. — Mas diante do lugar que eu poderia estar se não fosse por...

— Pelo quê? — indago, curiosa. Ela fica em silêncio por um tempo e se olha no espelho, arrumando seu cabelo e respirando fundo.

— Olha, Sam, não importa. Vou continuar fingindo — responde.

— Você não está fingindo, Daphne. Você está se afogando em um mar de negação — explico, chacoalhando-a pelos ombros. — Você é a coragem em pessoa, Daphne! Pelo amor de Deus. Limpe essas lágrimas e joga um pouco de glitter, vai!

— Eu só...

— Pare. Respire. Olhe para você — digo, olhando seu reflexo no espelho e me juntando ao seu lado. — Olhe para nós. Nunca seremos tão jovens e tão vivas como nesta noite. Vamos mostrar ao mundo a que viemos.

Daphne esboça o que me parece o começo de um sorriso, e eu vejo um leve brilho passar pelo seu olhar.

— Bem, pelo menos ele não me abandonou no altar por outro cara. Isso seria tenso. Não que fôssemos nos casar, mas enfim... — As lágrimas dos olhos de Daph finalmente param de cair. Acho que ela está melhorando.

— Viu? Você já está bem melhor. Vamos lá! Essa balada está cheia de garotos lindos. Nós não sabemos o que o destino nos reservou para essa noite.

Me lembro finalmente da tia do banheiro e olho para trás. Ela nos escuta atentamente. Ela é a responsável pelas "boas condutas" das garotas que entram no banheiro, se é que você me entende.

Seus olhos castanhos escuros, que estão escondidos atrás de um óculos, parecem cansados e distantes. Como se ela estivesse interpretando a história de Daphne. Seu cabelo é curto e loiro, e combina perfeitamente com suas feições delicadas. Quão cansativo deve ser passar a noite toda aqui sem companhia?

Desde que entramos no banheiro, a moça prestou atenção na conversa. Fico me perguntando se ela está acostumada com todo o drama das meninas e suas crises de choro. Acho que sim. É só parar para pensar em amigos saindo pela noite. Alguém da turma estará namorando. Outras estarão apaixonadas. Uma irá querer encher a

cara e esquecer todos os problemas que têm em casa. Quantas garotas que entram por essa porta conseguem o que querem? Quantos meninos saem daqui se sentindo plenos? Uma dose é suficiente para todos? Ou sempre vão querer o copo um pouco mais cheio?

Quantas histórias tristes e inesquecíveis essa tia já não presenciou? Depois de algum tempo as coisas acabaram dando certo para essas meninas? Ou elas nunca mais voltaram aqui porque o lugar traz más lembranças?

Afasto as perguntas, afinal estou aqui para resolver uma crise. Das grandes.

Duas garotas tentam entrar no banheiro, mas a tia fecha a porta na cara delas.

— Estamos resolvendo uma crise! — exclama ela.

Daphne e eu rimos, surpresas, com a ajuda da moça.

— Escute a sua amiga, Daphne. Vá aproveitar a noite, você é tão bonita! Tenho certeza de que vários rapazes darão em cima de você!
— diz a tia e Daph dá um sorriso triste.

— Obrigada pelo apoio, tia. Qual é o seu nome? — pergunto, e na mesma hora simpatizo com ela.

— Meu nome é Janette. Prestem atenção, meninas. Todas as noites eu escuto histórias das garotas que entram neste banheiro. Sempre há meninas chorando por causa de outros meninos. Mas só algumas decidem voltar a dançar. E aí, Daphne, que tipo de garota é você?

:) :(:0 :P

— Meu Deus, aquela ali não é... — começo a dizer. E Nat responde rispidamente.

— É.

— E ela está...

— Sim.

— Nem ferrando.

— Ferrando. É sério.

— Não pode ser verdade, Nat. — Porque... bem, porque se for verdade, vai significar que Marina está no maior amasso com um garoto. E não é um garoto qualquer. É Gabe. O irmão mais velho de Nat.

— Nossa, ela está praticamente engolindo ele — comenta Daphne, chegando alguns segundos depois com a maquiagem perfeitamente retocada.

— Medo — digo.

— Imagine como eu estou me sentindo neste exato momento, vendo o meu irmão ser engolido vivo pela minha melhor amiga — confessa Nat, com uma expressão nauseada.

Simplesmente não sei o que falar, essa situação toda é estranha e chocante para mim. Como é possível? Quer dizer... Marina e Gabe? Nem em um milhão de anos!

— Foi esse o desafio dela, não foi? — questiona Daphne. — Enquanto a Sam me acalmava, seu irmão te ligou e você disse à Marina para cumprir o item da lista.

— É. Meu irmão seguiu a gente até aqui para nos espionar. Ridículo — responde Nat.

— Inacreditável. Como é possível? — pergunto, de maneira retórica.

— Mas o que isso tem a ver com a Marina? Como isso foi acontecer?

— Vicky. — É o que Nat simplesmente diz, e nos arrasta para o segundo andar. Lá, nos sentamos no sofá que ficara vago por pura sorte e Nat começa a contar a história: — Foi no verão do segundo

para o terceiro ano. E, como sempre, essa história começa com um garoto bêbado e uma garota apaixonada por ele...

:) :(;0 | :P

Marina Gelbcke mal podia acreditar na sorte que tinha. Quer dizer, qual era a probabilidade de *isso* acontecer? Uma em um milhão, com certeza. Assim que ela terminou de conferir o perfil dele pela décima quarta vez no dia (O quê? Ela só entrava na página dele para ter certeza de que ele estava vivo, e não para ficar o “stalkeando”. Claro que não!), decidiu então o que faria em seguida. Fechando seu livro de química orgânica — adeus, carbono quaternário —, ela rapidamente pegou o celular e ligou para a única pessoa que concordaria com essa ideia maluca que havia brotado em sua cabeça há cinco minutos.

— Ele acabou de confirmar presença pelo Facebook na festa do Júlio. E não, eu não estava “stalkeando” ele ou algo do tipo. Sei que é loucura, e sei que talvez você nem vá aceitar...

— Passo aí em vinte minutos — disse Victória, uma de suas melhores amigas e a única pessoa que sabia dessa paixão louca que ela sentia por *ele*.

E assim estavam lá, as duas usando vestidos que poderiam ser considerados até “ilegais” de tão curtos, paradas em frente à entrada da casa de um veterano chamado Júlio, que estava dando a festa.

— Ok, isso foi, obviamente, uma péssima, péssima ideia. Deveríamos ir embora — declarou Marina no momento em que pararam na porta e viram duas garotas bêbadas dançando de calcinha e sutiã em cima de uma das mesas.

— Eu não me arrumei à toa, e muito menos menti para as meninas a troco de nada. Então trate de se recompor e vamos logo achar o amor da sua vida, o Edward, de seu Crepúsculo; o Jace, de sua Cidade dos Ossos; o Damon, de seu...

— Vicky! — gritou Marina, sem paciência. — Entendi o seu ponto. Vamos.

E desse modo, as primeiras horas da noite passaram. As duas amigas procurando por migalhas de amor em meio a uma multidão bêbada e vazia.

E não seriam todas as multidões assim?

:) :(:0 :| :P

— Eu desisto! — guinchou Marina, sentando-se na beira da piscina. — Já estamos procurando ele há horas! Nunca vamos encontrá-lo aqui e...

— Lá! Lá está ele! — Vicky apontou para o outro lado da piscina, onde um garoto loiro estava se pegando com a garota que estava dançando de sutiã e calcinha em cima da mesa, bem no começo da festa.

— Não! Ah, não! — O coração de Marina, antes tão cheio de esperança, murchou na hora. Ele estava com outra.

Tudo havia sido em vão.

As lágrimas já estavam a postos, prontas para caírem, quando Marina sentiu alguém a levantar e a colocar na direção de Gabe, o garoto por quem ela era apaixonada desde que o ouvira tocando "Apologize", do One Republic, há alguns meses. Desde então, vinha nutrindo uma paixão secreta por ele — e proibida, já que sua melhor amiga era a irmã dele. Vicky só descobriu por causa do histórico do navegador do computador de Marina, onde viu que ela visitava o perfil do Facebook dele quinze ou vinte vezes por dia. Quando foi tirar satisfação com Marina, ela simplesmente não se aguentou e confessou tudo para a amiga.

— Vá lá e tire aquela galinha dos braços dele. Depois o agarre com toda sua paixão e não o deixe partir. Entendeu? — vociferou Vicky.

— Mas...

— Mas nada! Vá! Agora!

— E se a garota vier para cima de mim? — Marina perguntou enquanto andava.

— Daí eu acerto as contas com ela.

Marina assentiu e respirou fundo três vezes, porque sabia que o cérebro oxigenado a ajudava a se acalmar. E ajudou. Sem hesitar ou nem sequer raciocinar direito, agarrou a menina e a empurrou para longe de Gabe, o seu Gabe.

— Que palhaçada é essa... — gritou a garota, mas ela não teve nem tempo de continuar.

— Ah, cale a boca, vai — disse Vicky, empurrando a garota em direção à piscina.

Marina, então, se virou e encarou os olhos confusos e avermelhados de Gabe, provavelmente resultado da ingestão demasiada de bebida. Ouviu-se um *ploft* em seguida, mas Marina nem se importou.

— O que está acontecendo? — perguntou Gabe, com sua voz rouca e sexy.

— Isso. Isso está acontecendo. — Então ela simplesmente fechou os olhos e foi. Beijou-o com toda a sua alma, com todo seu coração. Gabe, ao mesmo tempo surpreso e chocado, logo se recuperou do susto e a beijou também. Um beijo intenso e inexplicável, como ser atirada de um precipício e, em vez de se preocupar com a queda, a pessoa se limita a sorrir e aproveita o voo. Porque a queda e o choque com o chão viriam, Marina não simplesmente sabia, mas *tinha certeza*. No entanto, tudo que fez foi aproveitar o voo enquanto tinha asas para voar.

Enquanto isso, Victória assistia a cena com o orgulho de um general que vencera uma guerra. Houve sangue, houve lágrimas, mas nada se comparava com o gostinho de ver uma de suas

melhores amigas vencendo o próprio medo e ganhando o mocinho no final das contas. Então, subitamente, algo estalou dentro dela.

Era isso.

Seria assim que deixaria sua marca no mundo. Assim que deixaria seu legado para as suas melhores amigas. Afinal, quem melhor do que ela, que guardava todos aqueles tenebrosos segredos, para balançar um pouco este mundo e espalhar drama por aí? Um drama caótico, mas que serviria de motor para impulsionar as meninas a terem coragem e a não se esconderem atrás de muros. Era isso mesmo. Faria as amigas revelarem todos os seus segredos através de uma lista cheia de desafios. Mas... não. Não poderia fazer isso sozinha. Precisava de ajuda. E sabia exatamente a quem iria recorrer. Quem iria escolher. Porque, para ser honesta, ela não tinha mesmo muito tempo — especialmente depois de sua consulta mensal com seu médico de confiança, o doutor Oliveira. — Pois em sete meses estaria morta, enterrada a sete palmos abaixo da terra.

Então, deitada em sua cama após receber a trágica notícia, em vez de lidar com o fato de que morreria em breve, Vicky simplesmente atendeu o chamado de Marina e veio ajudá-la, como qualquer amiga faria.

Um garoto passou por ela e ofereceu uma bebida qualquer. Normalmente, teria recusado, porque se preocupava em manter o seu fígado saudável. Mas não mais. Porque quem se importa com um fígado quando todo o resto de seu corpo está sendo agredido — e vencido — por células cancerígenas?

Vicky havia lutado por todos esses anos e, mesmo assim, perdera a guerra. Do que adiantara todas aquelas tardes e noites perdidas no hospital, recebendo remédios intravenosos? De nada. Porque, após dezessete anos, o câncer havia vencido. E, honestamente? Ela estava cansada. Emocional e fisicamente cansada de lutar.

Então se viu aceitando o copo de bebida e entornando-o em um só gole. E, desviando o olhar pelo céu estrelado, percebeu que tinha

sorte. Pelo menos tinha vivido uma vida boa e tinha sido corajosa, no final das contas.

:) :(:) :0 :| :P

— Uau — suspira Daphne. — Então foi assim que ela teve essa ideia absurda de lista de desafios?

— Sim — responde Nat, após ter contado a história toda.

— E você foi a escolhida — conclui. — Por quê?

Nat se ajeita no sofá e cruza as pernas. Engolindo em seco, ela desvia o olhar e responde:

— Vão me deixar contar o resto da história ou não? — pergunta. Dou de ombros. A qualquer hora da noite, saberemos o porquê de Nat ter sido a escolhida, então decido esperar. Não fará diferença mesmo. — Depois de Marina e Gabe terem ficado, todo mundo — leia-se Marina e Vicky — pensou que eles teriam algum futuro juntos. Mas quem disse que o meu irmão se lembrava de alguma coisa no dia seguinte?

— O quê? — pergunto, incrédula.

— Sim. Quer dizer, ele sabia que tinha ficado com alguma garota. Ou melhor, algumas, mas não fazia ideia de quem era a garota misteriosa que...

— Espera aí! Marina é a “Garota Misteriosa”? — pergunta Daphne.

— ã-hã. E digamos que Gabe nunca se esqueceu dessa garota corajosa que o agarrou e, obviamente, Marina nunca se esqueceu dele também.

— Mas como ela soube que ele não se lembrava dela? — pergunto.

— Você não se lembra? — indaga Daph. Balanço a cabeça em negação.

— Foi nas bodas de ouro dos meus avós, sabe? — diz Nat. — Essa festa ocorreu no dia anterior às bodas. Lembra-se de que nós estávamos sentadas na mesma mesa que o meu irmão e que ele ficava contando dos acontecimentos da festa?

Então me lembro.

— Não acredito que a Marina é a Garota Misteriosa de Gabe. Que mundo pequeno.

— Não, é um mundo cruel — comenta Nat. — Mas enfim... Marina estava sentada do lado dele naquele dia e não mencionou nada. Fingiu muito bem, porque ninguém desconfiou de nada. Nem naquele dia, nem nunca.

— Até hoje — digo.

— Até hoje — Nat concorda.

— Isso deve ter a destruído. Imagine! Você fica com um garoto por quem está apaixonada e não pode contar a ninguém! Nem para o próprio garoto! — comenta Daph.

— Pobrezinha... — digo.

— É, até parece... — diz Nat.

Daph e eu a encaramos com descrença.

— Não acredito que você está com ciúmes do seu irmão! — acusa Daph, horrorizada.

— Nossa, não! Não é nada disso! — defende-se Nat, claramente assustada.

— Então o que é? — pergunto.

Nat dá de ombros.

— Só queria que ela tivesse me contado. Eu a ajudaria. Fiquei desapontada porque pensei que Marina jamais esconderia algo assim de mim. Quer dizer, ele é o meu irmão! Eu não iria ferrá-la. — diz Nat.

— Também gostaria de entender isso — comento. — Mas não há explicação. Vicky sabia de todos os nossos segredos porque, sei lá, ela sempre esteve no lugar certo e na hora certa. Só isso.

— Tem mais do que isso — explica Nat. — Vicky tinha essa... coisa, sabem? Essa luz, coragem, sei lá, que nos fazia acreditar que podíamos confiar nela.

— Concordo — pronuncia-se Daph. — Mas então por que contamos as coisas a ela e não para o resto do grupo?

— Medo de julgamento, eu acho — respondo, porque este é o meu motivo.

— Este não foi o motivo da Marina — diz Nat. — Ela pensou que eu fosse odiá-la ou contar para o meu irmão. Mas, quer saber? — pergunta Nat, levantando-se do sofá. — Chega de papo. Estamos em uma balada e Grouplove está berrando com a "Tongue Tied" pelas caixas de som. Vamos dançar!

CAPÍTULO 10

— Ok, retiro tudo o que eu disse sobre não ser o tipo de garota que vai a baladas! Essa é a melhor de todas! Meu Deus! — grito para Daphne, por causa da música estourando os tímpanos.

— Não disse? Aqui é vida! — grita Daph em resposta. Depois pega minha mão e, juntas, descemos até o chão.

Nunca me senti tão viva. Estamos ao lado da caixa de som, na parte de cima da balada, como se fosse uma espécie de camarote. Não está abarrotado de gente como na pista; aqui podemos nos mexer normalmente sem pisar no pé de ninguém.

O “camarote” é só um pouco mais alto do que o chão da pista normal. Quase como um palco. E, para fazer a divisão, há barras de metal isolando-a. Estamos bem em frente às barras, dançando e vendo os corpos se remexerem freneticamente na pista normal. Alguns garotos vieram até as barras e deram em cima da Daphne. Ela não ficou com nenhum por enquanto, mas a noite só está começando.

A batida frenética de “Kids”, da banda MGMT, começa a sair pelas caixas de som e nós surtamos. Não dá para acreditar. Conheço quase todas as músicas que são tocadas aqui; elas são as minhas favoritas. O DJ não é apenas um cara que quer que as pessoas dancem loucamente. Não. Cada música, cada melodia, tem um significado, uma letra incrível por trás das batidas, que torna-se um hino, de repente. Um grito de liberdade. Elas prometem uma noite cheia de aventura, magia, como se qualquer coisa fosse possível. Como se qualquer coisa pudesse acontecer.

E pode.

A sensação de ter um coração partido parece estar ficando distante a cada batida de uma música diferente. Como a música

pode ter o poder de salvar a noite de alguém? De salvar a vida de alguém? Quero dizer, elas trazem tantas lembranças. Ruins, boas, inesquecíveis, amargas... E, mesmo assim, nós continuamos a ouvi-las. Porque podemos. Porque precisamos.

Como um DJ pode conhecer suas músicas mais secretas? Até aquelas que você não divide com ninguém?

Acho que este DJ acabou de salvar a minha vida.

— *A family of trees wanted to be haunted...*^[5] — canto junto com a multidão.

Acredite ou não, aqui todos cantam aos berros o refrão da música. Incrível. Todos somos um só, gritando e acreditando que a letra da melodia é a nossa única salvação. Cante o refrão que tudo ficará bem. Cante o refrão que você irá se curar.

Acho que é verdade, no fim das contas.

— Caramba, Nat. Acho que vamos precisar chamar um desentupidor. Onde diabos está Marina? — pergunto no ouvido dela.

— Não faço a mínima ideia. Mas ela já deve estar embarcando para o Japão depois do show que ela deu com o meu irmão — responde ela. Eu apenas a escuto, e segundos depois, vejo quem se juntou à nossa roda.

Marina e Gabe.

— Ah, não, ela está aqui. — Nat dá um sorriso irônico.

Nada como um bom *timing*.

Os dois riem loucamente, como se dividissem um segredo e algo mágico. Bem, na verdade eles meio que estão mesmo.

— Vocês dois, hein — diz Daphne com um sorriso maroto e depois arqueia a sobrancelha. Consigo escutar, pois sou ótima com leitura labial. Finalmente essa habilidade veio a calhar.

Marina começa a falar no ouvido de Daph, enquanto Gabe troca algumas palavras com a Nat. Espero que ela não fique com crise de

ciúmes nem nada do tipo. Seria horrível.

A expressão dela fica apreensiva por alguns minutos, mas em seguida Gabe fala algo e vejo que o seu rosto se torna mais calmo. Segundos depois, ela está rindo com ele de alguma coisa. É isso aí!

Todos voltam a dançar e a pular como se não houvesse amanhã. Marina se aproxima de mim e então começamos a dançar juntas. Os movimentos dela são superlegais. Parece que o corpo dela acompanha exatamente o ritmo da música. Marina se move lentamente quando a música fica lenta, e depois volta a se mexer freneticamente quando a música fica rápida. Desço até o chão com ela e quase perco o equilíbrio. Mas não tem problema. Marina pega a minha mão no último minuto. Não chego a cair.

Ela volta a dançar perto do Gabe, enquanto eu fico mais próxima das barras de ferro para tomar um pouco de ar e descansar por alguns segundos. Olho para trás e vejo que os dois estão se agarrando novamente. Acho que Nat e Daphne não querem ficar segurando vela, então as duas se juntam a mim. E ficamos lá, as três, respirando o ar-condicionado, deixando-o gelar as nossas gargantas e saciar o nosso calor. As três amigas, ainda esperando que algo mágico aconteça nesta noite. E, se você quer saber, isso não é impossível. Marina tinha acabado de conseguir a noite dos sonhos dela. Por que nós não conseguiríamos?

Assim, tendo acabado de me perguntar isso, vejo alguém na multidão. Ele não estava ali um segundo atrás. Deve ter acabado de entrar. O garoto me olha e dá aquele tipo de sorriso não-sei-se-devo-chegar-em-você-ou-não. Só o encaro por mais um segundo e desvio o olhar. Não quero que ele se aproxime. Porque se ele se aproximar, eu vou ter de dizer não. Que não posso, mas obrigada. Que ele pode ser tudo que eu precise para me salvar, mas não, diria apressadamente que não, sinto muito, obrigada.

Não olha pra ele, Sam. Não olha, porque se você olhar, ele vai vir até você. Resista.

Diabos... O garoto é lindo, mas simplesmente... não. Por quê? Porque talvez eu tenha medo, e, sei lá, se eu disser sim, eu vou perder um pequeno pedaço de mim. Espera aí. Um pedaço de mim ou um pedaço de medo?

Afasto todos esses pensamentos e volto a dançar.

E você insiste, mas não resiste, digo a mim mesma, lembrando-me da famosa frase que Nat me disse uma vez.

Olho para ele de novo.

O menino não está mais lá. Foi embora, ou sei lá. Não está mais aqui.

Tudo bem, graças a Deus, penso comigo mesma. É melhor assim. Mas se é tão bom assim, por que o sentimento de impotência me invade e me engole como uma onda de tsunami? Ele não é ninguém. É um estranho. E o que eu faria, afinal de contas? Ele é só um garoto vagando pela noite, por Deus. Bonitinho, mas e daí? Tem milhões de bonitinhos por aí.

Sinto algo quente tocar nos meus dedos, que estão apoiados na barra. É uma mão.

Droga, é o garoto.

Como chegou aqui tão rápido?

Nat e Daphne, que estão à minha direita, me olham surpresas. Estão cheias de expectativas.

— Oi — grita ele em meu ouvido quando eu me inclino para escutá-lo. — Qual é o seu nome?

— Não, obrigada — digo sorrindo, fazendo-o parar de começar o que quer que isso seja.

— Não posso nem saber o seu nome? — pergunta o menino, esperançoso, e sua voz em meus ouvidos me fazem ter arrepios. Afasto-me e olho em seus olhos.

Eles são escuros como a noite. Meu Deus, os olhos dele são profundos e o melhor de tudo: não são nem um pouco verdes. Não parecem ser aquele tipo de olhar que te convence a fazer tudo. Aquele olho que luta contra você e sempre vence. Não. São escuros, sem armadilhas, sem quedas, sem jogos ou truques. Seu cabelo tem o mesmo tom que o meu corte recém-adquirido. É curto e liso.

— Obrigada, viu? — digo, dando tapinhas no ombro dele. Mas o que é que eu estou fazendo? O que está saindo da minha boca? Não acredito nisso.

— Por que você está me agradecendo? — pergunta ele, aos risos.
— Eu não fiz nada para você.

É verdade. Ele não quebrou o meu coração. Não mentiu para mim nem enganou todos a sua volta com discursos hipócritas. Não me trocou por uma qualquer. Não me iludiu só para eu nunca ir embora.

— Não sei — digo, finalmente tendo o controle da minha voz, além de dizer algo diferente de um "obrigada". Rio de tanto nervosismo e fico olhando para ele.

— Bom, não vou te incomodar mais — diz ele, então se afasta.

Pisco porque as luzes estão começando a me deixar tonta.

Meu Deus, ele foi embora. Só porque eu não falei nada. Nem tive coragem de falar o meu próprio nome.

Mas outros garotos viriam novamente. Não é?

Ah, meu Deus, o que foi que eu fiz?

Nat me cutuca e sussurra em meu ouvido:

— A Daphne está perguntando se você é idiota. — Assinto com a cabeça. Sou mesmo uma idiota. Na verdade, se você me perguntar, eu não sou do tipo de garota que fica com garotos aleatórios em baladas. Por Deus, não! Mas não entendo este aperto em meu coração que faz com que o meu estômago fique revirado. Sabe quando você tem a certeza de que cometeu um erro? Um erro que pode, possivelmente, mudar tudo em uma só noite? É burrice, é

estupidez, mas não consigo deixar pra lá. De repente, o lugar me parece claustrofóbico. E se eu deixei a minha única chance de ter uma noite mágica ir embora? E se eu nunca mais tiver uma segunda chance?

Eu deveria ter arriscado, porque essa noite é sobre isso. Mas, além disso, eu deveria ter me arriscado porque daqui a cinquenta anos não terei nenhum ato de bravura para contar aos meus netos. Nada incrível, nada surpreendente. Daqui a cinquenta anos olharei para trás e me arrependerei de ter deixado este desconhecido ir embora.

Meu Deus. Qual é o meu problema? Ele é um estranho. Um completo e total estranho que eu nunca vi antes na vida... Mas então por que ele me revirou o estômago?

— Qual é o seu problema, Sam? Ele era lindo e foi superfofo! — continua Nat.

Por que eu não falei nada? Por que a minha voz me deixou quando eu mais precisava dela?

— Sou idiota, Nat, esse é o meu problema.

Caramba, essa noite não era sobre perder o medo? Então que porcaria eu estou fazendo aqui se não consigo nem dizer o meu nome sem travar?

A música acaba e "I Bet You Look Good On The Dance Floor", do Arctic Monkeys, começa a tocar. Que apropriado. Até seria, se eu não tivesse sido uma covarde ridícula.

Mas...

Mas então, quando tudo parece estar perdido, ele *volta*.

Só que não está sozinho dessa vez.

Trouxe a tropa de amigos junto.

— Oi — diz ele novamente e dá risada. Ok, isso é um sinal. O destino está me dando uma segunda chance. Uma segunda chance

nessa noite que me parece irreal à medida que os segundos passam. Eu não vou estragar tudo dessa vez. — Vai me dizer seu nome agora?

— Samanta — respondo, as minhas entranhas se revirando.

O garoto sobe na parte VIP e fica de frente para mim. Tudo que nos separa é a barra de ferro. Seus amigos fazem o mesmo. E, nossa, os amigos dele são gatos. Um fica na frente da Daph e o outro fica na frente da Nat. Não sei dizer quem é o mais bonito dos três. Daphne me olha; posso ver que ela está se perguntando se isso está realmente acontecendo.

Cada um se entreolha e todos começam a rir. O que estamos prestes a fazer?

— Vamos lá, vamos lá! — grita o garoto em frente à Daphne para que todos escutem. — Um...

— Dois... — repetem todos os meninos.

— Três... — repetimos todos.

— Já!

E então nos beijamos.

CAPÍTULO 11

Quando somos pequenas, nossos pais costumam nos contar diversas histórias para dormir. Como a da adorável moça que perdeu o sapatinho na escadaria do baile; a da jovem que jogou os seus cabelos longos para que o seu príncipe pudesse resgatá-la; a da princesa que foi acordada por um beijo... E todos esses contos mágicos de fadas sempre terminam do mesmo jeito: com um final feliz. É claro que os nossos pais nos contavam essas histórias para que, desde pequenos, pudéssemos ser capazes de acreditar piamente em finais felizes. Na teoria, é uma prática muito boa. Mas na vida real... Bem, vou lhe dizer como são as coisas: na vida real, a adorável moça perde o sapatinho para sempre, como uma memória de algo mágico que jamais volta; a jovem com cabelos longos não tem coragem suficiente para arriscar perder os seus fios preciosos por um cara que não tem coragem suficiente para escalar uma torre por ela; e a princesa prefere ficar dormindo para sempre a ter de ser acordada por um príncipe que irá trocá-la por outra princesa em menos de uma semana. É claro que a vida real não é assim para algumas pessoas. Porque essas pessoas, meu Deus, elas são as mais sortudas desse mundo, simplesmente pelo fato de que, às vezes, quando a noite está mais escura, conseguem o seu final feliz. Um final feliz que dura por alguns minutos.

Eu, desde a separação de meus pais, achava — na verdade, tinha certeza — de que eu nunca seria uma dessas pessoas.

Mas acho que, minha nossa, acabei de me tornar uma delas.

Porque um príncipe acabou de me acordar do meu sono profundo. Um garoto acaba de salvar a minha noite e, por Deus, eu nem ao menos sei o nome dele. E, enquanto ele mergulha sua batatinha no ketchup, não posso evitar sorrir. Ele não é o Gustavo. E acho que nunca fiquei tão agradecida por isso.

— Afinal de contas — começo, também pegando uma batatinha e mergulhando no ketchup —, você ainda nem me disse o seu nome.

— Você nem me perguntou. — Ele dá de ombros e ri. — Me chamo Rodrigo, e você se chama Samanta, não é?

Rodrigo. Um nome muito bom, se você quer saber. Não começa com "G" e não termina com "ustavo". Funciona para mim. É simples e bonito. Pronto.

— Samanta — confirmo —, mas todos me chamam de Sam.

Estamos dividindo um prato de fritas e tomando Coca-cola gelada com rodela de limão enquanto Daphne e seu carinha se beijam em um ritmo que me parece meio *hardcore*, mas tudo bem, porque acredito que não é muito diferente do modo como eu e Rodrigo estávamos nos beijando lá na grade.

Devo confessar: ele é perigo puro.

Depois de termos passado boa parte da noite nos beijando, decidimos subir para a parte de cima para respirar um pouco e para mandar para dentro de nossos corpos algum carboidrato. O resto do pessoal — Daph, Nat, seus respectivos carinhos, Marina e Gabe — nos acompanhou e agora estamos aqui sentados à mesa e comendo.

— Samanta — repete ele, como se estivesse tentando decidir se gosta ou não do meu nome. Depois de um tempo, sorri. — Então, Samanta, por que tanto medo lá embaixo? Achou que eu não fosse dar conta do recado ou o quê? — pergunta ele, tomando um gole do refrigerante.

É claro que o refrigerante dele está batizado com uísque, e isso é irônico de mil jeitos diferentes, porque:

- a) eu nem deveria estar aqui;
- b) eu nem deveria estar bebendo coisas alcoólicas pela noite;
- c) sou menor de idade.

Cada empecilho só me faz ficar ainda mais feliz. Se Gustavo ao menos pudesse me ver agora... Chacoalho as memórias ruins, tomo um gole da minha bebida e respondo:

— É... *complicado*.

Rodrigo se aproxima e, tirando uma mecha de cabelo que está grudada em minha testa, diz:

— Eu consigo lidar com o complicado. Tente.

Dou de ombros e como mais fritas. Por que este garoto desconhecido, porém lindo, quer saber de meus medos ou de meus motivos? Quer dizer... Rodrigo está indo contra tudo aquilo que eu acredito. Ele está quebrando o círculo vicioso, quebrando as minhas certezas e dissipando as minhas teorias sobre carinhas de balada, que, segundo eu pensava, te agarravam por alguns minutos e depois seguiam para a próxima garota na noite. Então por que Rodrigo, um perfeito carinha de balada, ainda está aqui? Quer dizer... Por que ele ainda não foi embora? Por que ele não me deixou, igual a toda população masculina em minha vida?

Então, depois de especular e especular, decido que não importa. Talvez ele seja além do que eu possa ver. Talvez, sei lá... Talvez eu esteja errada, afinal. Talvez eu tenha passado tanto tempo presa a uma história que nunca foi real que acabei engolindo as minhas teorias e as guardando como verdades absolutas em vez de sair pelo mundo tentando vê-las realmente. E eu acho que é isso, sabe. No final do dia, quando você percebe que estar errada é a melhor coisa que pode acontecer... Isso que é magia. Isso que é coragem.

— Não sou esse tipo de garota que pega todos em uma noite.

Ele sorri, parecendo se divertir com isso. E então, se aproximando e sussurrando em meu ouvido, Rodrigo pergunta:

— Então quem é você, Samanta?

A pergunta me desmonta. Que tipo de pessoa pergunta isso? Quer dizer... Minha nossa. Nunca me perguntaram isso. O que alguém deveria supostamente responder? *Sei lá*, queria dizer a ele, *acho que*

não importa. Mas, assim que começo a abrir a boca para responder isso, congelo e paro. Não é estranho passar a sua vida inteira em silêncio e, de repente, em uma noite, ter vontade de fazer a maior gritaria que o mundo já viu? Se alguém perguntasse quem eu era há alguns dias, eu simplesmente daria de ombros e viraria as costas, pelo fato de que não saberia a resposta. Mas hoje... Hoje sei quem eu sou. Hoje não preciso *dele* para me completar. Hoje não preciso ouvir a voz *dele* para acreditar que tudo ficará bem. Hoje *ele* simplesmente se desvaneceu de mim, de minha história. Hoje não preciso nada além de mim e de minha coragem para seguir em frente e sobreviver à noite sem me sentir despedaçada. Hoje tenho a certeza de que nunca mais serei a mesma.

— Eu sou uma garota cheia de cicatrizes, cicatrizes invisíveis pelo corpo todo, como se fossem alguma espécie de mapa que não pode ser visto a olho nu. E, desde os meus quinze anos, eu me deixava guiar por esse mapa, como se ele pudesse me levar a algum lugar que não fosse a uma rua sem saída chamada "dor". Mas por todas as esquinas que eu percorria, a dor estava lá, o medo, a impotência e o sentimento de nunca, nunca ser suficiente também me acompanhavam por todo o caminho. Eu vivia com medo. Medo de viver, medo de ser honesta com os outros, medo de ser honesta comigo mesma. E o medo só arrastou o melhor de mim, só me afastou de quem eu sempre estava destinada a ser. Até hoje. — Bebo com gosto um longo gole da Coca e olho atentamente para Rodrigo, esperando que ele não me ache uma maluca de ressaca. — Sei que vai parecer uma total loucura, mas uma amiga minha que morreu há algum tempo nos deu uma lista de desafios para cumprirmos esta noite. E, de algum modo, nesta lista estão todos os nossos maiores medos e vontades. Hoje eu cumpri alguns destes desafios, que me ensinaram mais do que eu pude aprender durante toda minha vida. — Seria possível que em apenas uma noite reescrevêssemos a nossa história inteira? Gostaria de saber. E caso seja mesmo possível, sei que a noite é essa. — Me declarei para o meu melhor amigo e levei um fora dele; fui ao cemitério à noite visitar o túmulo dessa minha amiga; tomei o meu primeiro porre e

entrei clandestinamente aqui. Então, sei lá, o que eu estou tentando dizer é: sou corajosa. Sou forte e estou viva. E se isso não for suficiente para me definir... bem, então não sei o que é — digo, por fim.

Rodrigo não diz nada. Seu silêncio não me é estranho. Há uma chama em seu olhar que parece derreter o gelo em meu coração.

— Que caixinha de surpresas é você, Samanta. E eu pensando que você só estivesse me dando um fora porque não tinha gostado de mim — diz ele finalmente, após algum tempo.

— Não — respondo, e, quando vou pegar mais batatinhas, percebo que o prato está vazio. Olho para os lados e vejo as minhas amigas, todas conversando e se divertindo. Isso está saindo melhor do que o esperado. — É só que... sei lá. É complicado por causa...

— Do seu melhor amigo — completa ele.

— É — digo. — Ou sei lá. Tanto faz. Foi melhor assim. Passei três anos da minha vida presa em um livro cujo final eu já sabia. Mesmo que eu nunca tivesse admitido para mim mesma. Às vezes a realidade está bem diante de nós, mas nós estamos ocupados ou enganados demais para notá-la.

Ele pega em minha mão e passa os seus dedos carinhosamente por ela, como se desenhasse um mapa.

— Sua mão é macia, Sam.

Eu rio. O que isso tem a ver com o assunto?

— Obrigada. Eu acho — digo, e ele continua a segurar a minha mão.

— Mas... Quer saber? — pergunta Rodrigo, voltando ao assunto. — Eu entendo.

— Entende? — pergunto.

— Sim. — Ele dá de ombros. — Eu estive em um relacionamento autodestrutivo durante muito tempo. E isso levou boa parte de mim.

Essa é a primeira noite que eu saio para me divertir depois... Bem, depois do término.

Semicerrou os olhos e arqueou a sobrancelha. Algo nos olhos dele...

— Mentiroso — acuso.

— O quê? — grita ele, em seguida ri. — Não estou mentindo.

— Está sim.

— Tudo bem. Você venceu. O que me entregou? — pergunta Rodrigo.

— Seu olhar. Você olhou para esquerda. Quando estamos mentindo, nossos olhos apontam para esquerda.

Ele faz uma expressão curiosa, depois ri.

— Tudo bem. Essa não é a minha primeira saída. É a minha... — Ele conta nos dedos e diz: — Milésima ou algo do tipo.

— Humm — digo, e logo percebo que ele já deve estar acostumado com todos esses tipos de garotas que surgem pela noite. Sou apenas mais uma, obviamente. O que eu estava fazendo? E amanhã, Deus do céu, isso não passará de um sonho. Porque, mesmo que a noite pareça infinita agora, ela *tem* de acabar. E quando a noite virar dia, tudo terá desaparecido. — Vou ao banheiro. Já volto — aviso e então chamo as meninas para uma rápida confraternização no banheiro. Com relutância, elas me seguem e, após entrarmos no banheiro com dificuldade por causa dos corpos abarrotados perto da porta, finalmente digo: — Próxima parada?

Daphne me olha horrorizada, como se eu tivesse dito a coisa mais medonha de toda a vida.

— Por quê? O que aconteceu? Não gostou do garoto? — pergunta.

— Gostei. Esse é o problema. Por favor. Eu sou só mais uma. E ele é só mais um. Então, pronto, próxima parada.

— Ah, Sam, por favor — reclama Nat. — Curta a noite e não se preocupe com o amanhã. Eu vi vocês dois. Havia todas aquelas faíscas no ar, sabe? Como se de repente vocês já se conhecessem há tempos, a vida toda. Eu sei que você gostou de ficar com ele, se não já teria dado qualquer desculpa imbecil, como você sempre faz. Esqueça que você é uma desconhecida para ele e esqueça que ele é um estranho para você. Aproveite o momento e não se importe com o dia de amanhã. *Carpe Diem*, se lembra? *Desfrute o dia!* — grita ela. — Meninas, quem vota para que nós fiquemos aqui com os garotos? — indaga ela, ignorando o olhar da tia do banheiro, que já nos mandou ir embora faz tempo. Todas as meninas levantam a mão. — Viu, Samanta? Agora pare de palhaçada. Eu estou adorando passar o tempo com o Alexandre.

— E eu com o Caio. Fazia tempo que eu não conhecia um garoto que me fizesse rir. E quer saber de uma coisa? Eles são primos! *Primos!* — ressalta Daphne.

— Primos? — pergunto. Isso é o quê? Alguma espécie de Família Soprano para jovens?

— É! — comenta Daph, e Marina olha para ela surpresa.

— Que legal — comenta Marina. — Tipo, quais são as probabilidades de isso estar mesmo acontecendo? Alguém me belisca, porque isso não pode ser real.

— É real — diz Nat. — Vicky tinha razão. Sempre teve.

— Razão sobre o quê? — pergunta Daph.

— Sobre se arriscar. *When you got nothing, you got nothing to lose*^[6].

— Bob Dylan! — comento. — Era o favorito dela.

Nat balança a cabeça, concordando.

— Olha, se vocês não vão usar o banheiro... — começa a tia do banheiro.

— Já estamos indo! — Nat exclama. — Um momento! — Então ela se vira para mim e diz: — Para de fazer show, Samanta. Só aproveita, tá?

— Mas...

— Mas nada!

— Mas ele me acha louca! — digo.

— Por que ele te acharia louca? — pergunta Marina, passando água no pescoço para se refrescar. Ou para limpar a baba de Gabe.

Eca.

— Porque... Porque eu meio que posso ter contado a ele sobre a lista e...

— Ah, caramba! — reclama Nat. — Você não pode estar falando sério. Agora todos eles vão pensar que nós somos ninfetinhas menores de idade que não têm o que fazer. Ótimo, Samanta, ótimo.

— Foi mal. Só... vomitei as palavras nele e não pude evitar.

— Olha — interrompe Daphne —, não importa se eles venham a nos achar loucas, tá legal? Nós só vamos enfiar a língua na garganta deles, não é como se fôssemos casar com eles ou algo assim. Então, por favor, me poupem do drama.

— Daphne... Incrível como você sempre tem a arte de tornar tudo direto, sem rodeios. Já te falei que isso não é um costume muito bom, né? — observa Marina.

— Ah, pelo amor de Deus. Fui! — diz Daph, e todas começam a sair do banheiro. Sem ter o que fazer, sigo-as e subo as escadas que levam ao segundo andar. Lá, vejo os três primos reunidos conversando. E o pior: Gabe está ao lado deles, compartilhando a conversa, como se eles se conhecessem há anos. Sério, eu admiro a capacidade que os meninos têm de fazer amizade.

— Então... — Daphne começa a dizer, como se quisesse que eles abrissem a rodinha e nos deixassem participar da conversa.

— Nós decidimos que vamos — diz Gabe, a expressão divertida e ao mesmo tempo curiosa.

— Vão aonde? — pergunta Nat, sem parecer ter ideia do que eles falam, assim como eu.

— Cumprir os desafios da lista com vocês, ué — diz Caio, o garoto com quem Daphne havia ficado.

Nessa hora, nós, garotas, nos entreolhamos. E nosso olhar diz só uma coisa: Ferrou.

— Tá legal... O que está acontecendo por aqui? — pergunto.

— É simples — diz Rodrigo, começando a explicar. — Você disse que tinha essa lista de desafios. O Gabe aqui — ele bate no ombro de Gabe, como se fossem os melhores amigos — nos explicou direito e nós decidimos que seria divertido se fôssemos com vocês. Afinal, quantas aventuras se pode ter em uma cidade como essa, não é?

Nós nos entreolhamos de volta. E vejo que nós compartilhamos o mesmo brilho no olhar. Não estamos mais sozinhas. As garotas aventureiras têm companheiros agora.

Rodrigo pergunta:

— E aí? Qual é o próximo desafio?

CAPÍTULO 12

As batidas de “Psycho Killer” do Talking Heads parecem enlouquecer as pessoas. Elas até chegaram a dar gritinhos histéricos quando os primeiros sons começaram a tocar.

Depois da ideia superintrometida de Gabe e dos meninos nos acompanharem no resto da aventura, nós decidimos ficar mais alguns minutos e aproveitar mais algumas músicas. Qual é, demoraria muito tempo para voltarmos aqui, afinal as festas de fim de ano estavam chegando. Cada uma de nós viajando com a sua respectiva família, indo para a praia ou para qualquer cidade divertida o bastante para se comemorar o Natal e o Ano-Novo. Eu? Bem, teria sorte se não passasse sozinha, comendo miojo e assistindo o Especial do Roberto Carlos na Globo.

É isso que eu chamo de diversão.

— E aí, já podemos ir para o próximo item? — Marina nos pergunta, arfando.

A música acaba e nós saímos da pista de dança. Os meninos estão nos esperando no bar, porque nem ferrando eles aguentavam dançar. O lugar já não está mais lotado como antes, já é possível se mexer e respirar no meio da pista.

Sou a primeira da fila a pagar, portanto saio da balada, mas não antes de olhar para trás pela última vez e agradecer por todas as coisas mágicas que aconteceram no tempo que eu passei aqui dentro. Acho que este lugar cura as pessoas. Bem, pelo menos curou uma grande parte de mim. Uma parte que achei que nunca mais recuperaria.

Sinto que a minha bolsa treme. Droga, o meu celular. Esqueci completamente de colocá-lo no bolso ou checá-lo. Vejo o visor, que me avisa que perdi vinte e cinco chamadas. Dez delas são da minha

mãe. As outras quinze são de Gustavo. As apago na hora e ligo para mamãe, que atende no segundo toque.

— Oi, mãe. Você me ligou? — pergunto e respiro fundo.

Lá vem.

— Droga, Samanta! Você sabe quantas vezes eu te liguei? Eu estava a ponto de telefonar para a polícia!

— Calma, eu estou bem.

— Onde você está? E olha a hora! É melhor que você entre em um táxi em cinco minutos e venha para casa.

— Sinto muito, mas não posso. Durma um pouco, daqui a algumas horas eu estarei aí. A vovó também chegará pela manhã. Preciso desligar e...

— Não preciso da sua avó! Sam... Por favor! — Não demorou para o tom suplicante aparecer. O que viria a seguir? — Eu me sinto sozinha. Não consigo dormir sabendo que você está na rua. Volte para casa. Nós podemos tomar um delicioso chá, e eu posso fazer os cupcakes que você tanto gosta. Por favor, não me deixe aqui sozinha. Eu preciso de você. — Claro, é a autopiedade que vem em seguida.

— Podemos fazer os cupcakes amanhã, mãe. As meninas estão me esperando...

— Não, Sam. Não desligue. Por que está fazendo isso comigo? A sua ceninha já não foi o bastante? — A súplica começa e não terminará até que eu ceda. — Eu pensei que você fosse menos egoísta. Está sempre me deixando, não é? Está sempre me trocando por outras pessoas. Você é igualzinha ao seu pai.

Estava demorando para o discurso começar. Seria sempre desse jeito, não seria? Eu sempre teria de sair correndo e largar tudo o que estava fazendo só para que a minha mãe não se sentisse sozinha. As palavras dela me atingem lentamente. Como ela pode dizer isso? Depois de todos os sacrifícios que fiz por ela? Meu pai

não fez nada além de nos abandonar e fingir que nunca existimos na vida dele. Nos apagou como borracha apaga os traços feitos a lápis. Para mim não é tão fácil. A marca que ele deixou em mim está mais impregnado do que tatuagem. Por mais que eu queira, nunca vou conseguir me esquecer do que meu pai fez. Essa coisa marcada, que se chama memória.

Você não muda.

Você não apaga.

Você não esquece.

Então eu explodi. E como não poderia? Há quase dois anos ela vinha me controlando da pior forma. Perdi dois anos da minha vida trancada em casa. Antes de sair para essa noite, eu estourei com mamãe. Disse que não poderia mais viver assim. Ela se aproveitou de mim, do meu sentimento de culpa e transformou isso em vantagem a seu favor.

A porta dos fundos da balada se abre e toda a galera sai junta, rindo.

— Meu Deus, ainda não acredito que você não pagou nada! Troféu chuchuzinho, essa é boa! — diz Daphne à Nat.

— Acho que ter cara de bebê tem suas vantagens. O dono simpatizou comigo, então não paguei a entrada. — Ouço Nat se vangloriar.

Um grito estridente vem do celular. Por um momento me esqueci da minha mãe. Aproximo o celular do meu ouvido.

— Você está me ouvindo? — grita ela.

— Estou.

— E então?

Olho para eles que acabaram de sair, todos rindo e se divertindo como nunca. Sendo o meu sol nessa noite escura.

— Eu não vou para casa agora. — Dito isso, desligo a ligação.

Não quero mais interrupções hoje. Quero paz. Quero ser livre.

— Está pronta para ir, Sam? — pergunta Daphne, olhando para o celular em minhas mãos.

— Estou.

:) :(:) :0 :! :P

No momento em que o sabor doce e cremoso do suco de morango com leite atinge a minha língua, sinto uma calma e respiro fundo. A temperatura da bebida está perfeita e me refresca. O açúcar me acalma de alguma forma, e tudo parece ficar mais fácil. A conversa com os garotos vai de vento em popa, parecemos um grupo de amigos que não se via há anos e está cheio de histórias interessantes e engraçadas para contar. O Au-Au está vazio, somente nós fazendo barulho e rindo. Escolhemos fazer uma parada rapidinha porque ninguém conseguiria seguir o desafio seguinte com o estômago vazio, já que uma porção de fritas não foi suficiente para o grupo de oito pessoas. Então aqui estamos, em uma lanchonete superfofa, comendo sanduíches, cachorros-quentes e tomando o melhor suco de morango com leite da cidade.

— Então, Sam... O que você me disse que fazia mesmo? — pergunta Rodrigo, tomando um longo gole de seu suco.

Olho para as meninas ao meu lado e vejo que todas estão numa conversa particular com os seus respectivos garotos. Acredito que tenham muito assunto, afinal, o temido silêncio constrangedor, por mais incrível que pareça, não pairou no ar por um milésimo de segundo sequer. Ou, se isso aconteceu, ninguém percebeu, porque o silêncio não foi tenso. Foi aquela coisa normal, onde ninguém se sente na obrigação de falar algo para aliviar o clima. Acho que é isso que acontece quando você sente que conhece a pessoa a sua vida toda. Por que isso ocorre com algumas pessoas e outras não? De onde vem essa sensação de conforto, simplicidade e euforia com uma pessoa que acabamos de conhecer? E por que, às vezes, nós ficamos tão duros e travados com alguém que conhecemos há anos?

— Na verdade, eu não disse. Nem você. — Dou um leve riso e continuo a falar. — Eu serei uma grande chef. Ano que vem começo a faculdade de Gastronomia. Adoro cozinhar, sempre foi o que me acalmou quando tudo estava um caos. Sempre foi a minha constante.

— Constante? — pergunta ele.

— É... Sei lá, para mim a comida é um tipo de arte. Tudo tem de ser pensado de uma forma tão concisa, tudo planejado minuciosamente para que, ao final, o prato saia conforme a receita. Tanto no que se refere à realização da comida como no quesito de apresentação dela. A ansiedade para saber se o resultado vai dar certo, se você seguiu todas as regras e fez tudo com carinho. Os ingredientes, a preparação, o amor fazendo isso. Na cozinha sou só eu, a comida e a música. Eu me sinto incrível fazendo isso.

Espero e paro para ver o que Rodrigo vai dizer, mas o máximo que ele faz é soltar um sorriso e ficar me encarando.

— O que foi? — pergunto, surpresa. — Qual é a graça?

— Não é nada. É só que... não sei, é muito legal ver alguém tão apaixonado por alguma coisa como você. Não é uma coisa que se vê todo dia. Pude te imaginar preparando as comidas com um sorriso no rosto só pelo jeito que você me disse isso. Sei lá, parece que as pessoas só correm e correm para resolver os seus problemas, para conseguir dinheiro e fazer as coisas do dia. Elas têm se esquecido de amar as pequenas coisas, amar o que fazem, fazer algo por amor, entende? É tão fácil cair numa rotina e ficar para sempre preso nela. Todo mundo está com pressa, sem tempo, correndo de algo, fugindo de si mesmo... Mas a grande verdade é que elas deveriam parar por um instante. Só... *parar* e aproveitar o que elas têm, porque a gente nunca sabe quanto tempo isso vai durar.

Por Deus, quem é este garoto e por que diabos eu nunca havia o conhecido? O que havia acontecido para ele chegar a essa conclusão? Como eu pude passar tanto tempo com tão pouco? Aceitando lixo e mais lixo todos os dias, sem reclamar disso. Sem

fazer nada para mudar essa realidade triste, na qual eu não era feliz. Como eu pude mudar tanto em pouquíssimas horas? O que realmente é a causa dessa mudança? Nós mesmos ou as pessoas que conhecemos no decorrer dos dias? É possível que nós mudemos tanto a ponto de olharmos para trás e não reconhecer mais a pessoa que víamos todos os dias no espelho? Bem, acredito que sim, porque agora eu não consigo nem imaginar como me permiti ser dominada por tanto medo e nunca ter feito nada para mudar isso. Como eu não pude ter coragem para me salvar? Só passava os dias correndo, fugindo de mim mesma, como o Rodrigo mesmo disse. Me ocupando dos problemas dos outros e enchendo o meu dia com tarefas indiferentes mais e mais, até que não sobrasse tempo para eu perceber o que estava acontecendo à volta. Até que não sobrasse tempo para que eu conseguisse abrir os olhos e percebesse que não era assim que se vivia. A vida *tinha* de ser mais do que aquilo. E, hoje, finalmente, consegui abrir os meus olhos e enxergar a luz. Pude ver que a vida é realmente boa depois que você apanha e decide não se deixar levar pela dor. A vida está aí para quem se arrisca e nunca desiste.

— Você está certo. Eu amo mesmo isso. Acho que essa será a minha maneira de deixar a minha marca no mundo. E a sua, qual será? — Mastigo o último pedaço do meu sanduíche, que por sinal estava delicioso, e espero por sua resposta.

— Já está sendo. Já estou na faculdade, lembra? — Rodrigo ri. — Faço Jornalismo. Sempre tive um grande problema com mentiras, nunca aceitei hipocrisia e coisas mascaradas. Os jornais parecem ter um sério problema com isso. São comprados pelo governo e coisas do tipo. Prometi a mim mesmo que só contarei a verdade e o fato como ele realmente é em minhas matérias, não importa o que aconteça. Acho que o mundo está precisando de gente mais honesta, que as ajude a abrir os olhos. Quero viajar o mundo todo e escrever sobre as pessoas. Acredito que ainda tenha gente com histórias que valham a pena ser contadas. Vou falar por aqueles que têm medo de abrir a boca.

— Isso é incrível. Parece que eu não sou a única a ter paixão pelo que quer fazer. — Não quero ser a garota patética que acaba se apegando a um garoto de balada, mas... Caramba, como vou poder me esquecer dessas conversas? — Espero poder ler algo seu em breve. Você tem algo escrito?

— Tenho alguns rascunhos, sabe como é. Só que sou muito perfeccionista para olhá-los e sentir que finalmente estão prontos.

Concordo sorrindo e tomo um gole do meu suco, terminando-o.

— Gente, o papo está ótimo, mas temos trabalho a fazer — diz Nat, interrompendo todo mundo. Há poucos minutos ela estava em uma conversa intensa com o Alex, e ele estava muito na dela.

Marina e Gabe nem conversaram, só ficaram se agarrando. Eles simplesmente não se desgrudaram, com certeza estavam tentando recuperar o tempo perdido. O caso está sério.

— Ok, finalmente veremos vocês em ação! — exclama Caio, lançando um olhar para Daphne. Ela arqueia a sobrancelha e levanta os ombros, como se o provocasse.

— Nat, qual é o próximo? — pergunto, me levantando da cadeira. Todos começam a fazer isso também, mas param quando Nat dá um sorriso maroto e diz:

— Quem aí é bom de mira?

CAPÍTULO 13

O táxi desliza habilmente pelas ruas da cidade. Já são quase cinco horas da manhã, o que significa que a noite está prestes a acabar. O que significa que *tudo* vai acabar, e eu simplesmente não consigo lidar com a ideia do fim. E amanhã, meu Deus do céu!, o que farei ao acordar? Depois de tudo que aconteceu, como serei capaz de enfrentar a rotina novamente?

Trato de afastar todos esses pensamentos; eu terei tempo de lidar com eles depois. Porque, agora, neste exato momento, coisas mais importantes rodam a minha mente. Como, por exemplo, o fato de eu estar a caminho da casa do meu pai acompanhada por uma gangue de sete pessoas. E, é claro, eu nem posso comentar o que faremos na casa dele. Ou melhor: com a casa dele.

Mas, para você entender isso melhor, teremos de voltar um pouco no tempo, em um ano em que as coisas não eram tão bagunçadas como agora.

Eu estava no final do meu último ano do ensino fundamental, ou seja, na oitava série. Como todos na oitava, eu me sentia a “quase caloura” mais sortuda do mundo. Em apenas alguns meses, estaria usando o novo uniforme — sim, os alunos do ensino médio, diferentemente do fundamental, que usavam um uniforme “verde-vômito”, vestiam uniformes pretos, e esse era o ritual mais marcante na vida de qualquer aluno da oitava série —, eu seria uma caloura e poderia fazer parte da turma maneira da escola. Seria, finalmente, descolada, teria amigos e, *aimeudeus*, quem sabe até mesmo um namorado? É claro que eu teria de me esforçar um pouco e fazer algumas mudanças, mas nada seria muito drástico, e todas as mudanças seriam para o melhor. Eu tinha catorze anos e pensava que tinha todo o controle da vida em minhas mãos.

Como eu era besta.

Ninguém controla nada. Não somos capazes nem de controlar os próprios sentimentos, quem dirá controlar o que acontece ao nosso redor. E foi assim que, aos catorze, minha vida mudou para sempre. Eu vivia em um mundo cor-de-rosa, dentro de um castelo de cristal, rodeada por magia e coisas fofinhas. Quando então, irrompeu a explosão. O castelo desmoronou e eu fiquei presa embaixo dos escombros, indefesa, frágil e mais vulnerável do que nunca. E você, mais do que nunca, deve estar se perguntando: que diabos aconteceu com essa “quase caloura” que tinha o mundo todo em suas mãos?

Como o colégio em que eu estudava ficava no centro da cidade, e às quartas-feiras a oitava série tinha aula à tarde, eu sempre almoçava com o meu pai, já que seu escritório de advocacia se localizava a quatro quadras de distância da escola. Ele sempre me esperava na saída e nós sempre almoçávamos juntos. Sempre íamos aos nossos lugares favoritos, mas em uma determinada quarta-feira, meu pai me mandou uma mensagem dizendo que estava cheio de trabalho e que infelizmente não poderíamos almoçar juntos. Giovana, a minha melhor amiga na época, me convidou para almoçar com ela e seu namorado, mas eu não quis ser desmancha-prazeres, então inventei uma desculpa qualquer. Como qualquer filha devotada faria, comprei um hambúrguer bem generoso, que eu e papai sempre dividíamos, e decidi levá-los até o escritório dele, para comermos juntos. Assim que cheguei lá, me deparei com a sua secretária, Vanessa, discutindo com alguém — provavelmente o seu namorado —, e ela me pareceu terrivelmente perigosa com sua lixa de unha. Passei tão rápido que ela nem me viu. Com um sorriso honesto, abri a porta. E aquela foi a última vez que eu sorri desse jeito para o meu pai. Porque, bem diante de mim, estava ele. E bem à frente dele estava a “Moça do Xerox”. Mas pelo visto, ela não estava só xerocando papéis, se é que me entendem. Eles estavam no maior amasso. No mesmo segundo em que os meus olhos captaram a visão do inferno, deixei tudo cair. Inclusive minhas certezas e sonhos. É difícil ver que o seu herói nunca foi herói de

verdade. É difícil ver que, na verdade, o herói nunca existiu. Apenas o bandido, que conseguiu enganar todo mundo.

Assim que ele me viu parada na soleira da porta com uma expressão de choque, empurrou a Moça do Xerox — é assim que eu a chamo até hoje.

Bem, pelo menos eles não estavam fazendo outra coisa.

Oremos por isso.

De qualquer modo, ele se preparou para correr até onde eu estava, mas eu fui mais rápida. Corri em direção às escadas — o escritório dele ficava no décimo segundo andar —, abri a porta corta-fogo de aço com força e corri, corri, corri até não poder mais. Se eu parar para pensar, acho que essa foi a única vez na vida que eu não parei diante de uma dor tão lancinante. Em que continuei, apesar da dor, da falta de ar. Porque a fuga, meu bem, é isso: correr, correr e correr, porque se descobriu algo tão terrível, tão absurdamente doloroso, que permanecer parado não pode — e jamais poderá — ser cogitado. A gente foge porque nos deparamos diante de algo com o qual não conseguimos lidar. A gente foge porque, às vezes, tudo o que podemos e sabemos fazer é fugir. Instinto.

Naquela quarta-feira, passei o dia inteiro na rua, caminhando sem rumo, entorpecida demais para fazer qualquer coisa. Não chorei, não falei e não senti. Pela primeira vez na vida, me desliguei de tudo. Não sabia o que fazer, não sabia para onde ir. Minha vida toda foi uma mentira. Cresci cercada por uma grande mentira. Sou uma mentira, filha de um mentiroso. Como é que a gente vive depois disso? Como é que a gente volta ao normal depois de descobrir uma coisa dessas? Está aí a resposta: a gente não volta. A gente não volta nunca. Naquele dia, uma garota saiu para ir à escola. E ela nunca mais voltou.

Lá pelas onze horas da noite, vagando pelas ruas sem destino algum, decidi o que fazer. E foi muito rápido, ui, nem doeu tanto

assim. Simplesmente abri o celular, disquei o número bem conhecido por mim e disse as palavras que arruinaram tudo:

— Ele está te traindo.

Depois, ainda em estado catatônico, desliguei o celular e fui em direção a um parquinho público, daqueles que têm balanços, escorregador e tudo mais. Me sentei em um balanço e fiquei me balançando enquanto a noite caía. Não sei em que momento da noite, mas acabei adormecendo e, quando acordei, vi que estava deitada na areia do parquinho. Levantei e fui para casa. Ao chegar lá, o pandemônio tomou conta. Minha família toda estava na sala de estar, inclusive os meus pais. Minha mãe estava em prantos, sendo “confortada” pelos braços do meu pai. Assim que os olhos avermelhados dela se cruzaram com os meus, ela correu em minha direção e me abraçou.

— Meu Deus, Samanta, o que foi isso? Onde você se meteu? Você está bem? O que aconteceu?

Eu simplesmente não respondi. Apenas me desvencilhei de seu abraço e caminhei até onde o meu pai estava. Percebi o olhar de todos os meus familiares em mim; eu deveria estar parecendo uma fugitiva de algum hospício, já que tinha dormido em um parquinho e eu estava uma bagunça completa, mas naquele momento eu nem ao menos me importei. Só apontei para ele e gritei com todas as forças que restaram em mim:

— Vá embora! Saia daqui!

— Samanta, filha, o que... — mamãe começou a dizer, mas eu a interrompi na mesma hora, gritando e surtando como uma histérica psicótica.

— Mentiroso! Mentiroso! Vá embora e nunca mais volte! Vá embora! — As lágrimas que antes pareciam ter desaparecido, finalmente chegaram.

— O que você disse ao telefone... — disse mamãe — é verdade?

— É! Ele te trai com a Moça do Xerox! Traidor, traidor, traidor! — gritei chorando. E tudo que eu fiz foi gritar e gritar, até que fui carregada para o meu quarto pela minha tia. Me debati com força, até não poder mais e, em algum momento, acabei adormecendo.

E esse foi o pior dia da minha vida. Bem, pelo menos era o que eu pensava, mas descobri que o pior ainda estava por vir. É como Isaac Asimov disse: “Na vida, ao contrário do xadrez, o jogo continua depois do xeque-mate”. Continuei, continuei o jogo, sim. Tudo foi confuso, uma bagunça. É claro que a minha mãe não quis nem saber. Pediu o divórcio na mesma hora. Foi conturbado, desastroso... Eu me perdi, me tornei vazia... Ou pior, cheia de dor, e não havia ninguém para me ajudar. Minha mãe nunca mais foi a mesma. Claro, no começo ela até que estava bem, porque a ficha não tinha caído ainda. Mas depois que mamãe percebeu que era real, a vida dela foi por água baixo, entre altos e baixos, como se estivesse presa em uma montanha-russa sem fim.

Ela ficou muito triste. E a culpa foi toda minha. Além de ter arruinado a minha vida, arruinei a dela. Por ter sido corajosa e enfrentado o meu pai na frente de todo mundo, só destruí a vida da minha mãe. Eu fiz isso com ela. Eu a fiz mergulhar na onda de tristeza. Eu. Eu. Minha culpa. E foi assim nos últimos anos. Eu, tentando consertar o estrago irreparável, tentando ser quem a minha mãe queria que eu fosse, só para recompensar a besteira que fiz. Se tivesse ficado quieta nada disso teria acontecido. Revelar a verdade resultou na destruição de toda uma família, e naquele ano eu prometi a mim mesma: jamais me meteria nas coisas dos outros, jamais falaria algo que não fosse a *meu* respeito. Por isso guardo alguns segredos aqui dentro. Segredos que, se contados, destruirão a vida de várias pessoas, pessoas com quem me importo. Honrar essa promessa é o que eu faço nos últimos anos, e é o que eu vou continuar a fazer. Não vou destruir mais ninguém com a minha boca. Não vou.

De qualquer maneira, aquele foi um ano terrivelmente difícil. Além de lidar com a separação, tive de lidar com o meu pai saindo de casa

e com a minha melhor amiga de mudança para o outro lado do mundo. Nesse mesmo ano, prometi mais coisas a mim mesma, inclusive que não deixaria ninguém entrar na minha vida nos próximos três anos do ensino médio. É claro que essa promessa foi quebrada pela Vicky, que, querendo ou não, fez com que eu deixasse isso de lado para me aproximar das pessoas e fazer amigos. E fazer amigos era tudo que eu precisava para me salvar, sem que eu fizesse ideia disso.

As piores verdades são aquelas que nós escondemos de nós mesmos. Ou por não fazer ideia ou porque não somos capazes de admitir o que sempre esteve debaixo de nossos narizes o tempo todo.

Sendo assim, há três anos não falo com o meu pai. É triste, lamentável, eu sei, mas a escolha foi minha. A verdade é que ele ainda manteve o caso com a Moça do Xerox por vários meses. Tudo isso aconteceu quando eu estava no primeiro ano, e eu nunca consegui deixar para trás. A cena sempre ficará em minha memória, ela foi marcada a ferro e não há pele nesse mundo que cubra essa cicatriz.

Minhas amigas só sabem o essencial: tenho pais separados, minha mãe precisa de mim todo segundo e eu não falo com o meu pai. O resto está escondido pelas aparências e pela superficialidade.

E assim eu fui vivendo nos últimos três anos. Altos e baixos, esconde a sujeira da mãe, finge um sorriso impecável na escola, alto, baixo, esconde a sujeira... Porém, algo me dizia que, após essa noite, toda sujeira explodiria e eu, finalmente, ficaria limpa depois de todo esse tempo. Estava na hora de cuidar um pouco de mim.

Já paguei a minha dívida, os últimos anos me arrependendo de ter aberto a minha boca me serviram de lição. E agora era a hora de seguir em frente e deixar tudo isso para trás. E era isso que eu estava fazendo.

— Chegamos — diz o motorista do táxi, e Rodrigo entrega o dinheiro a ele. Agradeço-o e descemos do táxi de mãos dadas.

Minhas mãos suam, e eu posso estar tremendo um pouco, mas creio que não tem nada a ver com o sereno da madrugada, e, sim, com o que estou prestes a fazer.

— Meu Deus, isso vai ser tão divertido — diz ele, sorrindo.

Sorrio também.

Ele tem razão. Será mesmo muito divertido. Esperamos Nat e Alex também descerem do táxi. Assim que eles desembarcam, esperamos pelos outros, já que cada um pegou um carro para chegar até aqui. *Aqui*. Que estranho. Este lugar era para ser, supostamente, a minha segunda casa. Mas é só um lugar como todos os outros, só uma casa normal. Muito bonita, pelo visto. Apesar da má iluminação vinda do poste da rua, é possível ver que a casa tem dois andares e tem uma cerca branca, que não chega a ter cinquenta centímetros — o que vai facilitar muito para nós.

Ela é amarela e em frente dela há um jardim muito bem decorado, cheio de rosas de todas as cores. Subitamente, percebo que só uma mulher pode ter decorado o jardim assim, e levo um susto.

Ela não pode descobrir.

Ela não pode descobrir nunca.

— Eles chegaram — avisa Rodrigo. Nat sorri e começa a tirar algo da bolsa. É um saco plástico. Sorrio. Isso será mais divertido do que eu pensava.

— Tudo bem, garotos. Tive uma ideia nova — diz Nat, abrindo o saco plástico. Ela pede para os garotos irem atrás dos arbustos, que ficam em frente à casa vizinha e entrega a eles o saco plástico. — Cada um pega uma.

— E o que devemos fazer com isso? — pergunta Gabe, já atrás dos arbustos.

— Como assim o que devem fazer? — pergunta Nat retoricamente. — Vocês devem fazer xixi aí, oras!

— O QUÊ? — grita Gabe, levantando a cabeça e se inclinando, de modo que agora nós somos capazes de enxergá-lo. — Você só pode estar brincando com a nossa cara.

— Que loucura — comenta Caio, rindo histericamente.

— Ah, pelo amor de Deus, deixem de ser tão maricas e mijem logo aí. Andem, porque há cinquenta dessas e o tempo não está do nosso lado.

Depois de alguns minutos de silêncio, ouvimos barulhos de zíperes sendo abertos e o conhecido barulho de xixi.

— Ai, que nojo! — exclama Marina. — Quem teve essa ideia mesmo?

— Eu — responde Nat. — A ideia inicial foi da Vicky, é claro, mas eu dei o toque do mijo para ficar mais... *especial*.

— Especialmente nojento? — indaga Daphne, rindo.

— Que horas seu pai sai para trabalhar? — pergunta Rodrigo. Me aproximo dos arbustos e respondo:

— Às cinco horas. — Olho no visor do celular, ainda são 4:40 da manhã.

— Mas onde ele trabalha? Na lavoura? — ironiza ele e todos dão risada.

Reviro os olhos e cruzo os braços.

— Tanto faz, só continue mijando aí dentro — comento.

Depois de alguns instantes, todos os meninos saem dos arbustos com expressões vergonhosas, como se estivessem fazendo a marcha da vergonha, e, gentilmente, depositam os balões de água — ops!, de xixi — no chão.

— Quem vai ser o primeiro? — pergunta Alexandre, com uma expressão perversa.

Meninos sempre serão meninos.

— Acho que a Sam gostaria de fazer as honras — diz Daphne, pegando uma bexiga e me entregando. — Não nos desaponte. — Ela dá uma piscadela e sorri.

Sorrio de volta.

A bexiga é vermelha e me lembra um coração. O coração de uma garota inocente que acreditava em finais felizes. Um coração cheio, sem estragos. Levanto a bexiga. Pego impulso com o braço e a atiro na porta. O tiro é certo. Bate na porta e estoura, molhando tudo com xixi.

— E aí? — pergunto, olhando para trás. Todos me olham meio temerosos, como se eu fosse começar a chorar a qualquer minuto. Sorrio. Me sinto livre, agora mais do que nunca. Quem disse que jogar balões de mijo seria tão... *libertador*? — Quem é o próximo? — Ao dizer isso, todos se aproximam, pegam uma bexiga e começam a tacar. Pego outra e atiro também. A sensação é maravilhosa, ouvir o *splash* ao bater na casa, então... *Splash!* Adeus, dor! *Splash!* Adeus, memórias ruins! *Splash!* Adeus, medo! *Splash, splash, splash!*

Todos nós estamos rindo e comemorando a cada vez que um balão de mijo atinge a casa. Parecemos crianças brincando de guerrinha de água. A diferença é que estamos lidando com xixi, e não com água. E a outra diferença é que ninguém é mais criança.

Nós somos adolescentes, jovens desesperados para voltarem a ser crianças, onde a coisa mais complicada da vida era fazer a lição de matemática.

Se alguém me dissesse há uns dias que eu estaria jogando balões de xixi na casa do meu pai, eu riria eternamente da cara da pessoa. Mas acho que esse é um dos propósitos da vida: a surpresa. O não saber o que acontecerá no dia de amanhã.

O cheiro de urina se prolifera no ar, e isso parece ativar ainda mais os nossos risos. Alguns segundos depois, uma luz na casa de acende. Congelamos.

Ele acordou.

Mais luzes começam a se acender. Ele está vindo. Vai abrir a porta, chamar a polícia e vai me ver.

— Corre porque agora ferrou! — grita Gabe, e todos nós começamos a correr. Mas não tão rápido. Porque, ao olhar para trás, vejo que Marina tropeçou e ficou para trás. Volto para ajudá-la, bem no momento em que a porta da casa se abre, e a luz do jardim se acende.

E agora é tarde demais, penso.

Agora tudo está arruinado. Ela nunca mais vai me perdoar. Vai me odiar por isso. Arruinei outra vida. De novo. É tarde demais.

Marina a viu.

— Que diabos é isso? — grita uma mulher, por volta de seus quarenta e cinco anos, saindo de casa, acompanhada pelo meu pai.

— Samanta? — pergunta ele, semicerrando os olhos.

Ajudo Marina a se levantar.

E então ela olha para mim.

E para a mulher ao lado de meu pai.

— Mãe? — pergunta Marina.

CAPÍTULO 14

— Droga — murmura Laura, a mãe de Marina.

Meu Deus.

Inspira, expira, inspira, expira.

Má, má, má ideia.

Por que diabos este item tinha de estar na lista?

Ninguém ousa a falar nada. Claro, ninguém consegue entender o que está acontecendo aqui. Só eu. E Nat, talvez. Mas aposto que ela não sabe como isso foi acontecer.

— O que... — Marina tenta falar, mas deixa a frase no ar. Acho que ela já entendeu tudo. — Ai, meu Deus. Isso não está acontecendo.

— Marina, deixa eu te explicar, eu só estava... — Sua mãe está mais branca do que neve. Quase transparente. Não me surpreenderia se ela desmaiasse.

— O quê, mãe? Só estava entregando uma papelada do consultório às cinco da manhã? — Marina está começando a tremer.

As lágrimas caíam a qualquer momento, mesmo que ela tentasse conter. E como poderia? Como alguém, possivelmente, poderia não chorar numa situação como essa?

Ok, é melhor tentar consertar essa bagunça. E o melhor jeito de consertar essa é fugir.

— Marina, vir aqui foi um erro. Vamos pular este item e fazer outra coisa — digo, tentando puxá-la.

Ela nem se mexe.

— O que você fez com o seu cabelo? — pergunta a mãe dela, mesmo no escuro.

Ninguém responde, porque ninguém se importa.

Não numa hora dessas.

Olho para Daphne e Nat, pedindo ajuda. Daphne nem ao menos pisca. Nat não tem ideia do que fazer. E nem eu. Desvio o olhar para os meninos, e todos estão boquiabertos. Acho que nenhum deles esperava que o próximo item seria tão constrangedor e íntimo. Gabe é o mais tenso de todos. Ele sente algo por Marina, mas como ajudá-la nessa situação? Como a noite passou de dramas com garotos a drama com a mãe traindo o próprio pai? Meu Deus, como vamos sair dessa sem destruir a Mari? Sem destruir tudo o que ela pensou ser verdade? Quer dizer, eu já passei pela mesma coisa, só que não foi nada fácil. Quando esse tipo de coisa acontece com a sua família, uma parte de você se vai para sempre. E não volta. Aquela crença de príncipe encantado em um cavalo branco simplesmente acaba.

— Quem são estes garotos? Isso daqui é algum tipo de ataque? — pergunta meu pai, furioso como nunca. Bem, eu também ficaria se uma gangue jogasse balões com xixi em minha porta. — Samanta, o que você está tentando fazer? Você armou isso? Destruir a nossa família não foi o suficiente? Você tem de fazer isso com a família dos outros também?

É claro que ele acha que eu estou me vingando dele ou coisa do tipo, porque papai acredita que tudo gira ao seu redor. Bem, de certa forma, eu estou, sim, me vingando, mas com balões de xixi. Marina ficará pior do que eu quando flagrei o meu pai com a Moça do Xerox. Isso é mil vezes pior. Ela tem plateia. E o pior de tudo? Não é um "Homem do Xerox", é o pai de sua melhor amiga.

— E então, mocinha? — insiste ele.

Não consigo acreditar nas palavras do meu pai. Como ele pode achar que *eu* armei isso? Jesus, ele não pode estar falando sério!

Que tipo de amiga armaria isso?

Sabe, por mais que eu odeie pensar no assunto, há um tempo eu sempre me pegava imaginando como e quando reveria meu pai. Pensava que talvez pudéssemos voltar a nos falar, talvez almoçar algumas vezes na semana e viajar juntos. Tentar fazer essa relação dar certo. Sim, é claro que eu sinto falta dele. Mas já faz tanto tempo que não nos vemos. E acho que nem é tanto sobre o tempo. É mais sobre a mudança. Quem é ele agora? Quem são os seus amigos? E a mudança mais importante de todas: quem sou eu agora?

Obviamente, não sou a garota de anos atrás. Quero uma relação estável e bem resolvida com o meu pai, e não somente troca de e-mails ou ligações eventuais. Somos pai e filha. Então por que não agir como tal?

Verdade seja dita, meu pai não é uma das melhores pessoas, já que está tendo um caso com a Laura, mãe da Marina, mas enfim. Ele também não sabe nada sobre mim. Não sabe qual curso escolhi para prestar vestibular, não sabe que eu me apaixonei pelo meu melhor amigo, não sabe de nada que está acontecendo com a minha mãe. Não sabe quais são os meus sonhos, os meus medos, as minhas vontades. Deus, como um pai pode se transformar num completo estranho? Um pai que morou com você por quase quinze anos. Às vezes as pessoas se perdem. E às vezes não sabem como voltar a ser o que eram.

É triste, mas acontece.

Não abro a boca, ainda não estou pronta para ter este tipo de discussão com o meu pai. Marina o corta, voltando ao assunto em questão:

— Meu Deus, e quanto ao papai? Eu não consigo acreditar nisso!
— Agora Marina se rebela totalmente. Quem passa na rua ou a vê pela janela pensa que ela deve ser um tipo de louca que fugiu do hospício. Seu tom de voz aumentou, antes o que era incredulidade agora é raiva e tristeza. — Depois de tudo que você me ensinou

sobre os valores da família, depois de todo o papo de integridade! O que a sua preciosa sociedade diria disso?

— Marina, filha, tente entender isso, por favor. Seu pai e eu estávamos passando por alguns problemas, eu só...

— Só teve de fazer o quê? Ter um caso com o pai da minha melhor amiga? Você não pode estar falando sério. Essa é a sua desculpa? Deus, você tem sérios problemas, eu estou enojada por ser sua filha! — Todo o corpo dela treme de tanta raiva e de tantas palavras joradas ao vento. Palavras fortes, palavras que machucam. Verdades engasgadas por muito tempo e mentiras. Mentiras que, agora, destruirão a família de Marina para sempre.

Como se não fosse o bastante, Laura começa a chorar. Se é culpa, arrependimento ou vergonha, eu já não sei. Só sei que o negócio está feio. Caramba, os garotos devem pensar que somos loucas.

Com certeza eles estão pensando em dar o fora daqui o mais rápido possível. À primeira vista, para eles, essa noite — ou o final dela — parecia ser divertida, uma aventura cheia de diversão. Os meninos devem estar arrependidos demais de terem vindo até aqui. Eles não queriam drama. Garotos não gostam de drama. Eles fogem dele como o diabo foge da cruz. Meninos não conseguem aguentar uma garota que tenha muito drama em sua vida. Por isso eles preferem as inteiras, as sonsas e as superficiais. Sem problemas, sem drama. Simples assim.

Olho para eles, só para verificar se ainda estão aqui. Suspiro. Eles ainda não foram embora.

Ainda.

Será que sairão correndo?

— Laura, acho melhor a gente entrar. Marina obviamente está fora de controle, não é saudável que vocês discutam isso agora. E Samanta, pelo amor de Deus. Que tipo de pessoa faz isso com a própria amiga? — Vejo que Marina não se mexe, e presumo que ela não dirá mais nada. Ela apenas volta os olhos para baixo com um

olhar perdido. Sua boca está entreaberta, como se tentasse terminar de assimilar tudo que aconteceu.

Lembro-me de que meu pai acabou de falar algo e o encaro. Olho no olho. Os olhos de meu pai estão cegos. Cegos pelo que ele quer ver, pelo que ele jura piamente ser verdade. Mas não é. Trair as pessoas é a especialidade dele, não a minha.

— Então quer dizer que agora isso é *minha* culpa? — começo e não vou parar. Simplesmente não posso. Vou falar tudo o que eu sinto. Chega. Chega de mentiras, de palavras não ditas por medo, palavras deixadas ao vento. Não mais. — Não sou eu quem está com a mãe dela, para o seu governo. Desde o início você sabia quem a Laura era! Quer saber? Eu não vou aceitar essa porcaria de novo. Você pode ter feito com que eu me sentisse mal e culpada pelo que aconteceu no passado, mas agora chega. Algum dia Marina acabaria descobrindo, e a única pessoa que você pode culpar é você mesmo e a Laura. Então parem de agir como se nós fôssemos as crianças e precisássemos de lição. Vocês é quem são as crianças da história, quem deveriam ter crescido há muito tempo, mas que nunca o fizeram, destruindo tudo e deixando para nós a responsabilidade de limpar a bagunça. A verdade é que algumas pessoas nunca mudam, e adivinhem? Vocês são este tipo de pessoas, pessoas que ferraram com tudo, pessoas que jamais entenderão o valor do amor de um ser humano. Tenham um delicioso café da manhã e uma boa vida. Nós estamos indo.

A galera já começa a andar para longe, em direção ao lugar que Gabe deixou o carro estacionado. Marina fica parada, então faço sinal para que Gabe me ajude a puxá-la, e dessa vez — felizmente — ela não hesita.

Marina está entorpecida.

Nem pisca.

Meu pai e Laura entram em casa, e a rua agora está completamente vazia, escura e silenciosa. Se alguém passasse por aqui, nunca adivinharia todo o drama que acabou de acontecer.

Parece até contraditório que essa vizinhança seja tão pacífica e serena depois deste barraco, deste circo que pegou fogo e deixou todos intoxicados com a fumaça.

Todos caminham retraídos, ninguém ousa dizer uma palavra. É claro, nenhum de nós quer ser a causa do desmoronamento da Marina. Mas sabemos que isso é inevitável. A qualquer segundo ela começará a surtar, e ninguém saberá como lidar com isso, exceto eu.

Chegamos até o carro de Gabe e formamos um círculo em volta de Mari. Eu me coloco bem na frente dela. Daphne olha para mim e diz algo para mim. Consigo ler os seus lábios:

— Você sabia?

Chacoalho a cabeça de um jeito quase imperceptível. Ela arqueia a sobrancelha em surpresa.

Se eu sabia? É claro que sim. Venho escondendo essa sujeira toda há mais de um ano, desde que descobri tudo, absolutamente tudo.

Era uma terça-feira chuvosa e monótona de agosto. No dia seguinte, teria a prova mais ferrada da vida, ou seja, a de matemática financeira. Como eu não conseguia ter paz em casa para estudar, resolvi ir ao New York Cafe para me deliciar com um copo bem grande de cappuccino. Sendo assim, no momento em que cheguei, despejei os meus livros surrados em cima de uma mesa dentro do café, já que estava frio demais para permanecer do lado de fora.

Uma garçonete se aproximou e anotou o meu pedido. Enquanto eu tomava coragem para enterrar a cabeça em commodities e taxas de juros, observei uma mulher estranhamente familiar sentada à mesa dos fundos. Semicerrei os olhos e percebi que aquela mulher era Laura, mãe da Marina. Assim que a vi, me levantei e fui cumprimentá-la.

— Oi, tia! — Ela levantou os olhos, que antes estavam atentos em uma revista de medicina, e seu rosto ficou branco na hora.

— Ah... É... Olá, querida — Laura me cumprimentou timidamente, se levantando e me dando um abraço rígido. Será que aconteceu algo? Nunca a tinha visto tão nervosa. Ela sempre me pareceu o tipo de médica calma e controlada. Então qual era o problema?

— Tudo bem? — perguntei, sentando-me em uma das cadeiras que ficavam de costas para a porta de entrada. Uma lufada de ar me atingiu, então enrolei o meu cabelo em um coque e levantei o capuz de meu casaco. Segundos depois, ela se sentou também, olhando em volta e parecendo estranhamente nervosa.

— Tudo, e você?

— Tudo ótimo.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou.

— Ah, você sabe, só estudando um pouco. Em casa é... meio tenso — respondi, sorrindo simpaticamente. — E você? A Marina está aqui também?

— Não. — Ela abaixou a cabeça e encarou seu café intocado. — Eu vim...

— Amor, desculpe a demora... — Se antes o rosto de Laura estava branco, naquele momento ficou praticamente translúcido. Me virei para cumprimentar o sr. Paulo, mas, assim que coloquei os meus olhos no homem, vi que ele não era o pai da Marina.

O homem parado na minha frente com uma expressão chocada era o meu pai.

— Ah, meu Deus — soltei, me arrastando na cadeira e ficando de pé.

— Samanta? — perguntou meu pai.

Laura também se levantou.

— Sam, querida, era isso que eu tentava te explicar. Eu ia encontrar o seu pai aqui porque ele está defendendo um processo que eles colocaram no hospital e...

— Poupe-me, Laura. Posso ser adolescente, mas não sou idiota. *Amor?* Já entendi. Entendi tudo — vociferei. — Há quanto tempo? Há quanto tempo vocês mantêm essa palhaçada?

— Samanta, isso não é... — meu pai tentou dizer.

— Parem! — gritei. — Sem rodeios e sem mentiras. Há quanto tempo? — Meu sangue fervia tanto que eu pensei que ele fosse entrar em ebulição a qualquer momento. Primeiro ele traía a minha mãe com a moça do xerox, e agora com a mãe de uma das minhas melhores amigas? Ah, não. Era demais para suportar.

— Alguns meses... — Laura começou a se explicar. — Mas, olha, Sam, você tem de entender...

— Guarde suas explicações para alguém que se importe. Estou farta das palhaçadas deste homem. — Olhei na direção do meu pai com o pior olhar que eu poderia ter feito no momento. Caminhei até a minha mesa, juntei minhas coisas e fui até a porta.

— Por favor, Sam, não conte nada a ninguém — pediu meu pai, colocando a mão em meu ombro no momento em que eu abri a porta do café.

— Você jogou fora o direito de me pedir alguma coisa há muito tempo. — Tão logo eu disse isso, caminhei até ficar bem longe do café.

Liguei para Vicky na mesma hora, e ela veio me encontrar rapidamente na sempre tão pacífica praça do Japão, um de seus lugares favoritos. Me lembro exatamente de suas palavras:

— Eu não sei o que pode ter acontecido de tão ruim, Sam. Mas você precisa lidar com isso. Precisa contar a alguém, caso contrário isso irá te assombrar e te devorar lentamente.

Então resolvi contar a ela. Seus olhos estavam surpresos, em choque. Vicky jamais esperaria isso, assim como eu.

— Olha, eu não posso imaginar a dor que você está sentindo, a raiva, a mágoa que sente por seu pai e Laura. Tudo que posso dizer

é que sempre vou estar aqui com você, Samanta.

— Não, você está errada — praticamente sussurrei. — Eu não sinto nada disso. Eu sinto... um *vazio*. Um oco. Gostaria de estar com qualquer sentimento aqui dentro, porque assim eu poderia começar a lidar com isso. Mas como se lida com o nada? Com o vácuo? Como é possível se curar de uma coisa que nem está aí?

— Você está em negação — disse após algum tempo. — Nada daquilo que você venha a falar agora fará sentido.

Desvio o olhar para as belíssimas flores caídas no chão e tudo que consigo pensar é: para quê? Qual é o sentido de se plantar uma árvore, esperar o desabrochar das flores se no final das contas elas cairão e serão pisoteadas, até que se desintegrem por completo? E não é a mesma coisa quando se trata do casamento? As pessoas se conhecem, se apaixonam, casam, têm filhos... E depois desonram isso como se fosse nada, como se criar uma família e depois abandoná-la pela primeira pessoa que passa e lhe dá um sorriso fosse algo tão normal quanto respirar.

— É a mãe da Marina, Vicky. Com o meu pai. Como conseguirei sair dessa sem arrastar mais pessoas para essa confusão?

— Olhe, Sam... — Vicky pegou minha mão e continuou: — Posso não entender o que você está passando, mas sei algo sobre a vida: ela passa rápido *demais*. E tudo de ruim que você guarda, todas as pessoas que machuca, isso apenas contribui para que você se afaste de viver plenamente. Só não há solução para a morte. — Ela engoliu em seco. — Honestamente, eu não sei o que será daqui para frente, ou se cabe a você contar a verdade para Marina. Mas de uma coisa tenho certeza: eles terão o que merecem.

Semicerrei os olhos e a encarei. Do que ela estava falando? Estava tão fora de mim que não a indaguei sobre isso, e ainda a fiz prometer que a traição deles nunca viria à tona, mas acho que Vicky não conseguiu manter a sua palavra, afinal acabou aparecendo na lista.

Naquele dia, fiquei horas em meu quarto, deitada em minha cama e chorando enquanto pensava o que deveria fazer. E às vezes não fazer nada é o melhor a ser feito. Então foi isso que eu fiz — nada. Deixei que eles “lidassem” com essa situação e engoli a minha voz, a mastiguei e a digeri até ela não existir mais.

É claro que o meu pai e Laura tentaram falar comigo por semanas, implorando e implorando pelo meu silêncio, pela minha compreensão. Eu não queria saber de nada. Eles não mereciam nada além da minha indiferença.

Olhando para trás agora, sei que deveria tê-los obrigado a contar a verdade. “Conte isso à Marina ou eu conto”, era isso que eu deveria ter falado nas tantas vezes que Laura ligou para mim naquele mês, ou nos e-mails extremamente profissionais que meu pai me enviava, sempre com aquele “atenciosamente, Luís Calliari, advogado” no final do corpo de mensagem.

Mas a verdade era que eu não queria mais bagunça em minha vida. Já tinha o suficiente para um país de terceiro mundo, muito bem, obrigada. Mas, mesmo assim... Deveria ter falado algo, mas aquela garota? A garota que fui há alguns anos? Eu nem a reconheço mais. E não faço ideia de como me tornei a pessoa que sou hoje, nesta noite, neste momento.

Desvio o meu olhar para Nat em busca de ajuda, mas tudo que recebo dela, que também murmura quase imperceptivelmente, é:

— Lide com isso.

Estou prestes a falar algo, qualquer coisa, qualquer palavra que possa confortar Marina, entretanto, sou surpreendida. Ela levantou sua cabeça e agora me encara com olhos fulminantes, como se dissesse que eu havia pegado um martelo e destruído o seu mundinho cor-de-rosa.

“Isso não vai prestar”, é a última coisa que penso, antes de ser atingida por duas mãos.

— Como você pôde? — Levanto a minha cabeça e vejo que o rosto de Marina está em chamas. Suas lágrimas caem furiosa e descontroladamente.

A surpresa me fez perder o equilíbrio, cambalear e cair com tudo no chão. A grama fofa torna o impacto da queda menor, mas isso não quer dizer que não doeu. O osso da minha bunda começa a latejar na mesma hora. Com certeza ficará roxa. Daphne está com as mãos na boca, de tão chocada, e Nat fica boquiaberta.

— Calma aí, Marina. — Gabriel entra no espaço que há entre nós duas.

— Vem — diz Rodrigo, me oferecendo a sua mão. Aceito e levanto.

Por Deus, como é possível que estes garotos ainda estejam aqui?

Caio e Alex cochicham alguma coisa com Daphne. Devem estar perguntando se devem interferir. Daphne apenas nega com a cabeça. Ela não ousa perder nem um segundo do momento.

Fico em pé e limpo o meu shorts jeans.

— Gabriel, obrigada, mas é melhor você ficar fora disso antes que ela desconte em você também — digo, puxando-o para o lado. Gabe não fala nada, só me dá licença.

— A “ela” está bem aqui, Samanta. Não sou surda, certo? E não aja como se eu fosse louca e descontrolada.

— Eu sei, só estou tentando...

— Tentando o quê? Me proteger? Me proteger da verdade? Meu Deus, como você pôde? É a minha mãe lá dentro!

— E é o meu pai lá dentro!

— Mas não é como se você tivesse uma família para se importar!
— grita, enfurecida.

Acho que isso doeu mais do que o empurrão.

— É, não tenho mais família, porque contei para a minha mãe, achando que isso salvaria a nossa família! Adivinhe, isso não deu muito certo! Eu estava tentando te ajudar!

— Ajudar? Uau, veja como isso funcionou! Não, você só estava arruinando a MINHA vida! Não me deixando tomar as minhas próprias decisões! Minha nossa, essa é a pior noite da minha vida! Eu pensei que você fosse minha amiga.

— Eu *sou* sua amiga! — vocifero.

— Não — diz ela, em seguida chacoalha a cabeça. — Você é só uma garota egoísta e destruída por causa dos pais. Só porque você não conseguiu lidar com o seu pai, você também não queria que eu resolvesse as coisas com a minha família. Você é uma invejosa! Não posso nem sequer acreditar que a Vicky cogitou a ideia de ser sua amiga. Péssima escolha. E, obviamente, essa noite foi uma grande porcaria e uma enorme perda de tempo!

— Ei, ei, ei. Espera aí! Marina, entendo você estar com muita raiva e sofrendo agora, mas isso não lhe dá o direito de falar sobre essa noite, só porque as coisas não estão dando certo para você. Você não faz ideia de quanto tempo e esforço a Vicky colocou nisso! — interfere Nat na discussão.

— Ah, é claro, é muito fácil para você falar! Nenhum segredo seu foi revelado, você nem sofreu! E você é tão culpada quanto a Sam! Essa droga estava no item, não estava? Então você também sabia! Sabia há muito tempo e nem teve a decência de me contar. Meu Deus, eu mal posso olhar para vocês duas. Eu sinto nojo. Toda vez que olho para vocês a imagem da minha mãe aparece!

Nat dá uma risada sarcástica e rebate:

— Você não pode estar falando sério! Olha o que você fez com o meu irmão! Eu prometi a Vicky que não reclamaria, nem surtaria quando descobrisse algo assim, mas não tô nem aí! Quem é você para falar de verdade e amizade se nunca me contou que estava apaixonada pelo meu irmão? — indaga. — Quer saber, eu me cansei

de vocês três reclamando a noite inteira no meu ouvido. Chega! Eu não aguento mais ver estes segredos e não poder fazer nada sobre isso!

— Eu não contei sobre o Gabe porque sabia que você não iria entender! Só repito: estou com nojo de vocês! — grita Marina, seus olhos estão em fogo. Nunca, em minha vida toda, a vi tão zangada e fora de si quanto agora.

— Nojo, Marina? Você é uma ingrata, sabia? Eu não te contei porque sabia que isso ia te destruir, você não vê isso? — grito. — Eu estava tentando fazer com que você aproveitasse os últimos momentos felizes com a sua família inteira! Do que eu teria inveja? De uma garota que obedece cegamente aos pais e nunca levanta a voz? De alguém que é um robô perfeitamente programado? Acho que não.

— Olha, gente, eu realmente não queria me intrometer, mas olhem para vocês! Parecem umas garotinhas de catorze anos brigando! Nat, pare de reclamar! A sua tarefa foi a mais fácil de todas! Até agora não vi você cumprir nem um desafio sequer, então você não pode ficar brava com a gente por reclamar! — Daph, por fim, também entra na briga. Estava demorando. — E Samanta, por Deus! Logo você, que odeia mentiras. Como você pôde não contar a verdade para Marina logo que descobriu? Você pirou de vez? Marina, entendo que você está brava, mas não desconte isso em todo mundo. É com a sua mãe que você está realmente zangada e magoada. Agora, pessoal, podemos ser mais maduras e seguirmos para o próximo desafio?

— Até você, Daphne? — indaga Marina, lágrimas pesadas e cheias de sentimentos rolando por sua face. — Eu não estou descontando em todo mundo! Eu só quis a verdade, e tudo que me deram foi a mentira! Você não tem o direito de julgar todo mundo, sabia? Lá vai a destemida Daphne, que fala o que pensa sem papas na língua. A Daphne, que fala as coisas na sua cara, mesmo que te magoe. A grande *cretina* Daphne, que faz todos os garotos se apaixonarem

por ela só para suprir a porcaria de um vazio idiota! A guerreira Daphne, viciada em quebrar corações!

— Cretina? — Daphne começa a gritar, partindo para cima dela.

Gabe a impede, bem a tempo de Marina dizer:

— Quer saber? Cansei. Cansei de todas vocês. Eu não posso mais fazer isso. — Ela entra no carro e arrasta Gabriel junto com ela.

Eles estão indo embora.

— E eu também não aguento mais ouvir vocês brigando e reclamando dos itens da lista. Não é fácil para mim saber tudo de todos e não poder fazer nada sobre isso! — Nat sai correndo em qualquer direção.

Não consigo nem respirar mais. Tudo acabou. Novamente, eu fui a culpada por destruir uma família, dessa vez sendo a família de uma das minhas melhores amigas. Qual é o problema comigo, Deus?

Parece que cometer erros se tornou a única coisa que eu faço certo na vida. Erros, erros, erros, más escolhas, más escolhas, más escolhas... Que desastre. Dezesete anos e um desastre. Então, sem saber mais o que fazer, começo a correr. Isso mesmo. Fujo do garoto que salvou a minha noite. Fujo das minhas amigas. Corro para fugir deles, de todos eles. E corro para fugir de mim mesma e da grande bagunça que me tornei.

:) :(:0 :P

Não podemos evitar. É natural do ser humano fugir quando tudo desmorona, quando tudo dá errado. Quando ficar e lidar com a situação não é possível, então o que nos resta? Às vezes a única maneira de simbolicamente não morrer é fugindo.

Não sei exatamente quando paro de correr. Só sei que caio de joelhos em uma rua qualquer e começo a chorar como uma retardada que tem sérios problemas emocionais. Choro por um bom tempo, até me dar conta de que estou sozinha. Sozinha no meio da

rua, sozinha na vida. Na porcaria de um bairro no meio do nada. Começo a chorar ainda mais, porque o medo voltou e a coragem se foi. Neste exato momento, essa noite parece como um círculo. Acabei pior do que entrei. Pelo menos quando a noite começou eu ainda tinha amigas. E agora não tenho mais ninguém. *Muito obrigada, Vicky! Veja a bagunça que você fez conosco!*

Então, sem pensar duas vezes, pego o meu celular e ignoro a bile que sobe em minha garganta.

— Sei que já passam das cinco da manhã e que eu arruinei tudo, mas será que você poderia vir me buscar?

CAPÍTULO 15

— Não consigo me lembrar de uma noite que tenha sido tão ruim quanto essa. Quer dizer... só queria ser corajosa. Só queria, por uma noite, me sentir mágica e invencível, entende? Queria conseguir meu final feliz, mesmo que só durasse por algumas horas. E o pior de tudo: eu consegui, mas arruinei tudo, então não sei se isso faz alguma diferença. Só sei que estou cansada. São quase seis horas da manhã e eu estou cansada. Extremamente exausta. Cansada de mim mesma. Só quero sair do meu corpo. Sair de mim mesma, nem que seja por alguns minutos. Por que... *isso?* Isso tudo aqui fora? Não é real. Não pode ser. A vida deveria ser mais do que essa confusão toda. As pessoas não merecem se ferrar toda vez que colocam o pé para fora de casa. As pessoas não deveriam voltar para casa se sentindo vazias, se sentindo como lixo. A vida tem de ser mais do que isso. Porque se for só isso... Então não vai valer a pena, sabe? Não vai valer a pena passar por tanto sofrimento.

— A vida é mais do que isso, Sam.

— Como você sabe? Quer dizer, como você pode ter tanta certeza? Você só tem dezessete anos.

— E como você, Samanta Calliari, pode ter tanta certeza de que não vale a pena? Afinal, *você* só tem dezessete anos.

Olho para ele e sinto raiva. Raiva, sim. Como ele consegue fazer isso, caramba? Como ele consegue sempre desmontar os meus argumentos?

Dou de ombros e limpo as minhas lágrimas. Cansei. Gostaria de ir para casa e fingir que nada disso aconteceu. Mas não dá. Quero esquecer, e por querer tanto, sei que nunca conseguirei. A gente nunca esquece, não é mesmo? A gente só finge.

— Mas, afinal, por que você foi fazer uma coisa dessas, hein, Sam? Isso não é você. Ficar bêbada e sair por aí fazendo loucuras por causa de uma lista idiota.

— Eu não sei... Só pensei que fosse uma boa ideia, sabe? Não ser eu por uma noite. Mas não dá para fugir de si mesmo, porque isso sempre acaba te alcançando, uma hora ou outra. — Dou de ombros.

Sinto mais raiva ainda, porque sei, lá no fundo, que ele não entende meus motivos. Sinto que ele nunca precisou fugir de si mesmo para não enlouquecer. Não em sua vidinha perfeita. Não com as suas exatidões sempre corretas. Com a sua família perfeita, jogos perfeitos, namorada *perfeita*.

— E por que você me ligou? — pergunta Gustavo sem ao menos tecer algum comentário sobre o que eu acabo de dizer.

Eu desvio o olhar.

— Pelo mesmo motivo pelo qual você veio na mesma hora — respondo.

Estamos deitados um ao lado do outro nas espreguiçadeiras que ficam à beira da piscina de seu prédio. A água faz reflexo em nossas pernas e, por um segundo, penso que essa seria a cena mais romântica de toda a vida, se não fôssemos *só* amigos, como Gustavo já deixou bem claro no Mustang.

A pergunta dele é uma das boas. Por que, entre todas as pessoas, eu tive de ligar justo pra ele? “Porque ele era o único que não estava participando da noite”, respondo a mim mesma instantaneamente, mas sei que não é a verdade. Liguei para o Gustavo porque eu *queria*. Porque, naquele exato momento, ele era tudo o que eu precisava.

— Que é...? — indaga.

Mas eu não vou dar o gostinho, não agora. Dessa vez não serei a garota que chora ao se declarar, nem a melhor amiga apaixonada. Neste exato momento, só quero alguém ao meu lado que me diga que tudo ficará bem.

Porque às vezes isso é tudo o que a gente precisa.

— Porque nós somos amigos, Gustavo. É por isso que eu te liguei — digo isso olhando nos olhos dele e vejo um rápido desapontamento passar em seus olhos. Quero que Gustavo grite, que diga que eu estou mentindo e que sabe que liguei para ele por causa de outros motivos. Mas Gustavo é um robô, nunca sente nada e, se sente, nunca diz, então se limita a sorrir e diz:

— Que bom que somos amigos depois do que aconteceu hoje. Quer dizer...

— Não diga nada — falo. — Só quero... Sei lá... Não fale sobre o que aconteceu. Nunca mais.

Ficamos em silêncio por alguns minutos. Assim que eu telefonei para Gustavo, ele rapidamente desligou a ligação com um simples "estou indo, me passe o endereço por mensagem". Vinte minutos depois, ele chegou dirigindo o carro de seu irmão mais velho. E, mesmo que seja ilegal dirigir sem carteira e tudo mais, eu nem me importei, só me joguei no banco ao lado dele e não falei nada durante o caminho todo. Só chorei e soluzei como um bebê indefeso. E Gustavo nem me perguntou nada, ele apenas me deixou chorar. Mesmo que tivesse perguntado algo, eu não creio que teria condições de responder.

E é por isso que estamos aqui, deitados à beira da piscina do prédio dele. Porque, de algum modo, este filho da mãe sabe que piscinas me acalmam. Porque, de algum modo, este filho da mãe sabe que eu ainda não estou pronta para ir para casa.

Se as meninas me vissem agora... Essa era uma possibilidade que eu nem queria cogitar. "Que vergonha, hein, Samanta!", seria o que Nat diria. "Depois de tudo que ele fez, você vai correndo pra ele como um cachorrinho? Que tipo de imbecil você é?" , gritaria Daphne, balançando o seu cabelo perfeito e me olhando com aquele olhar gelado dela. E Marina... Deus que me perdoe pensar nela neste exato momento.

Fecho os olhos e respiro fundo.

Gustavo, abruptamente, pega em minha mão e começa a afagá-la. Eu congelo na hora. Que diabos é isso? Melhores amigos não ficam afagando mãos. Ah, Deus... Ele está jogando de novo, não está? Está fazendo com que eu abaixe minha guarda e o deixe entrar novamente... E Gustavo conseguirá se eu continuar com isso. Porque é isso que ele faz, certo? Tenta me arrastar novamente nessa maré que só irá me afogar. E, nesse caso, ele é a única pessoa que tem a boia que pode me salvar do afogamento. Ironicamente, ao mesmo tempo, Gustavo é a água do mar que entra em meus pulmões e me tira o ar.

Ele me afoga e me salva.

Coitadinho dele, já é tarde demais.

Coitadinha de mim, já é tarde demais.

— Você tem uma mão macia, sabia disso? — Abro os olhos.

Ele leva a minha mão até seu rosto e começa a afagá-la contra suas bochechas.

A frase me choca e me faz acordar. Quer dizer... Não é possível que ele tenha dito isso. Não a mesma coisa que Rodrigo disse. Que diabos eu estou fazendo? Por que liguei para ele? Por que estou me contentando com migalhas? Eu não sou uma pessoa de migalhas. Pelo menos, não mais. Quero coisas absolutas. Não quero o copo meio cheio ou meio vazio. Quero-o transbordando.

Não quero ser a melhor amiga dele quando estou sóbria e a garota apaixonada quando bêbada.

Chega.

É por isso que coisas ruins continuam acontecendo comigo. Porque tudo que venho aceitando são coisas ruins. Não quero mais isso para mim. Eu mereço mais. Mereço um garoto que diga "você tem uma mão macia"? Mereço. Mas só se este garoto for solteiro, não um egoísta e covarde de uma figa.

Tiro a minha mão do rosto dele e me levanto.

— Qual é o problema com essas meninas hoje em dia? Por um acaso elas trabalham na lavoura e têm calos nas mãos? — grito.

— O quê? — pergunta Gustavo, atordoado, e se levanta também.

— Você me entendeu bem. Sua namorada, por acaso, tem a mão macia? — pergunto.

Ele franze o cenho e se aproxima de mim. O reflexo da água bate em seu rosto, tornando-o mais lívido. Seus olhos, antes tão hipnotizadores, agora me parecem monstruosos.

Olhos de um mentiroso.

— Sam... De novo com esse papo? — pergunta.

— Ah, meu Deus, o que eu estou fazendo aqui? — indago, mais para mim mesma do que para qualquer outra pessoa. — Ela tem mãos macias ou não? — repito.

— Não. Não como as suas — diz ele após um momento que me parece eterno, pegando em minha mão novamente. — Ela não é como você. Eu... eu não posso te perder, Sam. Por favor, entenda isso. Não torne as coisas mais difíceis do que elas são. Aceite o fato de que...

— De que você é um covarde? De que sua namorada tem calos nas mãos e que mesmo assim você continua com ela?

— Meu Deus! São seis horas da manhã e você realmente está falando sobre os calos nas mãos da minha namorada?

Chacoalho a cabeça e rio ironicamente.

— Já sei por que ela tem calos. É de tanto fazer serviço para outros garotos, se é que me entende! Mas o que poderíamos esperar dela, certo?

Gustavo não diz nada, só me olha com a expressão incrédula, mexendo a cabeça em forma negativa. Talvez seja o efeito do álcool tardio, ou sei lá, talvez eu só queira ser louca e desequilibrada por

alguns segundos. Estou estragando tudo de novo, só que, dessa vez, isso me parece certo. Nunca deveria ter ligado para ele. Gustavo não é o cara, nunca foi e nunca será. Se Rodrigo é o cara certo? Só há um jeito de descobrir. A noite não acabou, o que só pode significar uma coisa: ainda há esperança.

— Quer saber? Já estou vendo que isso não vai dar certo. Você é um boneco de lata. Vazio e gelado. E eu não vou ficar aqui para ser congelada de novo.

— Mas que papo é esse, Samanta? Pensei que tudo estava bem entre nós.

— É, eu também pensei. Até me lembrar de que você é um egoísta e um covarde.

— Covarde? — retruca ele. — Eu não fiz nada além de dizer que não queria você *daquela* forma! E só por isso você me acusa de covarde? Por que não fiz o que você esperava que eu fizesse? Me desculpe, Samanta, mas a única egoísta aqui é você.

Se antes meu sangue fervia, agora ele já evaporou. Franzo o cenho e conto até dez.

— Não, Gustavo — respondo. — Você é covarde porque sabe que aí fora — aponto para o mundo em nossa volta — há coisa melhor e, mesmo assim, não luta para conseguir o melhor e guarda todos esses sentimentos para você mesmo. Você é covarde porque finge o tempo todo não sentir nada. É covarde porque é cômodo, porque está em uma relação que não te faz sentir vivo, só porque tem medo de ficar sozinho. Mas isso você nunca vai entender, vai? Eu nunca te deixaria sozinho. Nunca. Só que você fez isso comigo lá no Mustang, e essa atitude já disse muito sobre você. E, por fim, você é covarde porque não é quem deveria ser. Porque guarda esse garoto sensível e maravilhoso a sete palmos abaixo de seu coração, só por que tem medo de que destruam ele. Quer saber? Eu não vou poder esperar você ficar corajoso, e eu não vou poder esperar pelo seu melhor. Porque enquanto você tem medo, há gente corajosa querendo dar o melhor de si para o mundo. E eu sou uma dessas pessoas.

— Você é *inacreditável* — comenta ele incrédulo.

— Eu sei que sou.

Gustavo respira fundo e diz:

— Vamos esquecer tudo isso! Sério, Sam, que palhaçada. Vou desconsiderar tudo porque você bebeu, tá? Tudo vai ficar bem.

— Não. Nada vai ficar bem. Não sei mais como ser *só* sua amiga. E eu não posso continuar aceitando as suas migalhas enquanto sua namorada fica com o pão inteiro. Não podemos mais ser amigos.

— Mas eu larguei tudo! Larguei tudo para te buscar e é isso que você diz para mim?

— Você não largou a coisa que mais importava, Gustavo.

Começo andar em direção à portaria do prédio me sentindo estranhamente livre. Nunca pensei que terminar uma amizade fosse assim. Mas isso se deve ao fato de que talvez isso que eu tenha com o Gustavo já não seja mais amizade. Porque quando você começa a nutrir sentimentos pelo seu melhor amigo, a outrora amizade fica fadada à mutação. Ou ela se transforma em uma relação ou se transforma em um final. Fechem as cortinas, então. Porque esse filme em preto e branco acabou. E a princesa não ficou com o príncipe, nem subiu em seu cavalo branco. Essa princesa foi embora, porque sabia — *queria* acreditar — que havia algo melhor lá fora. E, além do mais, o príncipe não veio atrás dela, nem disse nada.

E isso já diz tudo.

CAPÍTULO 16

Abro a porta. Saio do táxi. Ainda poderei consertar as coisas? Será que as meninas vão voltar?

Uma luz um tanto fraca, devido ao horário, atinge os meus olhos. Olho na direção dela e sorrio. Meu Deus do céu, está amanhecendo. O sol está nascendo e, ao seu redor, há vários tons pincelados de rosa, laranja e amarelo.

O tom do céu ainda não é totalmente azul-claro, no entanto, isso é bom, porque ainda consigo ver o brilho de uma estrela. Uma única estrela. Sorrio por poder ter a chance de vê-la, mas logo o sorriso se desfaz, porque sei que daqui a alguns minutos ela desaparecerá por causa da claridade. E aí ninguém mais poderá vê-la. A sua aventura está chegando ao fim.

Assim como a minha.

O dia já não é mais noite, mas a noite ainda não é dia. A manhã chega com uma brisa fresca e esperançosa. Bem, não tão esperançosa assim, porque o sol — hoje — é sinal de que a jornada acabou. De que a noite já foi embora. De que todas as coisas serão varridas e substituídas por outras memórias.

— Meu Deus, ainda bem que você me atendeu — digo, logo depois de sair do táxi. Daphne está me esperando com os braços cruzados. Seu rosto está meio vermelho, o que indica que ela esteve chorando. — Eu me sinto tão mal. Essa noite era sobre a nossa amizade, e eu estraguei tudo.

— Bom, você não foi a única que estragou tudo. Acho que todo mundo teve de surtar em algum momento. — Daphne caminha em direção à praça do Japão e eu a sigo. Um silêncio momentâneo paira no ar, como se ela estivesse pensando no que dizer. Daph volta a falar. — Aconteceram muitas coisas nessa noite. Muitas emoções,

muitas aventuras, muitos dramas e sentimentos à flor da pele. Isso tinha de explodir alguma hora. Só não esperava que fosse daquela maneira, mas enfim.

Olho à minha volta e fico surpresa por estar aqui. Caramba, nunca tinha parado para visitar este lugar. Sempre com pressa e correndo de alguma coisa, nunca tinha pensado em vir aqui. A praça chega a ocupar um quarteirão inteiro, e fica bem no centro do cruzamento entre três ruas. Possui um gramado incrível num tom verde supervivo. Entre os diferentes gramados há algumas passarelas para que as pessoas possam caminhar, correr, andar de patins etc.

Na praça também há árvores de cerejeiras que, como aprendi na escola, tinham sido trazidas diretamente do Japão. As rosas foram as que mais chamaram a minha atenção. Que lugar incrível. Na borda dos gramados há bancos e fontes com águas límpidas. Fico calma só de pisar neste lugar.

Paro de me distrair e acompanho Daphne até um dos banquinhos. Nos sentamos e continuo a conversa.

— É, acho que uma hora ou outra os segredos sempre vêm à tona. É impossível tentar fugir deles. Eles sempre nos acham.

— É inútil tentar esconder algo do quarteto. Acho que todas nós já nos demos conta disso. Isso que nós temos é uma coisa tão rara, tão mágica e especial. Acho que todo mundo ficou com medo do que as outras pensariam sobre estes segredos — comenta ela.

— Quer saber? — indago. — Esse foi o meu erro, Daph. Achar que o segredo estaria a salvo. Não sei se a Marina conseguirá me perdoar. Acho que nem eu mesma me perdoaria. Só queria que ela entendesse. Quer dizer, *eu* fui a pessoa que contei à minha mãe. Se eu tivesse ficado de boca calada, nada daquilo teria acontecido. Minha mãe descobriria de outra maneira e não me culparia pelo divórcio. Muitas lágrimas seriam evitadas. Mas não. Eu contei a ela e levei a culpa. Porque, de alguma forma, o mensageiro *sempre* leva a culpa. Você não tem ideia de quantas vezes eu fui dormir implorando para que eu tivesse outra chance de mudar as coisas. — Dou um

riso sarcástico e balanço a cabeça. — É, cuidado com o que você deseja. Eu só não queria que a Marina fizesse a mesma coisa que a minha mãe fez. Da minha mãe eu até poderia aguentar, porque já estava acostumada. Mas da Marina? Uma das minhas melhores amigas? Não, isso eu não poderia. E se ela me culpasse também? Não contei a ela por medo, também. Medo de destruir a única coisa boa que tinha em minha vida. Destruir o nosso elo e acabar abalando o grupo todo.

— Eu nunca faria o que a sua mãe fez com você — ouço uma voz dizer atrás de mim. Não pode ser. Daphne e eu olhamos para trás. E então a vejo. Sua expressão é dura, mas não está furiosa e atirando fogo como antes.

— Marina, você voltou! — falo, surpresa.

Ela dá de ombros e se aproxima sem dizer mais nada. O silêncio me deixa surda. Preciso consertar isso antes que seja tarde demais.

Então, respirando fundo, pergunto:

— Você me odeia?

— É claro que não te odeio, Samanta — afirma ela, fazendo uma longa pausa. Penso que Marina não voltará a abrir a boca, e penso em falar mais alguma coisa. No entanto, quando abro a minha boca, ela continua: — Só fiquei decepcionada. Porque sempre pensei em você como alguém que nunca me machucaria, ou esconderia algo tão sério de mim. Você é minha amiga, mas você realmente pisou na bola dessa vez.

— Eu só... pensei que estava fazendo a melhor coisa para todo mundo. Mas a decisão era sua. Sempre foi e sempre será — admito, com certa dificuldade. Porque, vamos concordar, não é nada fácil admitir que você cometeu um erro.

Daphne me encara com seus grandes olhos verdes. Bem, pelo menos eu tenho a ela se a Marina nunca mais me perdoar.

Mari cruza os braços e fecha os olhos, como se o que fosse dizer a seguir fosse muito difícil.

— Eu escutei a conversa de vocês. Por mais que eu odeie admitir, acho que te entendo. Em parte, é claro. Quer dizer, é a minha mãe lá. Mas também é o *seu* pai. E, meu Deus, passar por isso sozinha? Sem contar a ninguém? Você deve ter morrido. E, como se não bastasse, tinha todo o drama com a sua mãe. Eu tinha uma família inteira, pelo menos. Bem, mesmo que tenha sido uma utopia. Mas foi uma utopia que me manteve feliz.

— Vou me intrometer, de novo — diz Daphne olhando para nós duas. Ela respira fundo e continua: — Eu sei, vocês erraram. Todas erramos. Eu errei. E já que estamos no momento de desculpas... Eu preciso mudar este jeito de me comportar. Quero dizer, sou muito franca e direta. E isso acaba irritando as pessoas. Só não esperava que fosse irritar logo vocês.

— É que eu não entendo, sabe? Não entendo como você pode conseguir não sentir nada. Ter este coração de pedra, este jeito rebelde e livre de viver — confessa Marina. Posso dizer que ela tirou as palavras da minha boca. Também quero saber como Daphne consegue. Como ela consegue ser tão forte e impulsiva.

— Ora, ora, ora. Veja se não são as meninas que se odiavam há uma hora. Não vão me convidar para a reunião? — Uma quarta garota se junta ao nosso círculo. Nat, Nat, Nat. Sempre um passo à frente de todas nós. Todas nos olhamos e soltamos uma risada. Essa menina é impressionante.

— Você chegou bem a tempo, Nat. Eu vou contar. Decidi que, se vamos continuar com isso, tenho de falar a verdade. Não posso mais esconder, isso está me sufocando — afirma Daphne, depois da crise de riso. Muitas palavras ainda precisam ser ditas antes que tudo possa voltar ao normal.

Olho para Marina e Nat. Sobre o que Daphne está falando? Então ela também tem um segredo? Que tipo de garotas somos nós, meu Deus? Tantos segredos socados lá no fundo, para que ninguém descubra. O que me leva a pensar: se nós não tivéssemos aceitado essa jornada hoje, estes segredos seriam revelados? Brigaríamos e

descobriríamos tudo de todas? Provavelmente não. Até que poderíamos chegar a descobrir algum segredo ou outro, mas não todos de uma vez. E, certamente, não desse jeito.

— Vá em frente, Daph. Nós estamos aqui com você — diz Nat. É claro que ela sabe o que Daphne esconde. Está na lista.

— Por toda a minha vida eu tentei ser forte. Não chorar nunca, nunca, nunca. Essa foi a minha regra. E, bem, às vezes a gente não consegue ser forte o tempo todo. Por isso, eu tive de fingir e criar esse estereótipo de garota que não sente, não se importa e faz tudo que vem à cabeça. Só que, mal sabia eu, isso acabou me machucando mais ainda. Fingir que se está bem dói mais do que simplesmente sentir. Porque no momento em que abraçamos a dor e a aceitamos, por si só, essa ação já arrefece um pouco a dor. Mas quando você luta contra ela? Quando você resiste? Bem, aí já é diferente. — Ela suspira e continua: — Só que, em toda a minha vida, eu senti que não podia ficar triste. Que não poderia ousar sentir algo ruim. Eu não tinha esse direito, afinal, sempre tive de ser agradecida por tudo que tive em minha vida. Eu tive sorte. O que aconteceu comigo é uma coisa muito rara de acontecer com as outras crianças.

— Fingir? Por quê? — pergunto.

— Bom, não precisava fingir o tempo todo, só em casa. Mas eu não queria ficar vulnerável de jeito nenhum. Então comecei a agir assim na escola. Acabei me acostumando e o meu fingimento quase se tornou quem eu realmente era.

— Por que você precisava fingir o tempo todo, Daph? O que isso quer dizer? — pergunto novamente, cheia de dúvidas.

— Porque eu tenho uma família incrível. E tenho de ser grata a eles — Daphne dá um longo suspiro, faz uma pausa e continua: — Eu finjo, porque sou adotada. E se meus pais me vissem chorando? Chorando por algum garoto, por alguma briga? Meu Deus, eles fizeram um favor quando me tiraram daquele abrigo para crianças. Me adotaram naquela noite fria de setembro. Na primeira noite na

casa deles eu fiz uma promessa. Eu me comportaria como uma verdadeira dama. Nunca choraria e nunca faria manha. Sempre os obedeceria. Só pedi em troca que a minha família nova me amasse. Que me amasse e fosse boa. E eles me amam e são bons comigo.

— Então quem são seus pais? — pergunta Marina.

— Só Deus sabe. E eu nem quero saber. Estou feliz com a minha família, não preciso de drama — confessa ela.

— Daphne, por que nunca nos contou isso antes? — perguntei, segurando a mão dela.

— Por medo. — Quando ela diz isso, nós ficamos surpresas. Daphne com medo? E então eu percebo: Mas é claro. É impossível que exista alguém que não sinta medo. — Medo de ser diferente. Medo de ter nascido de alguém que eu nem conheço. Medo de que vocês não me vissem mais da mesma maneira. Medo de não ser aceita.

— Daphne, diferente é bom. Diferente é... *diferente*. Eu tenho pena das pessoas que querem ser normais. Passar por essa vida e ser só mais um na multidão? Acho que não, obrigada — digo, confiante. — Nós te amamos como uma irmã. Ser adotada não é nenhuma vergonha. Pelo contrário, é uma vitória imensa. Você tem sorte por ter sido acolhida por pais tão legais e amorosos. E, agora que sei disso, te amo mais ainda. Te amo por ser assim do *seu* jeito.

— Concordo com a Samanta, Daph. Você é única e nada do que nos conte fará com que o nosso amor desapareça. Você é muito corajosa por ter feito essa promessa logo quando criança. Acho que você sempre teve mais maturidade do que qualquer uma de nós.

— É, a vida me fez ficar assim. Mas não estou reclamando, entende? Sou muito grata por ter os meus pais. Eu só queria que eles nunca se arrependessem de ter me adotado. E acho que consegui nunca dar motivo para que eles sentissem isso.

— Daphne, eles te amam do jeito que você é. Vamos lá, você é um ser humano e precisa ter emoções. Tenho certeza de que se

você for um pouco mais vulnerável e se permitir sentir, até mesmo tristeza, eles estarão lá por você. E ainda te ajudarão a passar por qualquer situação difícil — afirma Nat, dando um abraço em Daphne.

Agora tudo se encaixou, finalmente. Agora sabemos o porquê de Daph ser do jeito que é. E a razão de ela sempre se fazer parecer destemida e rebelde.

Mesmo assim, não posso evitar me sentir um pouco chocada. Isso não passou pela minha cabeça. Nunca mesmo, nem em um milhão de anos. E isso de adoção sempre me pareceu algo distante, que só acontece em filmes ou livros. É distante até o momento que acontece com você ou com alguém próximo a você. Como ela nunca nos contou isso? Quer dizer... Deus do céu. Se eu guardasse um segredo assim...

Epa!, eu guardei um segredo tenso, assim como ela. Mas, afinal, alguns segredos são revelados, não importa quanto tempo passe. Há coisas que são feitas para serem descobertas.

— Então... é isso. — Daphne se desprende do abraço e nos encara. — Agora vocês sabem. Toda a verdade.

— Estou feliz em saber que tudo foi resolvido. Pelo menos isso — diz Marina. — O tenso foi ter de brigar para que chegássemos a esse ponto.

— Somos amigas há muito tempo e acho que uma hora ou outra acabaria em briga — digo.

Uma vez um professor me disse que a gente tem de tomar cuidado com o amigo que sempre concorda conosco. "Cuidado com aquela pessoa que diz sim para tudo que você diz. Sempre desconfie daquele que só passa a mão em sua cabeça." Acho que amigos de verdade são aqueles que jogam a real para você, ainda que doa. São aqueles que brigam com você, às vezes. Isso é um bom sinal. Brigar, sabe? Quer dizer que ainda há alguém que se importe.

— Pessoal, odeio estragar este momento, mas ainda temos uma coisa para descobrir, certo, Nat? — questiono, cruzando os braços. Está na vez de ela confessar tudo o que sabe.

Ela respira fundo e confessa:

— Vicky sabia que isso ia acontecer. Por isso, tive de partir. Todo mundo precisava de um tempo para organizar as ideias. Eu sabia que todos iam voltar. E é óbvio que eu tenho segredos também, gente. Se eu estivesse no lugar de vocês, também reclamaria. Sei que vocês não entendem muito bem como tudo isso foi acontecer. Então acho que chegou a hora. É melhor vocês se sentarem, porque a história é longa — diz Nat, sua voz decidida. Então ela começa: — Eu fui a primeira de nós a saber que Vicky estava doente, porque ela mesma que me contou. No momento em que eu ouvi que ela ficaria em um hospital, eu soube. Soube o que ia acontecer. Todos os tratamentos, todos os remédios, os enjoos, a tristeza, o drama e o olhar de pena nas pessoas. Mas o pior, o pior de tudo mesmo era falar aos outros que você tinha câncer. Todos ficavam mudos e chocados. “Mas como? Aquela garota era tão bonita. Pobrezinha, uma menina tão jovem.” E pronto, já começavam a falar de você no passado. Como se não fosse sobreviver à doença. Vicky amava todas vocês do mesmo jeito. Só que ela já tinha contado para toda a família e sabia como vocês a olhariam. Então Vicky me contou. E como não poderia? Eu já tinha passado pela mesma coisa. Eu não ia olhar para ela *daquele* jeito — conta Nat com um olhar distante e triste. Olho para as meninas com dúvida.

Afinal, do que Nat estava falando?

— Espera aí, você tá dizendo que...? — questiona Marina, interrompendo-a.

— Sim, Marina. Eu já tive câncer.

Minha boca abre sem que eu perceba. Estou chocada. Como Nat pôde ter tido essa doença? Meu Deus, ela nunca tinha mencionado nada! E também nunca pareceu fraca, doente ou coisa do tipo.

— O quê? Você ainda tem câncer? Nat, pelo amor de Deus...

— Nat, você não pode estar falando sério! Eu nunca...

— E a Vicky sabia? Como ela...

— Ei, ei, ei. Calma aí, gente. A história vem primeiro, depois as perguntas. Quando eu tinha seis anos, fui diagnosticada com câncer. O tratamento demorou cerca de dois anos, mas eu consegui sobreviver, e hoje estou aqui. Viva. Foi a pior fase pela qual eu já passei. Foi a coisa mais triste e dolorosa da vida. É desgastante, você só quer que pare. Que o cansaço pare, que os tratamentos acabem e que os enjoos passem. Bem, a cada seis meses eu faço exames para conferir se está tudo bem, e, no dia em que fui fazer um desses exames rotineiros, encontrei a Vicky lá. Ela me fez prometer que não contaria isso a ninguém. Então eu resolvi perguntar o por quê de ela estar lá. E ela me revelou. E eu tive de jurar mais ainda que não contaria a ninguém. Eu chorei naquele dia. Chorei, gritei, e chorei mais um pouco. Isso não era justo. Não com a minha amiga. Não com uma pessoa tão boa e generosa. Vicky estava lidando com isso do jeito dela. Já tinha se acostumado. Aí ela precisou ser internada, porque seu quadro tinha piorado. E eu passei a visitá-la todos os dias. Vocês ficaram sabendo um mês depois. E nesse mês que vocês não sabiam, ela me obrigou a fazer algo. “Só por precaução”, disse ela. Mas lá no fundo, eu sabia que Vicky estava se preparando para morrer. E essa lista — diz Nat, apontando para a bolsa dela — foi a forma de ela dizer adeus.

Ninguém diz nada, apenas esperamos que Nat termine logo de contar a história para que possamos enchê-la de perguntas.

— Bem, logo que a Vicky me contou de seu plano, eu achei que era uma grande estupidez. Só que ela me convenceu. Me disse que no dia seguinte tudo seria melhor, e que nós nunca nos esqueceríamos dessa noite. Então eu concordei em ajudá-la. Era o mínimo que eu podia fazer. Desse modo, eu escrevia a lista, enquanto ela me ditava. A cada item que eu ouvia ela dizer, eu ficava surpresa. Meu Deus, como ela sabia o segredo de todo

mundo? Então Vicky me contou. A enfermeira do hospital que cuidava dela era uma velhinha muito simpática e competente. Também era conhecida por ser a pessoa mais bisbilhoteira da cidade. No entanto, ela nunca contava a ninguém o que via. Até que Vicky virou a melhor amiga da enfermeira. Jesus, não tinha ninguém que as separasse. Foi assim que Vicky descobriu quase tudo. Vicky usou tudo que sabia para criar essa lista. Ela me disse que, se descobríssemos juntas, seria mais fácil, porque tínhamos uma a outra. Isso que aconteceu na casa do pai de Samanta não estava planejado. O plano era que fôssemos à casa do seu pai e que você tivesse a coragem de contar à Marina. Não saiu conforme nós esperávamos.

— Bem, continuando, ela sabia de você, Marina, porque estava lá naquela festa. Tudo que Vicky fez foi me contar e me fazer ver pelo seu ponto de vista. Ela queria que você contasse ao Gabriel. Eu disse para colocarmos na lista então. Por mais que doesse saber que você não tinha me contado, eu sabia que em você doía mais ainda. Doía porque meu irmão nem se lembrava. Então eu simplesmente soube que tinha de fazer a coisa certa, para que você fosse corajosa. E, Sam, cuidado com as coisas que você joga fora. Você nunca sabe quando alguém vasculha o seu lixo. Lembra daquela carta que você escreveu se declarando para o Gustavo, mas depois amassou e a jogou no lixo de um café? — Ela tira algo do bolso, e é um papel amassado. A minha carta. — Se você me permite eu posso ler.

Cansada demais para dizer que não, faço um sinal para que Nat siga adiante. As outras meninas estão morrendo de curiosidade para saber o que está escrito na carta.

— “É quase Natal. Não sei como isso foi acontecer. Não sei como eu deixei que o tempo me atravessasse como se eu fosse algum tipo de fantasma. Esse ano foi como uma montanha-russa. Altos e baixos. E loopings capazes de fazer qualquer um vomitar as tripas para fora. Estou presa no mesmo looping *há anos. Na mesma história, com os mesmos personagens. Não sei mais como é me*

sentir normal. Não faço ideia. Só sei que não consigo lidar com essa bagunça na qual me meti. Como posso parar? Como posso desacelerar e voltar a ser quem eu era antes? *Está aí a resposta: não posso. Porque não dá para simplesmente voltar no tempo. Daqui a dois meses é Natal. O que terá acontecido até lá, nesse pequeno espaço de oito semanas? Só não quero ser a garota que passa o verão inteiro recolhendo os pedaços. Mas que pedaços? Pedaços de mim mesma, pedaços de você, Gustavo, pedaços que você não preenche. Só queria parar. Desacelerar esse sentimento até elevá-lo a nada. Mas é difícil. Não consigo. Não dá mais. Não é minha culpa. Ou será que é? Não consigo evitar, mergulhei nessa onda e não consigo mais nadar contra a correnteza. Talvez eu não queira mais nadar contra. Pois, Deus, e se der certo entre nós dois? E se... Mas não. Não dá. Não dá simplesmente para ligar para você e dizer: 'ei, penso em você de um jeito que uma amiga não deveria, e estou apaixonada por você...'. Simplesmente não dá. Não, não, não. Porque isso será a nossa ruína. A ruína da nossa amizade, certo? Porque eis a verdade, Gu: você não gosta de mim. Não daquele jeito. E eu preciso entender e aceitar isso. Não posso ferrar tudo dessa vez. Meu Deus, o que eu estou fazendo? Não posso..."*

Abaixo a minha cabeça, porque é um pouco humilhante. Graças a Deus, ninguém fala nada e Nat continua a contar a história:

— Bem, eu estava lá e precisei pegar sua carta *emprestada*. Fui até o hospital e contei à Vicky, que meio que já sabia que você estava apaixonada por ele. O próximo item estava decidido, então. A última coisa que Vicky descobriu foi que você era adotada, Daphne. Como eu tinha um segredo no hospital, Vicky decidiu ver se vocês também não teriam nada a esconder. Então ela pediu a enfermeira Janaína que verificasse o arquivo de vocês, já que todas nós frequentamos o mesmo hospital.

Na ficha de Daphne estava tudo limpo, a não ser um mínimo e quase imperceptível detalhe. Quando ela tinha catorze anos foi fazer um exame de sangue para conferir se tudo estava bem, e o resultado saiu normal. Sem preocupações, então. Só que Janaína

trabalha naquele hospital há vinte anos por alguma razão. Ela viu que o sangue da Daph era O negativo. O sangue de sua mãe era A negativo, e o de seu pai era AB positivo. Então Janaína soube que Daphne era adotada. Vicky sabia que Daphne acabaria contando a todas nós em algum dos desafios. Antes tarde do que nunca, não é? — Ela respira fundo, como se tivesse tirado um grande peso das suas costas. Como Vicky pôde ter pensado em tantos detalhes? Por que ela se importava tanto com que nós fôssemos corajosas? Por que Vicky queria que nós contássemos tudo para as outras?

— Meu Deus, você vasculhou o meu lixo? O que mais você fez? — indago.

— Espera aí, se você estava seguindo a Samanta, você deve ter me seguido também — conclui Daph. — Você seguiu o Lucas, certo? Nat, você sabia que ele era gay? — pergunta ela, sem ao menos acreditar.

— Olha, eu segui todo mundo. Até ele. Só que o Lucas sempre se escondeu muito bem. Eu não tinha certeza disso, mas sabia que ele guardava algum segredo — afirma Nat.

— Como você sabia que a gente estaria aqui? — pergunto.

— Bem, Daphne mandou uma mensagem para o Caio, que mandou outra para o Alex, que estava comigo. A gente só veio pra cá. Como *você* soube que a Sam e a Daphne estariam aqui? — pergunta Nat a Marina.

— Seu irmão me trouxe aqui.

— Ah, é claro.

— Meu Deus, eu simplesmente não acredito que você e a Vicky bolaram tudo isso. Sério, é assustador, mas meio legal também. Por que a Vicky se importava tanto? Por que não disse ao menos adeus? — questiona Marina, com os olhos marejados.

Neste momento, estamos a ponto de chorar. No entanto, eu não posso chorar. Não vou e não quero. Já chorei muito por uma noite, e acho que Vicky gostaria que nós brindássemos e sorríssemos. Então

chega. Ninguém mais vai chorar esta noite. Tivemos drama para uma vida toda.

— Porque ela queria que vocês se lembrassem desta noite como a noite em que foram corajosas por causa dela. Por causa da lista. Vicky não queria um simples adeus. Ela queria algo mais profundo, que marcasse para sempre. Mas também fez a lista, porque era preciso um pouco de coragem na vida de vocês. Qual é, gente! Depois dessa noite nada mais será igual. Sempre teremos coragem. Porque sabemos que podemos perder se tivermos coragem, mas ah... ah, mas quando a gente ganha... acho que não há nenhuma palavra que possa definir ou explicar. Essa foi a maneira de Vicky deixar a marca dela no mundo. E eu não poderia pensar em um jeito melhor e mais marcante — explicar Nat com os olhos brilhando.

Uma lágrima escorre do rosto de Daphne, mas ela se apressa em limpar. Deve pensar a mesma coisa que eu.

— Quer saber? Chega disso. Não choremos mais. O dia acabou de amanhecer e a gente tem alguns assuntos para resolver ainda. O que vocês me dizem de dar o fora daqui e ir enfrentar a realidade? — pergunta Daphne, levantando-se do banco.

Eu também me levanto.

— Acho que isso é um sim, então. Vamos — diz ela, e nós a seguimos.

Não faço ideia para onde Daphne está nos levando, mas sei que é na direção certa. É na direção certa porque estamos com as pessoas certas.

:):(:):0:|:P

Caio, Alex e Rodrigo estão sentados na calçada, enquanto Gabriel está de pé, contando alguma coisa para eles. A conversa parece estar descontraída, tendo em vista de que estão rindo.

— Eu pensei que os meninos tinham ido embora e desistido dessa ideia, como todo mundo faria — murmuro baixinho para que apenas

as meninas possam me ouvir.

— É, mas acontece que eles não são todo mundo, aparentemente — responde Daphne com um sussurro.

Logo que os meninos nos veem, eles se levantam. Vou ao encontro de Rodrigo.

— Pensei que você estaria a quilômetros de distância a essa altura do campeonato — digo, dando um sorriso. — Acho que acabamos assustando vocês.

— Bem, foi intenso e um pouco doido. Mas todos os amigos brigam. Você precisa ver quando nós três brigamos. Sai até cadeira voando. — Rodrigo dá risada.

Eu rio também. Como uma pessoa totalmente desconhecida pode não ir embora depois da loucura que aconteceu? Depois de todo aquele drama insano?

— Então vocês ficaram aqui no estacionamento nos esperando? — pergunto.

— ã-hã. Foi ideia do Gabriel. Vocês precisavam de um tempo para se resolverem. — Ele olha para as meninas, que conversam com Caio e Alex. Todos estão rindo. — E, pelo que estou vendo, isso deu certo.

— Foi complicado, mas acho que deu sim — respondo, me lembrando do que acabou de acontecer.

Foi intenso e dramático, mas conseguimos passar por isso. Porque é isso que amigas de verdade fazem. Elas não falam mal das outras, nem têm inveja umas das outras, nem são oportunistas querendo aproveitar-se de algumas situações. Não. Elas se importam muito, te amam tanto, que — mesmo que doa — te jogam a real. E, se preciso for, te dão lição de moral, mesmo que isso doa lá no fundo. Amigas de verdade não têm medo de jogar um balde de água fria para apagar o fogo que nos consome.

Se elas dizem que você tem de mudar as suas atitudes, é porque elas querem que a sua vida seja boa. Que não volte a cometer os mesmos erros. Apontam o seu erro, mas não a abandonam. Elas ficam ali, para que você corrija o erro e tente de novo. Amigas de verdade não se importarão se você falhar, ou se você vier a estragar tudo de vez em quando. No final do dia são elas que sempre estarão lá para te ajudar, por mais que o erro tenha sido algo tremendamente idiota.

— Então... para onde você foi quando correu? — questiona Rodrigo, trazendo-me de volta à realidade.

— Num lugar que eu jamais deveria ter ido. Foi um erro, para falar a verdade. Depois de alguns minutos lá, eu percebi que estava tudo errado. Então eu voltei. Voltei, porque eu tinha esperança de poder consertar as coisas. E, bem, esperança de te ver de novo e pedir desculpa.

— Desculpa?

— É, quer dizer, eu fugi. Corri de você. Logo de você, que me ajudou tanto nesta noite. Eu sinto muito — confesso, virando o rosto.

Ele coloca sua mão em meu rosto, puxando para que eu possa encará-lo.

— Ei, está tudo bem. Você pode ter fugido, mas você está aqui agora. Você voltou, e é isso o que importa — diz Rodrigo, sorrindo.

E, ai meu Deus, eu não quero nem saber. Não me importo se ele me achar uma atirada ou uma oferecida. Talvez eu não tenha mais a mesma chance novamente. Uma das coisas que eu aprendi esta noite foi que dificilmente uma chance boa aparece de novo. Se você não a agarra com todas as suas forças, ela vai embora. Vai e não volta mais. Você pode passar o resto da sua vida pensando "e se...?".

E este sentimento é um dos piores que se pode sentir na vida, se não o pior. É horrível você se sentir culpada ou arrependida por algo

que poderia ter feito, mas não teve coragem. A cena fica se repetindo em sua cabeça a todo instante, como se, de alguma forma, você pudesse mudar a sua decisão.

Só que o negócio é que a gente nunca pode mudar o passado. Se você deixa uma boa oportunidade passar, ela pode nunca mais voltar. E demora muito tempo até que você consiga lidar com a lembrança sem que doa tanto. Sem que você se culpe tanto.

Sendo assim, decido que não. Não vou mais passar o resto da minha vida me perguntando o que poderia ter sido, ou o que eu poderia ter feito. Eu saberei o que será. Saberei por que farei o que eu quero, sem medo das consequências.

Então, sem pensar duas vezes, beijo Rodrigo novamente.

precisa fazer isso se não quiser — diz Rodrigo e sinto ele se aproximar.

Abro um olho e o vejo sorrindo.

— Mas eu quero. Esse é o problema — digo e olho para baixo, onde Daphne, Caio, Gabe, Alexandre e Nat nadam, gritam e dão risada.

Estou no topo do mundo. Mas sinto medo. Muito medo.

Rodrigo tira as minhas mãos das grades e as segura. *Por favor, não estrague esse momento dizendo que elas são macias*, peço em silêncio.

— Só feche os olhos e corra — orienta ele. — Sempre funciona comigo.

— Não — digo com a voz firme. — Essa é uma coisa que eu tenho de fazer com os olhos abertos, bem abertos.

Ele dá de ombros e sorri.

— O que funcionar para você, está bom.

É a vez de Marina. Ela tira os saltos e os deixa aqui. Seu corpo inteiro treme e seu olhar está petrificado. Penso que Marina vai desistir, mas depois de meio segundo, ela pula. Eu levo um susto, porque eu não esperava isso dela. Ouço seu corpo se chocar com a água e sinto um tremor passar pelo meu corpo.

Invadimos um clube aquático no qual nós sempre passávamos (Vicky, inclusive) os verões ensolarados tomando sol e fofocando. Neste clube há dois tipos de piscinas: as aquecidas, que ficam na área mais afastada; e as piscinas geladas, que ficam mais perto da entrada, que são as mais divertidas e mais frequentadas por jovens. Na ala das piscinas geladas há uma piscina para crianças e uma piscina com tobogã de um lado e um trampolim do outro, que torna-se cada vez mais funda à medida que nadamos. Chega a três metros de profundidade.

Adivinhe em quais dos lados estamos? Estamos no lado da piscina em que há um trampolim enorme, é claro. A mesma coisa acontecia em todos os verões: nós gastávamos o dia todo tentando tomar coragem para saltar do terceiro andar do trampolim — que é alto, alto e alto. No final, acabou que nenhuma de nós pulou.

Até hoje.

O último item da lista, evidentemente, é este: pular do terceiro andar do trampolim. Coisa que nem a própria Vicky foi capaz de fazer. No momento em que o táxi nos largou na entrada do clube aquático, todas nós já sabíamos o que teríamos de fazer em seguida. Um sentimento de euforia misturado com medo se apoderou de nossos corpos, liberando adrenalina.

— E como diabos vamos entrar? — perguntou Marina, a sensata, assim que eu desci do táxi.

— Também quero saber — eu disse.

Nat apenas deu de ombros, tirou os saltos e começou a pular o muro.

— De novo, não! — murmurei. Mas foi ineficaz, pois todos nós acabamos invadindo o clube. O que não poderia ter sido mais malandro, se vocês querem saber.

Assim que atravessamos, corremos até as piscinas geladas e pulamos mais grades e afins. Rodrigo e eu estávamos mais distantes do grupo todo, já que os meus pés estavam cheios de bolhas causadas pelo salto alto.

Antes de começar a subir as escadas que levavam ao terceiro andar do trampolim, Rodrigo me puxou para o lado e perguntou:

— Você vai me passar o seu número, não vai?

Mordi o lábio. A noite havia sido doida, intensa e única. E, em parte, por causa dele e de seus primos. E quando o dia clareasse, meu Deus? O que seria? A magia continuaria? Ou eu perceberia que essa noite não passou de um sonho, algo que acontece uma única

vez na vida? Será que ele continuaria sendo este garoto, ou se transformaria em alguém diferente?

Meu Deus. E se ele fosse igual ao Gustavo? E se o Rodrigo fosse aquele tipinho barato de garoto que pega todas na balada e depois anota os seus telefones só para ter uma agenda cheia e o coração vazio? E se...

Parei de me perguntar isso. Eu nunca saberia se não tentasse. Se ele for igual ao Gustavo? Que pena, pois então Rodrigo seria só mais um nesse vasto mundo. Eu precisava tentar. Porque a vida é valiosa demais para passar noites insones se perguntando "e se...".

— Se você for realmente me ligar — afirmei, sorrindo. Ele sorriu de volta. Ficamos nos olhando. Quanto tempo isso durou? Não sei. Nem quero saber. Engraçado como as horas parecem algo supérfluo ao ser comparada com o tempo que dura um olhar.

Rodrigo me puxou e me beijou. E isso respondeu a minha pergunta. Então aqui estou eu. No topo do mundo. Onde dor nenhuma pode me atingir. Onde ter o coração quebrado não é algo permitido. Onde apenas a coragem importa. A coragem e a vontade de pular.

— Minha vez — sussurra Rodrigo e se afasta de mim.

Não volto a me agarrar à grade. Fico de olhos bem abertos e o vejo correr, até seu corpo desaparecer. Vou até a borda do trampolim. O corpo dele se choca com a água e todos gritam. Segundos depois, ele emerge da água e acena para mim. Todos estão lá embaixo, me esperando, acenando e gritando para que eu pule. Mas ainda não estou pronta.

O dia está amanhecendo, e eu ainda não estou pronta.

Só de olhar lá para baixo, meu corpo fica mole e minha visão fica turva, o que só pode significar uma coisa: eu tenho medo de altura. Tenho medo de altura e nem sabia disso. Engraçado como a gente pode passar a vida toda sem saber tudo sobre nós mesmos. Mas é aí que está: a vida é um inesgotável descobrimento. Descobrimento

sobre nós, as coisas e os outros. E tem gente que nem se dá conta disso. Tem gente que passa a vida toda trancafiado na caverna escura, recusando-se a mudar e tentar fazer as coisas de um jeito diferente.

Sabe, as pessoas sempre falam que não se pode ter tudo. Mas eu tive. Eu tive tudo que sempre quis por uma noite. Tive medo e agi mesmo assim. Tive a noite mais divertida da minha vida. Tive coragem de me confessar para o meu melhor amigo. Quebrei a cara, e um garoto legal apareceu para me salvar. Briguei com as minhas amigas, mas — de alguma forma — isso só fortaleceu a nossa amizade. É, acho que consegui tudo isso. Sei que quando acordar daqui a algumas horas tudo será diferente. Mas no dia hoje, nesta noite, eu tive tudo. E isso basta para mim.

Essa noite eu descobri muitas coisas. Uma delas é que a vida está aí para quem muda constantemente. Para quem não tem medo de arriscar e jogar tudo para o alto por causa de um sonho louco do coração. A vida é mais do que medo e carinhas filhas da mãe. A vida é para ser vivida de um jeito intenso e louco. Vicky pode ter vivido pouco, mas viveu muito mais do que pessoas de seus oitenta anos. Quantas pessoas podem dizer que tiveram uma vida plena em vez de apenas “existida”?

Luzes começam a se acender no clube. Escuto um barulho de pessoas descendo a escada e vindo para a ala das piscinas geladas. O que só pode significar uma coisa: fomos descobertos e há pessoas vindo.

— Rápido, Sam! — grita Nat. — Alguém vem vindo! Você precisa pular agora!

Respiro fundo. E é aí que eu chego a outra descoberta. Descubro que coragem nem sempre significa conseguir o que quer. Que, na maioria das vezes, significa se ferrar bonito. Na verdade, acho que coragem significa fazer tudo aquilo que está ao nosso alcance. Mesmo que nos cause dor. Mesmo que a revelação faça você quase morrer de tanto medo. E mesmo que não resulte em nada. Mesmo

que você não ganhe o príncipe encantado ou o pote de ouro ao final do arco-íris. Mas aí eu penso: quem precisa de príncipe mesmo? O importante é ter coragem para se enfrentar, para se reerguer e para se reinventar. O resto? É resto. E se é resto, não importa.

Por mim, tudo bem se ferrar às vezes, porque eu sei que isso não acontecerá sempre. Tudo bem levar quinze “nãos”. Tudo que eu preciso para mudar a minha vida é um simples “sim”. Então, na verdade, não importa que demore para conseguir o que quero. Sei que vou vencer, e é tudo uma questão de tempo. Uma questão de tempo e de tentativas.

Todos os meus amigos me esperam lá embaixo. Pular nessa água não significa só pular em uma porção de água. Significa dar adeus à garota que eu era no começo da noite e dizer olá para o novo eu. A destemida. A de coração limpo, pronta para outra.

— Anda, Samanta! — grita Daphne.

Seguranças aparecem de todos os lugares com lanternas. Alguém vem subindo a escada, porque o trampolim se remexe todo, e esse alguém me impedirá, não me deixará pular.

Então por que simplesmente não corro e pulo? Pular significa dizer adeus a essa noite. E eu odeio despedidas, porque amanhã... O que será de mim amanhã? O que será de todos nós? Quero que isso dure para sempre, mas sei que acabou. Que está prestes a acabar e, *aimeuDeus*, o segurança já está no segundo andar do trampolim, está chegando e ele não vai me deixar dizer adeus. *Isso é bom ou ruim?*, me pergunto. Mas se não dizer adeus, como é que seguirei em frente, como é que acordarei amanhã sabendo que não cumpri o último desafio?

Preciso fazer isso.

Pela Vicky.

Pelas minhas amigas.

E por mim mesma.

— Pode ir parando aí! — diz o segurança segurando um porrete e uma lanterna, não sei o motivo, tendo em vista que já amanheceu. Estou na ponta dos pés. É só me jogar. — Nem pense em fazer isso!

— Samanta! — todos gritam. Seguranças pulam dentro da piscina para pegá-los.

Todos gritam ainda mais.

Ou eu pulo e digo adeus, ou eu não pulo e fico com o gosto do adeus na boca para sempre. Por que não pulo? Por que é tão difícil pular? Olho para trás. O segurança caminha até mim. Vejo nos olhos dele o reconhecimento: ele sabe que eu não vou pular. E isso desperta algo dentro de mim. Ele nem ao menos me conhece. Como pode me julgar assim? Me subestimar deste jeito?

Vou provar a ele.

Vou provar a todos que estavam errados.

Então sorrio.

Me viro.

E pulo.

NOTAS

[1] "(...) and thousands upon thousands made an ocean making islands where no island should go". Referência à música "Transatlanticism", da banda norte-americana Death Cab for Cutie.

[2] Então garotos testosterona e garotas arlequim, vocês vão dançar esse ritmo e segurar um amor bem de perto?

[3] Vamos bater esses corações adolescentes mais rápidos, rápidos...

[4] E segurar um amor bem de perto...

[5] Uma família de árvores queria ser assombrada...

[6] Verso da canção "Like A Rolling Stone", de 1961, de Bob Dylan, cuja tradução é: "Quando você não tem nada, você não tem nada a perder".

Table of Contents

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Epígrafe](#)

[PROLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[NOTAS](#)